

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DAS RELAÇÕES  
POLÍTICAS**

**THIAGO VIEIRA DE BRITO**

O Despertar da Presença: a tensão epistemológica na filosofia da história de Gumbrecht

**VITÓRIA  
2014  
THIAGO VIEIRA DE BRITO**

## **O DESPERTAR DA PRESENÇA**

A tensão epistemológica na filosofia da história de Gumbrecht

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Julio Cesar Bentivoglio.

**VITÓRIA  
2014**



**THIAGO VIEIRA DE BRITO**

**O DESPERTAR DA PRESENÇA**

A tensão epistemológica na filosofia da história de Gumbrecht

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Aprovada em                      de                      de 2014.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Julio Cesar Bentivoglio**  
PPGHIS/UFES – Orientador

---

**Profa. Dra. Adriana Campos Pereira**  
PPGHIS/UFES – Membro Titular

---

**Prof. Dr. Valdei Lopes de Araújo**  
PPGHIS/UFOP - Membro Titular

---

**Prof. Dr. Josemar Machado de Oliveira**  
PPGHIS/UFES - Membro Suplente

Com amor e carinho à minha mãe Ana Maria.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todas as pessoas que nesses dois anos de estudos e pesquisas me honraram com seu valioso apoio. Que nas horas mais difíceis, quando estive doente por quase um ano, me apoiaram e compreenderam minhas ausências e faltas. Quero agradecer imensamente meu orientador Julio Cesar Bentivoglio, que desde os meus tempos de graduação acreditou no trabalho e na minha capacidade de pesquisa e me acolheu nas atividades acadêmicas de seu grupo de estudo, sendo gentil quando reconhecia meus avanços e severo nos momentos em que por algum motivo não correspondi ao esperado. Essa dissertação não poderia ter acontecido sem as valiosas lições que recebi dele e também seus conselhos sempre precisos para me guiar por um caminho de sucesso em minha jornada. Tenho que agradecer imensamente ao professor Thiago Nicodemo, por ter me estimulado e criticado meus escritos iniciais, além de ter me apresentado uma perspectiva diferenciada dos temas que investiguei. Ao professor Valdei Lopes de Araújo agradeço por sua análise de meu texto ainda na qualificação e suas observações estimulantes que me serviram de impulso para avançar na pesquisa. À professora Adriana Campos Pereira pelos alertas em relação a minha textualidade e pela atenção e carinho que demonstrou pela minha pesquisa desde a minha qualificação. Ao professor Davis Alvim por, ainda em meus períodos iniciais de graduação ter me despertado a paixão pela Filosofia e Teoria da história. Um agradecimento especial aos meus amigos e companheiros de jornadas acadêmicas Marcelo Durão, Leonardo Grão Velloso, Rüsley Biasutti e Hugo Merlo pelas as nossas ricas conversas informais sobre o atual estado de coisas nas humanidades que em muito inspiraram a pesquisa. A minhas amigas e colegas de pós-graduação Marcela Vitali e Ruth Cavalcanti pelo apoio e carinho mútuo nas horas mais complexas do processo de conclusão das atividades acadêmicas. À minha mãe pelo carinho, paciência e apoio incondicional na execução de um projeto de vida acadêmica. Agradeço também a FAPES seu apoio insubstituível com a bolsa de mestrado que me concedeu.

## O despertar da presença - A tensão epistemológica na filosofia da história de Gumbrecht

**RESUMO:** Essa pesquisa investiga a obra de Hans-Ulrich Gumbrecht e tenta produzir a partir de então, uma biográfica intelectual do autor. A partir daí proponho uma interpretação do lugar que Gumbrecht ocupa nas humanidades atualmente, apresentando suas influências e produções de conceitos originais, tais como *presença* e *stimmung*. Destaco também as possibilidades teóricas que sua obra oferece ao trabalho do historiador como reflexão no campo da filosofia da história, além de verificar qual a natureza da tensão epistemológica presente também nas obras de Gumbrecht. Por fim tento esboçar uma arqueologia de sua singular compreensão sobre a temporalidade pós-moderna.

**Palavras-chave:** filosofia da História; Gumbrecht; temporalidade; presença; *stimmung*.

**ABSTRACT:** This research investigates the work of Hans-Ulrich Gumbrecht and tries to produce thereafter, an intellectual biography of the author. From then I propose an interpretation of the place that Gumbrecht occupies on the humanities currently, then I show their influences and productions of original concepts, such as *presence* and *stimmung*. I also emphasize the theoretical possibilities that his work offers to work as a reflection of the historian in the field of philosophy of history, in addition to verifying the nature of the epistemological tension also present in the works of Gumbrecht. Finally I try to sketch an archeology of its unique understanding of postmodern temporality.

**Keywords:** philosophy of history; Gumbrecht; temporality; presence; *stimmung*.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
1 GUMBRECHT: UM ESBOÇO BIOGRÁFICO .....	18
2 ANTES DE APRENDER COM A HISTÓRIA .....	46
3 DEPOIS DE APRENDER COM A HISTÓRIA .....	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	106

## INTRODUÇÃO

A emergência do conceito de *presença* no fim do século XX é o principal ponto de reflexão de Hans Ulrich Gumbrecht, bem como também é essa a parte de seu pensamento que penetra nas bases constitutivas da hermenêutica contemporânea e



a problematiza. Intelectual de ascensão precoce na Alemanha, Gumbrecht se tornou referência fundamental para o debate acerca do uso da hermenêutica na prática da teoria literária desde os anos 1970. Inicialmente alinhado com os pressupostos epistemológicos lançados por Hans Robert Jauss da *estética da recepção*<sup>1</sup>, rapidamente se frustra e rompe com essa proposta. Durante os anos 1980 junto com intelectuais de sua geração organiza uma série de colóquios para debater uma alternativa as velhas concepções dominantes na teoria literária germânica sobre como deveria ser produzida a interpretação a partir da hermenêutica<sup>2</sup>. Os colóquios resultam em uma proposta de alternativa – intitulada materialidade da comunicação – as tradicionais bases epistemológicas da modernidade e propõem uma nova agenda para as ciências humanas na posteridade. O conceito *presença* nasce neste contexto como uma recuperação de uma visão histórica medieval que permitiria uma *reação* à crise epistemológica estabelecida pelo questionamento às bases da produção do conhecimento e que foi agravada durante a modernidade.

O primeiro desdobramento da tentativa de definir *presença* passou pela desconstrução da hegemonia de outro conceito, o conceito de *sentido*. Em seu artigo *Até que ponto a construção de sentido faz sentido?*<sup>3</sup>, Gumbrecht lança as bases que serviriam de apoio para a edificação posterior do conceito de *presença*. Respondendo a sua própria pergunta Gumbrecht foi enfático ao pontuar que,

“a proposta de analisar a construção de sentido como uma operação [...] levanta uma nova questão: temos de ter à disposição, de acordo com a elevada variação do quadro de condições de construção de sentido, uma multiplicidade de diferentes modalidades de sentido e de significado? Até agora, eu não tomaria como certa nenhuma resposta a esta pergunta; mas justamente esta interrogação parece ser importante em uma situação epistemológica, na qual estamos, há bastante tempo, conscientes do fato

---

<sup>1</sup>Literaturgeschichte als Provokation der Literaturwissenschaft, in: JAUSS, Hans Robert **Literaturgeschichte als Provokation**, Frankfurt, Suhrkamp, 1970. Ver a tradução brasileira de Sérgio Tellarolli. **A história da literatura como provocação à teoria literária**, São Paulo: Ática, 1994.

<sup>2</sup> Estes colóquios na cidade de Dubrovnik, realizados no antigo território iugoslavo foi importante para os caminhos novos que Gumbrecht tomara após o abandono da *estética da recepção*.

<sup>3</sup>GUMBRECHT, Hans-Ulrich. Até que ponto a construção de sentido faz sentido? : Retrospectiva californiana de uma questão alemã. **Floema**. Vitória da Conquista, ano 1, n.1, p. 89 – 105, 2005.

de que nossos conceitos, sempre que os aplicamos à cultura contemporânea, revelam-se insuficientes para descrever e analisar a construção de sentido”<sup>4</sup>

O que fica latente em sua indagação é que, para Gumbrecht existe um esgotamento das possibilidades interpretativas do sentido no contexto pós-moderno, tornando as tentativas incessantes da interpretação insuficientes. Este primeiro problema o levaria a questionar a hegemonia do *sentido* na compreensão dos objetos de estudo.

Esse espaço *cinza* na composição das coisas – o espaço da manifestação *presencial* das coisas – seria denominado por Gumbrecht como *campo não-hermeneutico*<sup>5</sup>, ou seja, seria o aspecto das coisas que a hermenêutica não consegue penetrar. Nas palavras de Gumbrecht a definição de *campo não-hermeneutico* ou o que ele também passou a chamar de *materialidade da comunicação*, “são todos os fenômenos e condições que contribuem para a produção de sentido, sem serem, eles mesmos sentido”<sup>6</sup>.

A definição deste desdobramento epistemológico, aos poucos caminhará para dar forma ao conceito de *presença*, ao mesmo tempo em que se afastava da prática da interpretação. Sob grande influência do filósofo Heidegger e se utilizando também de suas reflexões, esse caminho lentamente levou Gumbrecht a se distanciar das expectativas da grande maioria dos intelectuais de sua geração, que estavam mais inclinados a tentar aprofundar a importância da investigação dos *sentidos* das coisas, ao invés de perceber algo para além do sentido.

A *presença* finalmente estava – a partir da noção de esgotamento da hermenêutica e da percepção do *campo não-hermeneutico* – pronta para ser esboçada, e ela consistiria na parte material de fato, na via pelo qual o homem tem acesso ao

---

<sup>4</sup>Ibidem, p.103

<sup>5</sup>GUMBRECHT, Hans-Ulrich. O campo Não-hermenêutico ou a Materialidade da comunicação. In: ROCHA, João César de Castro. **Corpo e forma**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

<sup>6</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Produção de presença**: O que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010. p.28

sentido, ou seja, nas formas de expressão em que a comunicação se materializa. Essas formas são múltiplas, podem ser oralizadas, ou expressas em formato de texto escrito a mão ou datilografado, assim como em formato digital.

A forma se tornaria, para Gumbrecht, elemento fundamental para a investigação intelectual, pois o conceito de *presença* pressupõe o contato do investigador com o objeto, pois se o contato com as coisas se transforma, a interpretação delas também acompanharia essa mudança. Gumbrecht define a presença em seu livro *Produção de presença*<sup>7</sup> afirmando que

“[...] falar de “produção de presença” implica que o efeito de tangibilidade (espacial) surgido com os meios de comunicação está sujeito, no espaço, a movimentos de maior ou menor intensidade. Pode ser mais ou menos banal observar que qualquer forma de comunicação, com seus elementos materiais, “tocará” os corpos das pessoas que estão em comunicação de modos específicos e variados”<sup>8</sup>

O caminho pelo qual Gumbrecht propõe lidar com os problemas epistemológicos postos para as Ciências Humanas no contexto pós-moderno se diferencia das convicções epistemológicas hegemônicas estabelecidas entre os intelectuais do ocidente na contemporaneidade. E esta disparidade revela uma tensão em sua obra, que ao mesmo tempo se anuncia também como algo maior, presente nos debates contemporâneos. A tensão entre *sentido* e *presença* revela uma disputa por poder, no seio do debate epistemológico acerca da hermenêutica e sua função. Essa tensão se estende também sobre a produção historiográfica, que tem na hermenêutica uma de suas principais ferramentas de produção do conhecimento.

A existência do *impasse* epistemológico revelado por Gumbrecht é de fundamental importância para ampliar a capacidade de investigação historiográfica. Se

---

<sup>7</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Produção de presença**: O que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

<sup>8</sup> Ibidem, p.38

considerarmos que Gumbrecht não se preocupou em sistematizar metodologicamente o impacto de sua visão sobre a *presença* na história, perceberemos que ao menos circunstancialmente<sup>9</sup> ele se preocupou indiretamente com o debate historiográfico, e é por este motivo que sua obra deve ser investigada. Essencialmente, Gumbrecht deve ser estudado pelas possibilidades que suas ideias anunciam, seja esse fim surpreendente ou frustrante quando levado a cabo.

Por fim, o debate em torno da tensão entre *sentido* e *presença* estabelece um problema. Este problema trata da relação política que compõe as motivações que estão presentes nas entrelinhas do debate epistemológico sobre o esgotamento ou não da hermenêutica. Por isto este trabalho almeja e propõe um mapeamento das questões e motivações políticas e teóricas do próprio Gumbrecht, bem como daqueles que ele supostamente a ele se antagonizam. Trata-se em última instância de saber até que ponto este debate é de fato importante, ou trata-se de um falso debate em torno de um antagonismo sem consequências sérias ou desdobramentos epistemológicos de fôlego.

O objetivo fundamental da pesquisa foi apresentar e problematizar uma biografia intelectual de Gumbrecht e detalhar a forma como ele produziu seu principal conceito, ou seja, a ideia de *presença* em antagonismo com a ideia de *sentido*. Esse objetivo primário possibilitou vislumbrar uma visão panorâmica da obra de Gumbrecht. Como um desdobramento dessa tarefa inicial, buscou-se colocar sob um novo olhar as propostas de Gumbrecht em relação à produção de conhecimento historiográfico, de modo que empreendemos esboçar um mapeamento de sua obra em busca de uma proposta concreta, metodológica e teórica, para a produção do conhecimento histórico. Em seguida, analisamos em que medida e em que formato se materializa o debate político e institucional em torno da tensão ou impasse epistemológico revelado pela singular ótica *gumbrechtiana* de sua obra.

---

<sup>9</sup> Gumbrecht esboça uma *teoria da história* em seu livro **Em 1926**.

O avanço da pesquisa abriu novos horizontes sobre as possibilidades historiográficas nas reflexões de Gumbrecht. Ao avançar na busca incessante por possibilidades historiográficas me deparei com o nascimento do conceito de *stimmung*, que a primeira vista surgia de maneira furtiva como possibilidade historiográfica, embora fosse muito mais fértil que a própria experiência esboçada no livro *Em 1926*.<sup>10</sup> Trata-se do grande vislumbre do autor segundo o texto que se segue. A *stimmung* é uma derivação de todo o debate sobre *materialidade da comunicação, campo não-hermenêutico e presença*. É como um *coroamento* de reflexões de quase três décadas de vida intelectual, com o qual satisfiz muitas das angústias intelectuais e epistemológicas que eu tinha ao começar essa pesquisa.

O referencial teórico inicialmente adotado assemelhou-se a uma investigação temática, tal como proposta pelo próprio Gumbrecht, em última instância, tentando localizar o lugar de sua obra na proposição de mudança epistemológica que ele mesmo elenca e não se propõe a responder. Tratava-se essencialmente de uma investigação temática relacionada aos seus desdobramentos no campo da teoria e da filosofia da história.

Não seria produtivo, nem justo, colocar o pensamento de Gumbrecht à luz de teorias que ele mesmo busca responder e se afastar durante toda sua obra e que não estão temporalmente em posição viável de análise, pois são anteriores e quando foram escritas não pressupunham os desdobramentos epistemológicos e problemas com os quais Gumbrecht e toda a atual geração de intelectuais têm de lidar. Por este motivo me resguardei em não propor um referencial teórico enrijecido e me dispus a ter cautela na instrumentalização de autores específicos para a investigação das ideias de Gumbrecht.

Dessa maneira, detive-me nos diálogos intelectuais que Gumbrecht se preocupou em levar cabo com, Martin Heidegger, Reinhart Koselleck, Niklas Luhmann, Michel Foucault e Jean-François Lyotard, dos quais Gumbrecht também é herdeiro e

---

<sup>10</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Em 1926**: vivendo no limite do tempo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

busquei quais as ideias destes se fazem próximas ou recuperadas em Gumbrecht. Para minha grata surpresa, encontrei muito mais influências que estavam no trabalho desses autores do que o próprio Gumbrecht mostrava em sua obra, o que me causou grande sensação de satisfação como pesquisador.

Outro ponto essencial que não foi antecipado, mas surgiu de uma necessidade de meu próprio amadurecimento intelectual, foi a feliz descoberta de onde emanavam teoricamente as reflexões de Gumbrecht. Essa necessidade de saber o *lugar* de onde Gumbrecht falava e em direção a *quem* endereçava suas propostas se agravava na medida em que eu estudava e lia textos sobre o contexto intelectual no qual Gumbrecht habita nos últimos vinte anos, ou seja, a tradição de pensamento anglo-americana. Especificamente a crítica literária norte-americana inundada pelo *desconstrucionismo* de Jacques Derrida. Nesse sentido me foi de grande valor o livro de teoria do historiador brasileiro José Antonio Vasconcelos chamado *Quem tem medo de teoria?*<sup>11</sup>

No mesmo sentido, a sistematização das ideias de Gumbrecht nas reflexões sobre a corrente intelectual da teoria literária alemã na qual Gumbrecht se criou como intelectual, conhecida como *estética da recepção* foram apresentadas a mim pelos trabalhos e entrevistas lideradas pelo historiador da literatura João Cezar de Castro Rocha. A partir dessas informações fui capaz de entender melhor o Gumbrecht mais distante temporalmente e seus *lugares* de origem na tradição intelectual dos estudos literários germânicos.

A pesquisa centrou-se em três etapas sequenciais de trabalho, sendo a primeira a reunião, leitura e fichamento da obra de Gumbrecht como fonte principal para a confecção deste estudo. Em seguida analisei a biografia intelectual e influências do autor pesquisado. As fontes levantadas foram as obras do próprio Gumbrecht, as quais detalharei agora.

---

<sup>11</sup> VASCONCELOS, José Antonio. **Quem tem medo de teoria?** São Paulo: FAPESP, 2005.

Foram selecionados os seguintes trabalhos como fontes historiográficas para a investigação das possibilidades de contribuições de Gumbrecht aos desdobramentos da filosofia da história. Em primeiro lugar o livro de Gumbrecht publicado originalmente em 1977, chamado *Funções da retórica parlamentar na revolução francesa*<sup>12</sup> no qual Gumbrecht propõe uma análise de discursos parlamentares no período da revolução francesa. Gumbrecht nesse livro faz um grande esforço na tentativa de dar conta da *estética da recepção* destes discursos parlamentares no momento em que eles teriam sido proferidos na revolução francesa. Este livro revelou um Gumbrecht ainda comprometido com a *estética da recepção*, mas que ao mesmo tempo já era cético com as possibilidades de execução teórica satisfatória do projeto original.

A reunião dos textos de Gumbrecht no livro *Making Sense in Life and Literature*<sup>13</sup> organizados para serem publicados nos Estados Unidos em 1992 com o objetivo de apresentar para os intelectuais norte-americanos as ideias de Gumbrecht e suas reflexões sobre o contexto da teoria literária germânica, bem como suas ideias sobre modernidade e também as traduções para o inglês de seus textos de abandono da *estética da recepção* e também de apresentação da *materialidade da comunicação* fruto de seus debates nos famosos colóquios sobre teoria literária ocorridos em Dubrovnik sobre a teoria literária alemã.

Outro estudo considerado como fonte para entender as ideias de Gumbrecht foi o livro *Corpo e forma* organizado por João Cezar de Castro Rocha e publicado em 1998 que é uma coletânea de textos e ensaios de Gumbrecht sobre suas restrições ao já abandonado projeto da *estética da recepção*, insatisfações com o estatuto epistemológico dos estudos literários e apontamento das possibilidades de avanço no debate sobre as *materialidades da comunicação* ou *o campo não-hermenêutico*.

---

<sup>12</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Funções da retórica parlamentar na revolução francesa**: Estudos preliminares para uma pragmática do texto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

<sup>13</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Making sense in life and literature**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1992.

O livro *Em 1926* publicado originalmente em 1997 onde Gumbrecht faz seu mais excêntrico experimento e tenta demonstrar uma nova possibilidade de lidar e produzir conhecimento histórico. Utilizando o aparente ano sorteado de 1926, tenta-se fazer uma enciclopédia de assuntos necessários para se transportar para o ano de 1926. O livro que não parece ter alcançado os objetivos anunciados se mostra mais como um ato de rebelião epistemológica do que uma proposta consistente de projeto historiográfico.

*Modernização dos sentidos*<sup>14</sup> é a quinta fonte que utilizei para compreender um pouco das reflexões de Gumbrecht. Este foi um livro de 1998 que reúne ensaios do autor sobre as características e transformações que a modernidade efetuou na percepção dos homens sobre o mundo e os reflexos desta consequência no campo da epistemologia, que deságua no que nos referimos como pós-modernidade.

A sexta fonte historiográfica pesquisada por mim foi o livro *Produção de presença*, que parece ser o exercício mais profundo na dimensão filosófica do pensamento de Gumbrecht. Este livro é uma espécie de resgate intelectual e revisão pessoal de toda uma caminhada acadêmica desde seu início. É a reflexão na qual procurei encontrar a maioria das percepções sobre os textos anteriores e posteriores de Gumbrecht. O livro define e marca a própria emergência da ideia de *presença* num sentido original, mas ainda com bases nas reflexões de Heidegger que é o verdadeiro *pai* do conceito.

A penúltima fonte utilizada por mim foi o livro *Graciosidade e estagnação*<sup>15</sup> publicado em 2012 que também é uma coletânea de ensaios do autor. São ensaios introdutórios sobre historiografia alemã, concepções de temporalidade e introduções à reflexão sobre *presença*.

---

<sup>14</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Modernização dos sentidos**. São Paulo: Editora 34, 1998.

<sup>15</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Graciosidade e estagnação**: ensaios escolhidos. Contraponto: Rio de Janeiro, 2012.



Por fim utilizei o livro *Atmosphere, mood, stimmung*.<sup>16</sup> Este livro de 2012 é a introdução de Gumbrecht sobre sua nova proposta teórica apoiada na ideia de *stimmung*. Apontando um novo caminho para a teoria literária ocidental, neste livro Gumbrecht dá exemplo de como utilizar esta nova e original proposta nos futuros estudos literários.

Para além dos livros lançados e mencionados acima também utilizei como fonte de análise três entrevistas cedidas pelo autor no decorrer de seu percurso intelectual. A primeira foi concedida em 2005 a João Cezar de Castro Rocha, Kathrin Rosenfield, Marília Librandi Rocha e Ricardo Barbosa.<sup>17</sup> A segunda ocorreu em 2009 e foi dada a Juliano Francesco Antonioli e Vitor Claret Batalhone Júnior.<sup>18</sup> A terceira concedida a mim mesmo e a meu professor e orientador nesta pesquisa Julio Bentivoglio.<sup>19</sup>

Tentarei por fim introduzir no que consistiram os capítulos que resultaram da pesquisa. No primeiro capítulo elaboro uma breve biografia intelectual de Hans-Ulrich Gumbrecht, dando ciência ao leitor desta dissertação quem é Gumbrecht e qual seu percurso intelectual, desde os tempos na Alemanha, seu país de origem até o seu momento mais recente como professor nos EUA. Esse capítulo introdutório é muito importante para apontar de onde vem o debate complexo que Gumbrecht faz entre temas da literatura e da história.

No segundo capítulo discuto os desdobramentos epistemológicos engendrados por Gumbrecht antes de seus insights historiográficos e o confronto com seus *adversários* na crítica literária anglo-americana. É nesse capítulo que se compreende a gênese da preocupação de Gumbrecht com o debate historiográfico. Nele tentei pormenorizar também as reflexões e desdobramentos teóricos de

---

<sup>16</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Atmosphere, mood, stimmung**: on a hidden potential of literature. Califórnia: Stanford University Press, 2012.

<sup>17</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. Questões para Hans-Ulrich Gumbrecht. **Floema**, Vitória da Conquista, ano 1, n.1, p.13 – 42, 2005. Entrevista concedida a João Cezar de Castro Rocha, Kathrin Rosenfield, Marília Librandi Rocha e Ricardo Barbosa.

<sup>18</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. Uma conversa sobre história. **Aedos**, Porto Alegre, n.5, jul/dez, 2009. Entrevista concedida a Juliano Francesco Antonioli e Vitor Claret Batalhone Júnior. p.152 – 159.

<sup>19</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. Entrevista de Hans-Ulrich Gumbrecht. **Dimensões**, Vitória, vol.30, jan/jun 2013. Entrevista concedida a Julio Bentivoglio e Thiago Brito. p. 3-16.

Gumbrecht em relação à guinada da *estética da recepção* e a produção resultante da ideia de *materialidade da comunicação*.

No terceiro capítulo debato exatamente quais são ou seriam os principais enunciados que um historiador pode utilizar a partir da leitura de Gumbrecht como elemento de complexificação do debate teórico e filosófico na historiografia. Neste capítulo discuto as influências filosóficas de Gumbrecht e seus diálogos intelectuais para sistematizar o conceito de *presença*, bem como analiso também as possibilidades de utilização de fato do pensamento de Gumbrecht na produção do conhecimento histórico. Essa análise resulta na possibilidade reflexão historiográfica a partir da ideia de *stimmung*. Este momento final foi o grande objetivo deste estudo. Dito isso, convido meu leitor a mergulhar no pensamento de um autor que é *enigmático* para os historiadores por suas incursões literárias e também sua pouca sistematização historiográfica. E um autor que é também *desafiador* aos olhos dos críticos literários por não ter pudor em tratar de conhecimento histórico em assuntos literários.

## 1. GUMBRECHT<sup>20</sup>: UM ESBOÇO BIOGRÁFICO

Não há maneira mais óbvia do que a tentativa de biografar um autor para iniciar um texto sobre o mesmo. Esse texto não propõe nenhuma novidade nessa tentativa. Acredito que antes de querer pensar um autor em sua complexidade historiográfica e seu lugar no campo da historiografia é preciso detalhar e investigar sua dimensão biográfica, bem como seus indícios de personalidade e motivações extratextuais na composição de suas narrativas. Para compor essa tarefa, tentarei narrar à trajetória de Hans-Ulrich Gumbrecht que tem por costume escrever sempre de maneira autobiográfica. Ainda que essa atitude em seus textos apareça de maneira desorganizada e em nenhuma medida sistematizada.

Hans-Ulrich Gumbrecht é um autor vasto e extremamente diverso. Esse é o desafio. Tanto para mim, autor deste texto analítico, quanto para os meus possíveis leitores. A tarefa de projetar um *Gumbrecht* inteligível para a comunidade acadêmica brasileira de historiadores não é algo simples. E aqui quero deixar um aviso ao leitor. Gumbrecht não é um autor fácil para historiadores. E o é menos ainda para historiadores brasileiros, pouco familiarizados com a já tradicional e bem sedimentada discussão na historiografia anglo-americana sobre as problemáticas e – ao mesmo tempo – libertadoras relações entre literatura e história.

Pensar sobre Gumbrecht é antes de tudo pensar em sua nacionalidade. Ele é um intelectual alemão com formação tipicamente alemã. Isso nos diz muito. Para o próprio Gumbrecht ser alemão é uma questão. E isso se evidencia em seu livro de publicação recente (ainda sem tradução no Brasil) *After 1945*<sup>21</sup>. Nesse livro Gumbrecht faz um exercício intelectual no qual propõe um novo conceito: *latência*. A

---

<sup>20</sup> Hans-Ulrich Gumbrecht (1948-) é um crítico literário alemão, radicado nos Estados Unidos da América, onde leciona no departamento de Literatura Comparada na Universidade de Stanford. Como intelectual se caracterizou pela investigação da relação entre a literatura e a história, bem como a busca por alternativas a epistemologia contemporânea da produção do conhecimento voltada apenas para a constituição de sentidos. Notabilizou-se pelos livros *Em 1926* (1997) e *Produção de Presença* (2004), além de outros textos sobre problemáticas da literatura, história e filosofia. Tem grande receptividade no Brasil, onde seu trabalho é conhecido desde os anos 70. Seu último livro *After 1945* (2013) ainda não tem tradução no Brasil.

<sup>21</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **After 1945: Latency as origin of the present**. Stanford: Stanford Press, 2013.

importância deste para compreensão do autor não será tratada agora, mas é necessário ressaltar que não seria possível pensar a problemática deste conceito sem levar em conta a experiência geracional vivida pelo próprio Gumbrecht. O livro trata das condições *atmosféricas* [*stimmung*] que ocupavam o espaço e o tempo em que nasceu. Ou seja, o espaço e o tempo particulares que existiam na Alemanha Ocidental do pós-guerra, particularmente na cidade de Würzburg – cidade de seu nascimento.

Que espaço e tempo particulares são esses da Alemanha do pós-guerra? São o tempo e o espaço de uma nação devastada pela Segunda Guerra e de uma sociedade traumatizada pela experiência do totalitarismo nacional-socialista. Essa atmosfera não abandonou Gumbrecht enquanto uma experiência vivida. Bem como, não abandonou todos alemães de sua geração.

Nascido em 15 de junho de 1948, Gumbrecht cresceu entre escombros. Würzburg foi à cidade alemã mais bombardeada pelos aliados durante a guerra. Essa experiência não pode ser negligenciada em sua biografia. Suas memórias retornam em seus textos, de maneiras fantasmagóricas e com certa melancolia. Essa experiência é a marca central da narrativa de Gumbrecht. E é o ponto de partida de minha narrativa e análise.

Na abertura de seu livro *After 1945*, Gumbrecht escreve uma pequena memória de carga poética e melancólica que intitula *One car away from death: An overture*<sup>22</sup>. A experiência narrada em terceira pessoa de um episódio de sua infância, como uma memória traumática para o velho autor, mas não muito bem assimilada como trauma pelo autor ainda criança revela a carga emocional e inseparável do autor e sua experiência.

A memória narra uma das viagens de Gumbrecht com seus pais até o interior da Alemanha para a casa de seus avós em virtude do feriado de Natal, quando então se deparam com uma fila de carros que seguem um tanque de guerra americano. Por um problema mecânico o tanque perde sua rota e começa a girar. O carro que

---

<sup>22</sup> Ibidem, p.1

estava à frente do carro da família de Gumbrecht tem sua parte onde sentam os passageiros esmagada pelo tanque, junto com seus ocupantes. O texto é concluído com a lembrança tida como feliz por Gumbrecht das canções que sua família cantava durante o período de reunião natalina no inverno. As canções tratavam de um passado glorioso em oposição ao futuro proposto e dominado pelo projeto americano e britânico, representado naquela ocasião pelas ocupações militares no país devastado pela guerra. E que também era apresentado como o lado *mau* da história.

O Gumbrecht criança representa nessa curta narrativa memorial uma geração de alemães, da qual ele faz parte. Uma geração que cresceu sem acesso ao passado recente, sem entender a ruptura do pós-guerra na história alemã. E que cresceu em regiões ocupadas por militares estrangeiros, que executavam o projeto de *desnazificação*. Uma infância em um quase não-país, recortado por ocupações estrangeiras. Que por ventura, tinha uma quase não-história para suas crianças.

O tanque por sua vez é o símbolo da invasão estrangeira. Que traz para os alemães uma *solução* estrangeira. Uma solução que passa como um taque por cima da sociedade alemã e esmaga seus *passageiros*. Os passageiros da sociedade alemã *conduzidos* pelo projeto nacional socialista.

E os avós de Gumbrecht, que vivem no interior como em fuga da *desnazificação* dos grandes centros. Cantam suas boas memórias do passado de uma *gloriosa* Alemanha.

Esse pequeno *conto memória*, é o ponto fundamental que sustenta minha primeira observação sobre Gumbrecht. Trata-se de um intelectual dominado pela *experiência* vivida. Que o tempo todo imprime essa *experiência* em suas páginas. Talvez, a própria reflexão teórica e conceitual de Gumbrecht seja consequência de sua *experiência*. A *experiência* é inescapável para Gumbrecht. É seu motor de narrativas. Esse pequeno *conto memória* abre o livro, como uma epígrafe. É uma espécie de anúncio que permanece nos capítulos posteriores, que se pretendem mais analíticos do que narrativos. É esse o lugar da *experiência* em Gumbrecht.

Uma narrativa presente nas análises de maneira não sistemática. Uma epígrafe permanente para todos seus escritos.

A dimensão biográfica de Gumbrecht é cortada por experiências que ele mesmo pontua. É o próprio autor que anuncia sua experiência em seus textos. Não é diferente quando o autor falará de suas memórias intelectuais e sua formação acadêmica. A ideia de geração permanece presente no pensamento de Gumbrecht quando ele se refere às pessoas que ingressaram na universidade em sua época. Há alguns apontamentos a serem feitos aqui.

Em entrevista recente que fiz juntamente com o professor Julio Benvivoglio<sup>23</sup>, Gumbrecht demonstra uma das faces geracionais de seu *tempo* acadêmico e nos diz que “era inevitável, em 1968 ser marxista. A primeira coisa antes de me matricular na universidade de Munique ao chegar, foi me inscrever no movimento socialista-comunista de alunos<sup>24</sup>”. A palavra *geração* não é usada em vão. Trata-se de uma concepção geracional presente em outros momentos. O que importa sobre essa afirmação é o termo *geração*. Há aqui uma forte tentativa de integrar intelectualmente certo ambiente de pensadores no mundo ocidental.

Gumbrecht certamente não é o primeiro a fazer esse tipo de uso geracional. Ainda que esse tipo de generalização não agrade muitas vezes as pessoas e os intelectuais referidos. Gumbrecht não está sozinho nesse tipo de construção. Em seu livro *Produção de presença* ele retorna a sua ideia de *geração* e assume sua respectiva visão sobre esses que estariam entre sua geração.

“Por mais autoironia e distância intelectual que eu tenha tentado aplicar à “agenda” intelectual da minha geração, a chamada “geração de 1968”, com seu já grotesco compromisso com a eterna juventude e sua às vezes masoquista fixação numa visão de mundo exclusivamente “crítica”; por mais

---

<sup>23</sup> Atualmente é Professor Adjunto de Teoria da História na Universidade Federal do Espírito Santo. Atua nas áreas de Teoria da História e de Brasil Império com os seguintes temas: historiografia alemã, francesa e brasileira no século XIX; história das ideias, partidos e cultura política no Brasil dos Oitocentos. Organizou a publicação de traduções de Droysen e Gervinus pela editora Vozes e de Chladenius pela Editora da Unicamp.

<sup>24</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. Entrevista de Hans-Ulrich Gumbrecht. **Dimensões**, Vitória, vol.30, jan/jun 2013. Entrevista concedida a Julio Benvivoglio e Thiago Brito. p. 3-16.

ansioso que estivesse para evitar uma ligação fetichista aos valores dessa adolescência intelectual infinita, houve uma reação “geracional” aos meus pensamentos sobre a “presença” que me apanhou de surpresa – a que acabou por desencadear algumas preocupações muito específicas<sup>25</sup>”

Há aqui uma clara insatisfação com os caminhos intelectuais que se seguiram em sua geração, apesar de não ficar claro exatamente contra que tipo de tendência intelectual Gumbrecht está se rebelando. Ainda assim é possível ao considerar os dois trechos citados acima com duas características em comum. A primeira é que se trata da *geração de 1968* e a segunda é a tonalidade *marxista* que essa geração assumiu durante algum tempo.

Essa caracterização geracional pode ser constatada em outros escritos. Eu citarei preferencialmente o trabalho de Perry Anderson, em seu livro *In the Tracks of Historical Materialism*<sup>26</sup>, onde Anderson disserta em um capítulo inteiro sobre a crise do marxismo e ascensão do estruturalismo nos lugares intelectuais que o marxismo ocupava nas universidades europeias. A tese de Anderson é,

“The hypothesis is simply this: that after French Marxism had enjoyed a lengthily period of largely uncontested cultural dominance, [...]it finally encountered an intellectual adversary that was capable of doing battle with it, and prevailing. Its victorious opponent was the broad theoretical front of structuralism, and then it post-structuralist successors<sup>27</sup>”

Esta tese de Anderson me parece coincidir com a percepção de Gumbrecht sobre sua geração. Uma geração que estava flertando com o marxismo e acaba avançando pelos enunciados estruturalistas e posteriormente pós-estruturalistas. Anderson é categórico quanto a esta tese em seu texto. Não estou afirmando aqui

---

<sup>25</sup> Ibidem, p.178

<sup>26</sup> ANDERSON, Perry. **In the Tracks of Historical Materialism**. Chicago: The University of Chicago Press, 1984.

<sup>27</sup> “A hipótese é simplesmente esta: que, após o Marxismo Francês ter desfrutado longamente de um período de dominação cultural, em grande parte incontestado, [...]ele finalmente encontrou um adversário intelectual que foi capaz de dar combate, e então prevalecer. Seu oponente vitorioso foi a ampla frente teórica do estruturalismo e, em seguida, seus sucessores pós-estruturalistas” Ibidem, p.33

que Gumbrecht é um intelectual vinculado ao pensamento estruturalista, tampouco ao seu desdobramento pós-estruturalista. O que estou dizendo é que em boa medida Gumbrecht está entre aqueles intelectuais da geração de 1968 que um dia flertou com o marxismo, mas apesar de abandonar por completo esse paradigma de pensamento em sua reflexão intelectual, não carregou em suas narrativas os enunciados e axiomas pós-estruturalistas. Essa compreensão do posicionamento de Gumbrecht é importante, pois é o que dará a tônica dos seus textos por quarenta anos. Uma busca incessante por encontrar alternativas aos enunciados e axiomas propostos pela sua geração, a *geração de 1968*<sup>28</sup>.

Essa ideia geracional é tão forte que toda a primeira etapa de pensamento de Gumbrecht, vinculada a corrente intelectual *estética da recepção* parece estar associada a isso.

“Voltando o olhar para meu ponto de partida, no início dos anos 1970, não fica evidente, hoje, por que o projeto denominado de “estética da recepção” acabou por se tornar tão atraente para a geração intelectual (não apenas europeia) da “revolução estudantil”<sup>29</sup>.”

Apesar de não tão evidente, Gumbrecht associa essa simpatia e entusiasmo de intelectuais alemães com essa teoria – a *estética da recepção* – devido à esperança que a possibilidade de encontrar a *recepção* histórica de textos canônicos da literatura anunciava. Essa possibilidade de visualização de como haviam sido recebidas às obras intelectuais e principalmente as literárias no decorrer da história poderia dar novo fôlego a teoria literária e ameaçar os acordos interpretativos de obras clássicas.

O elemento *geracional* tem um impacto que não pode ser descartado quando se trata de pensar as ideias de Gumbrecht. Nesse sentido é necessário compreender que a dinâmica de seu trabalho e de seus textos refletirá sua compreensão de si

---

<sup>28</sup> Quando Gumbrecht se refere à geração de 1968, ele quer evidenciar os intelectuais que como ele estavam escrevendo e pensando coisas contrárias a geração intelectual anterior. Não se trata de uma referência geracional aos estudantes europeus que organizaram a famosa rebelião estudantil do Maio de 68.

<sup>29</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. Até que ponto a construção de sentido faz sentido?: Retrospectiva californiana de uma questão alemã. **Floema**. Vitória da Conquista, ano 1, n.1, p. 89 – 105, 2005.



mesmo, ou seja, de um intelectual que faz parte de uma geração específica de alemães e que também faz parte de uma geração específica de intelectuais, a geração de 1968. Essas duas *classificações* me parecem nos fazer se aproximar do espectro mental ao qual Gumbrecht se enxerga.

A trajetória intelectual de Gumbrecht também tem outro ingrediente importante. Seu percurso institucional e sua recepção intelectual em ambientes institucionais diversos. Sobre o percurso institucional, devemos mencionar que se trata de duas fases. A fase germânica que acontece de 1971 até 1989 e a segunda fase - ou fase americana - que se dá de 1989 até o presente. Na fase germânica Gumbrecht atuou como professor em universidades alemãs.

O interesse de Gumbrecht pela história pode ser considerado um problema para historiadores brasileiros que - como disse no início deste texto - não estão familiarizados com as relações pouco ortodoxas entre história e literatura de outras tradições de pensamento. A formação de Gumbrecht é na área da literatura, mas toda sua vida acadêmica se deu numa perseguição incessante aos problemas da investigação do passado. Sobre isso o próprio Gumbrecht nos esclarece,

“Na realidade, eu devo ser o único professor de literatura que nunca quis fazer poesia. Nunca tive ambição de ser escritor. Nunca achei ruim, mas eu não sou o típico professor de literatura que faz tudo isso por amor à vida. Nem sei exatamente porque eu escolhi a literatura. Eu descobri pessoalmente, uma coisa não programática bastante cedo, que o meu vazio maior é o passado. Nesse sentido que aquele desejo básico de se estar aprofundando, de se fazer uma imersão no momento do passado, esse seria o meu sonho básico e, portanto, aprecio também a argumentação da filosofia, mas não apenas da filosofia da história do tipo hegeliano, também me interessa a convergência entre problemas do passado de um lado e a conceitualização mais geral da história, de outro<sup>30</sup>”

---

<sup>30</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. Entrevista de Hans-Ulrich Gumbrecht. **Dimensões**, Vitória, vol.30, jan/jun 2013. Entrevista concedida a Julio Bentivoglio e Thiago Brito. p. 3-16.

Ainda que Gumbrecht se perceba como um historiador ou filósofo, sua carreira pode ser definida tendo como um início fundamental nos debates da teoria literária e posteriormente a progressiva entrada nos debates filosóficos e historiográficos. Talvez Gumbrecht seja um crítico literário que parte de problemas historiográficos para construir suas pesquisas. Apesar de Gumbrecht não estar associado ao grupo de historiadores norte-americanos que chamarei de narrativistas – tais quais Hayden White, Dominick LaCapra, entre outros – ele não pode ser excluído de sua época e assim deixar de ser colocado como um pensador que tenta ao seu modo bem particular propor soluções e insights acerca da problemática da interpretação de textos historiográficos e mesmo documentos históricos.

Regina Zilberman em seu livro sintetizou bem como a *estética da recepção* imaginava e propunha uma nova abordagem das relações em literatura e história. Até aquele momento as relações entre os dois conhecimentos estavam pouco desenvolvidas e sistematizadas. Gadamer já havia tocado no tema, mas seu pensamento não avançava o suficiente para a geração de Gumbrecht e outros intelectuais. Regina Zilberman nos ajuda a entender a dimensão da *estética da recepção* para aquela geração:

“A análise de Jauss leva-o a denunciar a fossilização da história da literatura, cuja metodologia estava presa a padrões herdados do idealismo ou do positivismo do século XIX. Somente pela superação dessas orientações seria possível promover uma nova teoria da literatura, fundada no ‘inesgotável reconhecimento da historicidade’ da arte, elemento decisivo para a compreensão de seu significado no conjunto da vida social; não mais, portanto, na omissão da história. Indiretamente ele está acusando as correntes a- ou anti-históricas vigentes nos estudos literários alemães, resultantes das influências diversas recebidas desde o final da guerra. [...]Com efeito, ele investe, nem sempre de modo direto, contra o panorama intelectual contemporâneo seu, cujas linhas metodológicas, se eram divergentes entre si, tinham em comum o fato de a história não entrar propriamente em consideração quando se tratava da análise de um texto literário<sup>31</sup>”

---

<sup>31</sup> ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 2004. p.9

Essa premissa de que os meios literários germânicos em alguma medida ignoravam a dimensão histórica da literatura é importante. Não deixa de ser surpreendente que de dentro da literatura é que tenha havido uma guinada em direção ao conhecimento histórico e não o inverso, tal qual historiadores estão acostumados a pensar, principalmente quando se referem às reflexões de Hayden White. É notório que, no caso germânico, a crítica literária é que primeiro fez a ponte com a história e não o contrário e é possivelmente por este motivo a naturalidade de Gumbrecht como crítico literário que volta seus interesses principalmente para dilemas da filosofia ou teoria da história. Essa observação é claro se restringe ao campo de estudos literários na Alemanha, não considerando o caso da historiografia alemã que opera em outra dinâmica e é visivelmente mais refratária em relação ao diálogo entre literatura e história.

A singularidade de Gumbrecht está para além de sua prolixidade em termos de profusão intelectual, que se estende da literatura e da filosofia até a história. E isso fica evidente quando ele se refere a seu início e sua parceria na construção e publicação de trabalhos associados a breve tradição historiográfica germânica da história dos conceitos, capitaneada por Reinhart Koselleck.

“Sob as premissas de um passado que, nesse meio-tempo, se tornou peculiarmente remoto, eu era um dos muitos velhos e jovens autores que escreveram verbetes para o *Dicionário histórico de filosofia*, para os *Conceitos históricos básicos*, para o dicionário de *Conceitos estéticos fundamentais*, para o *Manual de conceitos político-sociais básicos na França*, para o *Léxico da história da literatura alemã* e também para a *Enciclopédia do conto de fadas*. Poder participar da construção dessas pirâmides era para mim uma honra que me fazia ascender a um cientista completo e que exigiu de mim mais tempo do que qualquer outro gênero de prosa acadêmica<sup>32</sup>”

Essa participação nas publicações dos dicionários, paralelamente aos trabalhos sobre a *estética da recepção* revelam como a tradição alemã lidava com

---

<sup>32</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Graciosidade e estagnação**: ensaios escolhidos. Contraponto: Rio de Janeiro, 2012. p. 17

naturalidade – pelo menos em termos institucionais – com as relações integradas entre conhecimento histórico e literário. O trecho é revelador do crítico literário que sempre escreveu sobre história. Ao escrever sobre sua participação e grande apreço pela história dos conceitos, Gumbrecht também pensou a relação entre história e literatura. Principalmente deu sua opinião sobre o a ausência de reflexões categóricas sobre a linguagem por parte da história dos conceitos:

“[...] a primeira dimensão especial da história dos conceitos que permaneceu totalmente oculta, inclusive aos próprios participantes, é a institucionalização de uma *indecisão em relação ao problema da referência ao mundo da linguagem*. [...] nunca se abriu mão inteiramente da pretensão de tornar palpáveis, mediante os conceitos investigados, zonas de realidade extralinguísticas, mas acessíveis à linguagem, seja preliminarmente ou sob a forma de vestígios. Em nenhum momento um condicionamento situacional vinculado à linguagem, um relativismo ou perspectivismo das visões de mundo estabeleceram-se como premissas ‘resignadas’, por assim dizer, da história dos conceitos<sup>33</sup>”.

Pode-se entender que apesar de Gumbrecht não ver com bons olhos os enunciados pós-estruturalistas, ele não se furtará a emitir opinião sobre os debates acerca da linguagem e suas problemáticas. Por isso, não se pode entendê-lo como alguém que desconsidera a dimensão da problemática da linguagem e sua referencialidade. Esse assunto será amplamente debatido no capítulo final desta pesquisa.

Gumbrecht foi aluno de Hans Robert Jauss. Crítico literário alemão de passado controverso, ele foi o grande criador e difusor da *estética da recepção*. Sua reputação ficou abalada após a revelação de seu passado nazista. Essa informação afetou de maneira intensa a relação entre Gumbrecht e seu orientador, pois até então essa face de Jauss estava escondida. Gumbrecht não tem boas recordações de seu orientador e rememorou em uma entrevista concedida ao periódico *Aedos*,

“Jauss e eu nos achávamos mutuamente bastante antipáticos, mas nós trabalhávamos bem em conjunto. Pouco tempo depois saiu uma notícia de que Jauss, que sempre se disse um homem de esquerda, teria sido não

---

<sup>33</sup> Ibidem, p.46

somente um oficial de alto escalão na SS, mas talvez teria sido um daqueles 25 oficiais da SS que teriam acompanhado Hitler em seu bunker. Para mim foi uma desilusão existencial enorme. E uma memória muito traumática, mas como vocês estão perguntando, eu estou contando a história. Geralmente eu não falo dele. Eu não gosto muito de lembrar disso<sup>34</sup>.

Esse é um momento importante e que deve ser sublinhado. A antipatia com Jauss coincide com a ruptura intelectual com o projeto intelectual da *estética da recepção*. Não é possível afirmar com certeza em que medida o trauma afetou Gumbrecht e se isso teve ou não uma influência determinante no pensamento do autor. No entanto, levando em conta o peso que Gumbrecht dá a suas memórias em seus trabalhos, eu arriscaria acreditar que não se trata de coincidência e que para além das convicções teóricas, o trauma da orientação também foi importante para a construção de uma ruptura com a *estética da recepção*. Outros intelectuais da mesma época não agiram da mesma maneira. É o caso por exemplo de Wolfgang Iser.

Nos anos 1970 ocorreu outro acontecimento significativo para se compreender esse primeiro momento da carreira de Gumbrecht. Trata-se de sua vinda ao Brasil. O Brasil tem sido um dos lugares onde há uma das recepções mais notáveis do pensamento de Gumbrecht. Seus principais interlocutores no Brasil incluem Luiz Costa Lima<sup>35</sup>, João Cezar de Castro Rocha<sup>36</sup>, Valdeci Araujo<sup>37</sup> e Marcelo Rangel<sup>38</sup>. Diz-nos Gumbrecht sobre esse acontecimento,

---

<sup>34</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. Uma conversa sobre história. **Aedos**, Porto Alegre, n.5, jul/dez, 2009. Entrevista concedida a Juliano Francesco Antonioli e Vitor Claret Batalhone Júnior. p.152 – 159.

<sup>35</sup> Atualmente é professor emérito do departamento de história da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Atua principalmente nas seguintes áreas: história e crítica literária, literatura brasileira, teoria e filosofia da história, história dos discursos. Autor de mais de vinte livros, entre eles História. Ficção.Literatura; A aguarrás do tempo; Trilogia do controle; e Mimeses: desafio ao pensamento, vários deles traduzidos para o inglês e o alemão.

<sup>36</sup> Atualmente é assessor *ad hoc* da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e participa do Conselho Consultivo de várias revistas especializadas no Brasil e no exterior. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira e Literatura Comparada, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura brasileira, literatura comparada, cultura brasileira, crítica literária, teoria literária, dependência cultural e estratégias de apropriação cultural (antropofagia e transculturación).

<sup>37</sup> Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal de Ouro Preto. Tem experiência na área de História, com ênfase em História da historiografia, atuando principalmente nos seguintes temas: história da historiografia, história dos conceitos, Brasil império, história política e teoria da história.

“Uma coisa interessante que tem a ver, infelizmente, com o Jauss. A primeira vez que eu fui convidado como professor visitante foi em 1977, na PUC do Rio de Janeiro. É possível que eles desejassem convidar o Jauss. Mas o Jauss achava que não deveria vir. Para ele, possivelmente, o Brasil não era um lugar importante; assim como ele queria representar o papel de homem de esquerda, e dizer: ‘Não, é uma ditadura militar. Eu não vou’. Mas não posso afirmar com certeza. Então eu fui convidado para um seminário no Rio de Janeiro, durante a ditadura militar<sup>39</sup>”.

A relação de Gumbrecht com o Brasil, bem como a recepção do seu trabalho é antiga. Num primeiro momento essa relação se deu por meio da crítica literária brasileira e posteriormente, de maneira tardia já no século XXI, Gumbrecht foi *descoberto* por historiadores brasileiros. Não é estranho que só recentemente Gumbrecht tenha sido visto por historiadores brasileiros. O debate já antigo em outras tradições sobre a relação entre história e literatura também está acontecendo tardiamente no Brasil, onde vem enfrentando grande resistência por parte dos historiadores locais.

Existem duas características também fundamentais da dinâmica do pensamento de Gumbrecht para além do aspecto geracional e o conseqüente trauma alemão. Há também a reafirmação desse trauma em sua vida acadêmica na relação com seu orientador e a sua seguida ruptura com sua tradição formadora. É possível encontrar muito de Gumbrecht e sua vida pessoal em sua obra, seus caminhos determinam suas escolhas institucionais e acadêmicas. Está claro que Gumbrecht é um intelectual anfíbio, que mergulha em campos literários e historiográficos com uma naturalidade impressionante.

A trajetória de Gumbrecht se torna cada vez mais uma *rebelião* a partir dos anos 1980. Reativamente ao avanço intelectual do *pós-estruturalismo*, ele parece um

---

<sup>38</sup> É professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Trabalha com Ensino de História, História da Historiografia, Teoria da História, Filosofia Contemporânea e História do Brasil Império.

<sup>39</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. Uma conversa sobre história. **Aedos**, Porto Alegre, n.5, jul/dez, 2009. Entrevista concedida a Juliano Francesco Antonioli e Vitor Claret Batalhone Júnior. p.152 – 159.

eterno inconformado com os caminhos que são apontados, principalmente pelos trabalhos que seguem a reboque da teoria literária de Jacques Derrida. Apesar de Gumbrecht não nomear os intelectuais que o incomodavam no início dos anos 1980, ele o faz genericamente, se referindo a uma espécie de *espírito* de uma época. Sobre isso ele nos diz,

“O autor sentia (corretamente) e lamentava (com um espírito de urgência e resistência heroica) que se extinguíam rapidamente os impulsos para reformular as Humanidades, que haviam sido estimulados pelo famoso ano de 1968 e se fundavam em todo tipo de teorias e ideais políticos de esquerda. Como um dos interesses que havia emergido depois de 1968 era o interesse pela história das Humanidades (acadêmicas), um simpósio sobre esse tópico e que levasse a uma re-dinamização da teoria e dos vacilantes debates de reforma parecia ser (talvez não a única, mas certamente) uma escolha óbvia<sup>40</sup>”.

No grupo de esperanças intelectuais, obviamente para Gumbrecht estão incluídos os trabalhos relativos à *estética da recepção*, corrente intelectual com a qual ele rompeu no decorrer da década de 1970, mais precisamente em 1974 com a publicação de *As consequências da estética da recepção: um início postergado*.

Como num esforço de urgência, Gumbrecht e outros críticos literários alemães organizam uma série de colóquios sobre a história da disciplina literária. Esses colóquios iniciados em 1981 ocorreriam em cinco oportunidades até o fim da década. Eles ocorrem todos (1981, 1982, 1985, 1987 e 1989) na cidade de Dubrovnik. Essa cidade que fora escolhida estrategicamente por sua localização permitir um intercâmbio entre intelectuais alemães que estavam divididos em função da situação geográfica da Alemanha do pós-guerra. É que Dubrovnik estava no território da antiga Iugoslávia, atualmente onde é a Croácia. Não havia impedimentos para encontros entre intelectuais ocidentais e orientais naquele país como existiam em outros países comunistas.

---

<sup>40</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Produção de presença**: O que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010. p. 24

As consequências desses colóquios foram decisivas para Gumbrecht. Foi a partir dos debates de Dubrovnik que estariam dadas as diretrizes intelectuais que se revelariam a originalidade de seu pensamento nas próximas décadas. Mas a consequência mais ampla dos encontros se materializou no livro lançado coletivamente por aqueles intelectuais em 1994. Gumbrecht foi um dos organizadores do livro chamado *Materialities of communication*<sup>41</sup>.

A ideia por trás deste livro era inovadora. Aqueles intelectuais estavam a apontar uma dimensão *material* na composição dos textos. Fazer isso era naquele momento o mesmo que ir contra toda uma tendência de maximização e centralização do texto e da linguagem na investigação literária. Diz-nos entusiasticamente Gumbrecht,

“Nosso fascínio fundamental surgiu da questão de saber como os diferentes meios – as diferentes “materialidades” – de comunicação afetariam o sentido que transportavam. Já não acreditávamos que um complexo de sentido pudesse estar separado da sua medialidade, isto é, da diferença de aspecto entre uma página impressa, a tela de um computador ou uma mensagem eletrônica<sup>42</sup>”.

O entendimento do texto como uma composição de sentido e uma outra composição material foi uma percepção original para aquele momento. A teoria literária vivia o avanço avassalador do pós-estruturalismo e suas noções totalizantes da linguística, justamente no começo dos anos 1990 e no auge do debate sobre a pós-modernidade e da virada linguística. Gumbrecht a partir de então se torna um obcecado em desbravar essa nova dimensão material dos textos em geral, mas principalmente dos textos históricos.

Em 1991 Gumbrecht deixa de dar aulas na Alemanha e começa a lecionar nos Estados Unidos. O ambiente intelectual americano tem várias diferenças com o ambiente germânico. A principal diferença era que nos EUA, o pós-estruturalismo estava avançando com muita força. No caso da teoria literária esse avanço era

---

<sup>41</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich; PFEIFFER, Karl Ludwig. **Materialities of communication**. Stanford: Stanford University Press, 1994.

<sup>42</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Produção de presença: O que o sentido não consegue transmitir**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010. p. 32



representado pela noção de desconstrução anunciada e advogada por Jacques Derrida.

A influência de Derrida nos ambientes acadêmicos norte-americanos era enorme no início dos anos 1990. Essa influência ia muito além das áreas habituais de influência da desconstrução que eram a filosofia e a teoria literária. Afetavam também a história. Em 1989 na revista *American Historical Review* o historiador David Harlan ataca ferozmente seus colegas historiadores. Esse ataque é principalmente amparado na concepção de linguagem para o pós-estruturalismo. José Antonio Vasconcelos em seu livro *Quem tem medo de teoria?* nos esclarece sobre o artigo de Harlan chamado *Intellectual history and the return of literature*<sup>43</sup>,

“Logo no início de seu artigo, Harlan constatava um retorno da Literatura à História Intelectual – e pelo termo ‘Literatura’, devemos entender mais precisamente ‘Crítica Literária’, especialmente em sua vertente pós-estruturalista. De acordo com Harlan, esse retorno teria mergulhado os estudos históricos em uma profunda crise. [...] Tal crise, preparada em primeira instância por Ferdinand de Saussure – para o qual a linguagem não seria simplesmente a representação da experiência, mas a sua própria realidade – teria sido levada às últimas consequências pelos pós-estruturalistas franceses – Barthes, Foucault e Derrida – que negavam a correspondência, ainda admitida por Saussure, entre o significante e o significado. Sem o significado, que garantiria um ponto arquimediano, uma referência transcendental que tornaria possível a interpretação inequívoca de um conceito ou ideia<sup>44</sup>”.

Essa concepção de linguagem e como ela funcionava estava em seu momento de maior expressão. Não é coincidência que junto com este debate se siga também a reflexão sobre pós-modernidade. Este momento, classificado muitas vezes como o momento *pós-moderno* é também o momento que Gumbrecht chega aos EUA não apenas como um forasteiro de outra nacionalidade, mas também um forasteiro de outras ideias. É a partir de então que Gumbrecht se dedica amplamente a fazer o

---

<sup>43</sup> HARLAN, David. Intellectual history after the linguistic turn: the autonomy of meaning and the irreducibility of experience. **American Historical Review**. Oxford, Vol. 94, No. 3, p. 501 – 609, jun., 1989.

<sup>44</sup> VASCONCELOS, José Antonio. **Quem tem medo de teoria?** São Paulo: FAPESP, 2005. p.65

debate sobre a linguagem em voga nos EUA. Desde então sua vida acadêmica tem sido uma cruzada pela maior aceitação de seus paradigmas filosóficos.

O primeiro desses esforços foi um célebre texto, *Até que ponto a construção de sentido faz sentido? Retrospectiva californiana de uma questão alemã*<sup>45</sup>. O título já nos diz bastante. É a *abertura* dos trabalhos de Gumbrecht na América. Já na Califórnia, Gumbrecht irá combater as concepções pós-estruturalistas de linguagem e de texto, mirando sempre o horizonte da historiografia e a narrativa histórica. E o fará munido de toda a carga discursiva acumulada nos colóquios de Dubrovnik acerca das materialidades da comunicação. O texto foi publicado como capítulo de abertura do livro *Making Sense in Life and Literature* de Gumbrecht publicado nos EUA em 1991. No texto Gumbrecht apresenta e faz uma retrospectiva de sua trajetória intelectual. É como uma apresentação de chegada ao novo debate na América. A chegada, no entanto, é encarada desde seu princípio como uma tarefa a ser feita em ambiente hostil. Gumbrecht rapidamente diminui o alcance da desconstrução,

“A nova história da literatura praticada na Alemanha jamais podia ser interpretada como um movimento “contra” o desconstrucionismo [...] pela simples razão de que o desconstrucionismo, até então, permaneceu em uma posição quantitativamente marginal e institucionalmente marginalizada nas universidades alemãs<sup>46</sup>”.

O desconstrucionismo é uma tradição marginal na Alemanha. Trata-se de uma assertiva dura, mas real. Gumbrecht está tentando construir pontos de contato. Tal é o marginalismo também da teoria literária germânica nos EUA - desde os debates em torno da *estética da recepção* - que ele assume rapidamente o lugar de *desbravador*. Também eram pouco conhecidas as repercussões teóricas decorrentes de Dubrovnik e a *materialidade da comunicação*. Gumbrecht está decidido a abrir caminhos para sua tradição em território americano.

---

<sup>45</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. Até que ponto a construção de sentido faz sentido?: Retrospectiva californiana de uma questão alemã. **Floema**. Vitória da Conquista, ano 1, n.1, p. 89 – 105, 2005.

<sup>46</sup> Ibidem, p. 94

Para Gumbrecht o desconstrucionismo tem um problema fundamental que está ligado a seu habitual ceticismo. “Se o desconstrucionismo permite o menor ceticismo, é apenas em relação a outras posições<sup>47</sup>”, nos diz no mesmo texto. O ceticismo a que se refere é em relação às concepções de linguagem e texto já apontadas anteriormente. O desconstrucionismo duvidaria de toda interpretação e construção de sentido, mas não costuma questionar as suas próprias certezas sobre a dinâmica da linguagem e do texto. É essa a insatisfação de Gumbrecht que aparece primeiro em seus escritos em terras americanas. As críticas ao desconstrucionismo seriam uma constante na carreira de Gumbrecht nos próximos vinte anos.

Outra frente de ataque à desconstrução operada por Gumbrecht é a crítica branda e levemente irônica sobre uma espécie de *sentimentalismo francês*. A crítica de Gumbrecht tem algum tom conservador,

“Reiterando, como experiência-chave, o caráter ilusório dos conceitos ocidentais de verdade, representação, língua e escrita, o desconstrucionismo produz um efeito – pelo menos entre muitos de seus seguidores – que se pode chamar de melancolia da referência. Às vezes essa melancolia faz a cultura ocidental parecer uma conspiração opressora que deve ser denunciada ou, como ilusões perdidas, lamentada<sup>48</sup>”.

Esse trecho é revelador de um Gumbrecht até então desconhecido. Se antes ele alegava uma origem no território discursivo da esquerda, agora ele ataca sutilmente convicções anti-Occidente latentes na retórica pós-estruturalista. Essa característica também sinaliza que para além da mudança de espaço geográfico (da Alemanha para a Califórnia) há também outra mudança sendo operada, uma mudança no campo das convicções políticas. Gumbrecht está se afastando da retórica de esquerda bem corriqueira nos intelectuais de sua geração, a geração de 1968.

Não foi apenas no campo da linguagem que Gumbrecht fez frente ao avanço do pós-estruturalismo. O debate filosófico também o interessou. No início dos anos

---

<sup>47</sup> Ibidem, p. 99

<sup>48</sup> Ibidem, p.101

1990 havia uma questão de última hora sendo debatida, tratava-se da questão sobre o paradigma pós-moderno e a sua repercussão nas Humanidades como um todo. Nenhuma área do conhecimento podia ignorar as críticas e enunciados pós-modernos. A maioria deles concebidos por intelectuais franceses que podemos agrupar genericamente no que se convencionou chamar de pós-estruturalismo. Essa dimensão filosófica do debate sobre a pós-modernidade se anunciava principalmente no livro do filósofo francês Jean-François Lyotard, publicado em 1979: *A condição pós-moderna*. É desse livro o diagnóstico severo sobre o contemporâneo estágio da história das Humanidades.

“Simplificando ao extremo, considera-se ‘pós-moderna’ a incrudelidade em relação aos metarrelatos. É, sem dúvida, um efeito do progresso das ciências; mas este progresso, por sua vez, a supõe. Ao desuso do dispositivo metanarrativo de legitimação corresponde sobretudo a crise da filosofia metafísica e a da instituição universitária que dela dependia. A função narrativa perde seus atores (*functeurs*), os grandes heróis, os grandes perigos, os grandes périplos e o grande objetivo. Ela se dispersa em nuvens de elementos de linguagem narrativos, mas também denotativos, prescritivos, descritivos etc., cada um veiculando consigo validades pragmáticas *sui generis*. Cada um de nós vive em muitas destas encruzilhadas. Não formamos combinações de linguagem necessariamente estáveis, e as propriedades destas por nós formadas não são necessariamente comunicáveis<sup>49</sup>”.

É o atestado de óbito das metanarrativas. Não há maior repercussão naquele momento, que pode ser classificado como *momento pós-moderno*, do que a sentença fatal de Lyotard sobre a falência das metanarrativas. É notória a *incrudelidade* geral diante delas. Para além do debate intelectual, essa situação é paradigmática, é uma *marca inevitável* da época em que vivemos. Um mundo sem uma teleologia ensaiada e pronta que mostra para todos como foi e como será a história. O historiador inglês Keith Jenkins é assertivo sobre isso. “[...] *postmodernity is not an ideology or position we can choose to subscribe to or not, postmodernity is*

---

<sup>49</sup> LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 12ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009. p. XVI

*precisely our condition: it is our historical fate to be living now*<sup>50</sup>. Está além de nossa capacidade de escolha. Ser ou não ser pós-moderno é uma falsa questão. Pós-modernidade é uma condição a qual estamos sujeitos, um paradigma que nos impõe uma forma de pensar, e essa forma de pensar passa pela rejeição das metanarrativas como fonte de explicação do mundo e sua dinâmica.

A repercussão do alcance da pós-modernidade não é algo constatável apenas entre seus apologistas. Está para além disso. Intelectuais de diversos matizes assumiram em suas narrativas a falência das metanarrativas e as consequências disso como algo perfeitamente preciso. José de Vasconcelos nos ajuda a entender a consequência do debate pós-moderno.

“O discurso pós-modernista, denunciando o paradoxo da ciência moderna, que é legitimada por narrativas totalizadoras e, concomitantemente, confere legitimidade a estas mesmas narrativas, acaba comprometendo noções centrais para a própria ideia de modernidade. Se não há um substrato último, uma essência, a partir da qual se possa estabelecer uma relação entre o discurso e seu objeto, se tudo se dissolve nos jogos da linguagem, então termos como unidade, totalidade, finalidade, causalidade, progresso, valores, etc., perdem qualquer sentido. Numa perspectiva pós-modernista, portanto, não existe espaço para uma filosofia da representação. Tudo é simulacro. A representação pressupõe uma unidade essencial entre a linguagem e os conceitos ou as coisas por ela representados. O simulacro, porém, conserva apenas uma identidade de aparências – que podem ser múltiplas – e não de essência – que deveria ser única. Deste modo, somos sempre confrontados com o espectro do relativismo epistemológico<sup>51</sup>”

A pós-modernidade é antes de tudo uma questão. Mas uma questão que não podia ser ignorada. E é por isso que Gumbrecht também ousou dar o seu diagnóstico sobre a condição *pós-moderna*. Essa ousadia não foi agressiva como ocorreu contra o desconstrucionismo de Derrida. Nesse debate Gumbrecht encontrou muitas semelhanças entre a ideia de Lyotard e a concepção temporal de Reinhart

---

<sup>50</sup> “[...] pós-modernidade não é uma ideologia ou uma posição, que podemos optar por escolher ou não, a pós-modernidade é precisamente a nossa condição: ela é o nosso contexto histórico que estamos vivendo agora.” JENKINS, Keith (Org). **The postmodern history reader**. New York: Routledge, 1997. p. 3

<sup>51</sup> VASCONCELOS, José Antonio. **Quem tem medo de teoria?** São Paulo: FAPESP, 2005. p. 86

Koselleck. A recuperação de Koselleck no debate sobre o conceito de modernidade e pós-modernidade fará com que mais uma vez Gumbrecht traga a tradição de pensamento alemã para o debate. Essa tradição historiográfica ligada principalmente ao historiador alemão Koselleck parece amplamente ignorada nesses debates, tal qual acontecia com a teoria literária germânica no debate acerca da linguagem proposto pelo desconstrucionismo.

Gumbrecht deixa clara a intenção de entrar neste debate em sua conferência apresentada em 1992 no Rio de Janeiro. Em *O campo Não-hermenêutico ou a Materialidade da comunicação*<sup>52</sup> ele nos diz sobre a motivação para problematizar o tema da pós-modernidade.

“Penso no Jean-François Lyotard de *A condição pós-moderna*, [onde] explicita a atual impossibilidade de sustentar afirmações filosóficas ou conceituais de caráter universal. Todos conhecem a polêmica de Lyotard contra *lês grands récits*. Já não podemos construir mitologias, filosofias que pretendam abranger a toda humanidade. Nesta perspectiva se inspira a crítica a conceitos como o de ‘razão humana’ ou o de ‘natureza humana’<sup>53</sup>”

A princípio o que se percebe é uma relação mais harmônica entre Gumbrecht e esse debate. Há uma concordância dele com o diagnóstico pós-moderno. Essa concordância se dá exatamente pela concepção de modernidade e pós-modernidade que Gumbrecht desenvolve em seu pensamento. A ideia de modernidade de Gumbrecht já produzida desde os anos 1970 é bem definida pelo professor Valdeci Araujo que explica,

“No verbete ‘Moderno’, escrito para o dicionário de conceitos históricos fundamentais, Gumbrecht aproximou-se do tema que será central em sua reflexão: qual a natureza do tempo moderno. Acompanhando a evolução do conceito desde a Idade Média, Gumbrecht identifica três significados básicos progressivamente desenvolvidos na história ocidental até o século XX: a) moderno como caracterização do tempo presente, b) como algo novo

---

<sup>52</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. *O campo Não-hermenêutico ou a Materialidade da comunicação*. In: ROCHA, João César de Castro. **Corpo e forma**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 137

<sup>53</sup> *Ibidem*, p. 138

sem precedentes no passado e, por fim, c) como um momento de transição para um futuro que apenas começa.<sup>54</sup>

Como explicado por Lopes, a reflexão sobre a temporalidade no trabalho de Gumbrecht já estava presente há décadas. É do tempo quando ele ainda na Alemanha participava do grupo que idealizava a história dos conceitos e trabalhava nos verbetes para enciclopédias históricas. A tradição alemã é ressaltada mais uma vez em sua trajetória. Tal qual como fez com a questão da linguagem, aqui Gumbrecht coloca em prática seu acúmulo intelectual constituído na Alemanha. A centralidade da preocupação com a temporalidade é um indicio também de sua filiação a tradição alemã e apologia às ideias de Koselleck. Com o passar dos anos Gumbrecht cada vez mais se aproximará do debate historiográfico de fundação germânica e é esse traço que dá o tom da sua compreensão de pós-modernidade,

“A versão filosoficamente mais interessante do conceito de Pós-modernidade [...] e, penso eu, a mais plausível - , consiste em conceber nosso presente como uma situação que se desfaz, neutraliza e transforma os efeitos acumulados dessas modernidades que têm seguido uma à outra desde o século XV. Essa Pós-modernidade problematiza a subjetividade e o campo hermenêutico, o tempo histórico e mesmo, de um certo ângulo (talvez pela sua radicalização), a crise da representação<sup>55</sup>”.

Esse trecho do texto introdutório – *Cascatas de modernidade* – do livro *Modernização dos sentidos*<sup>56</sup> revela ainda mais o caráter historiográfico alemão de Gumbrecht. O conceito *tempo histórico* é claramente uma referência à compreensão de Koselleck sobre a temporalidade moderna. Mas Gumbrecht vai além e revela a sua maior originalidade ao pensar a relação entre temporalidade moderna e pós-moderna. Continua ele,

“Talvez mais significativa (porque menos baseada em conceito e argumento) é a nossa impressão elementar de que o ritmo da mudança, após atingir velocidades inauditas durante o século XIX e a primeira metade

---

<sup>54</sup> ARAUJO, Valdei Lopes de. Para além da auto-consciência moderna: a historiografia de Hans-Ulrich-Gumbrecht. **Varia História**. Belo Horizonte, ano 22, nº 36, p.314 – 328, 2006.

<sup>55</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Modernização dos sentidos**. São Paulo: Editora 34, 1998. p. 21

<sup>56</sup> Ibidem, p. 9

do século XX, chegou agora a uma desaceleração. Surpreendemo-nos ao perceber que o espaço decorrido entre a metade dos anos sessenta (a revolta estudantil e os jovens Beatles) e o nosso presente é tão extenso quanto o que separa a eclosão da Primeira Guerra Mundial do final da Segunda. Se a nossa impressão é então a de que o tempo passou a se mover 'mais e mais vagarosamente' e de que 'o presente torna-se mais amplo' de novo, isso não significa, certamente, que a série de acontecimentos e mudanças 'relevantes' tenha 'objetivamente' diminuído. Estas sensações indicam somente o quanto estamos nos afastando do cronótopo do 'tempo histórico', com seus imperativos implícitos de mudança e inovação<sup>57</sup>.

É notória a impressão que Gumbrecht quer passar. A pós-modernidade além de ter todas as suas características elementares já explicitadas anteriormente por Lyotard, tem também uma característica fundamental para se compreender Gumbrecht. Essa característica é a temporalidade lenta e larga. O presente se alargou em oposição ao *tempo histórico* moderno proposto por Koselleck. Essa característica levantada por Gumbrecht tem uma repercussão clara: não há mudanças em vista no futuro. O futuro antes desejado e visto com otimismo pelas metanarrativas (o exemplo mais marcante é o marxismo), agora se torna um futuro perturbador que aponta para catástrofes. Junto com o ceticismo, a pós-modernidade trouxe o pessimismo como lente principal para observar o mundo e a história.

Mais uma vez devo ressaltar duas características simbólicas para se compreender Gumbrecht. A primeira delas é a rejeição da desconstrução de Derrida como modelo aceitável para lidar com a interpretação de textos e a segunda é a harmoniosa tentativa de conciliar com a concepção de pós-modernidade de Lyotard. É uma postura singular diante do pós-estruturalismo. Algo que é natural para um pensador amplo como Gumbrecht, diante de uma perspectiva também vastíssima que é o pós-estruturalismo.

Em 1997, Gumbrecht publica o livro *Em 1926*. Este é o primeiro trabalho de Gumbrecht voltado completamente para a história. Ele marca um ponto interessante na carreira de Gumbrecht. É partir dele que Gumbrecht abre seu trabalho em

---

<sup>57</sup> Ibidem, p.21



direção à história. Neste livro Gumbrecht demonstra uma séria preocupação com a narrativa histórica e demonstra algum pessimismo com os caminhos que a narrativa histórica toma, principalmente pela ótica da teoria literária norte-americana. Percebe-se que a teoria literária norte-americana é mais uma vez o *vilão* de Gumbrecht. O pessimismo de Gumbrecht em fins dos anos 1990 já começa a se dirigir até mesmo a pós-modernidade. Ele nos diz em tom melancólico,

“Embora o livro compartilhe alguns dos *leitmotifs* do que pode ser chamado de ‘filosofia pós-moderna’ (intenção de não pensar a História como um movimento homogêneo e totalizante, a argumentação a favor de uma concepção ‘fraca’ da subjetividade, o fascínio por superfícies materiais), só existe uma razão negativa. O autor acredita que a batalha acadêmico-ideológica pela preservação dos valores ‘modernos’ e ‘modernistas’ (isto é, ‘não-pós-modernos’) é uma causa perdida<sup>58</sup>”.

Essa afirmativa acontece em tom de desilusão. Para além da desilusão com a pós-modernidade, a desilusão maior é direcionada a própria modernidade, tida como finda. É bom salientar que Gumbrecht apesar de concordar com diversos enunciados pós-modernos não parece fazer isso com entusiasmo, mas a relevância de sua afirmativa é exatamente essa, um intelectual simpático à modernidade que lamenta a *batalha perdida*. Ainda assim, *Em 1926* é um ato de rebelião onde Gumbrecht não está disposto a abandonar totalmente a concretude da narrativa histórica. Diz-nos,

“Este livro pressupõe que um desejo específico está agindo aqui: um desejo de ‘falar aos mortos’ – em outras palavras, o desejo por uma experiência de primeira mão dos mundos que existiam antes do nosso nascimento. [...] Todos parecemos concordar que não vemos mais a História como uma dinâmica ‘ilinear’ e ‘totalizante’ de ‘desenvolvimento’. Além desta negação, porém, não existe uma única forma dominante de imaginar e representar a História<sup>59</sup>”.

---

<sup>58</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. *Em 1926: vivendo no limite do tempo*. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 14

<sup>59</sup> *Ibidem*, p. 19

É um livro rebelde. Mas rebeldia contra quem? A teoria literária estadunidense é o alvo da rebelião agora. Ela é atacada na sua versão nomeada de *new historicism*. O *new historicism* é uma tradição intelectual que compõe uma das faces da teoria literária em voga nos EUA. Ela tem algumas características. A primeira dessas características é seus ditos integrantes não se reconhecerem numa tradição intelectual formalizada em termos de um método. A semelhança entre eles principalmente está pelo fator geracional. Trata-se de críticos literários que dominaram os espaços institucionais nas universidades americanas nos últimos quarenta anos em oposição à tradição anterior denominada *new criticism* que tinha valores formalmente mais ortodoxos ao lidar com textos. Outro fator fundamental para esses teóricos da literatura é a crença que a análise literária e, portanto, a linguagem, são as dimensões mais importantes para compreender um momento histórico. É apenas através da lente privilegiada da literatura que é possível determinar algum indicio sobre mundos do passado para o *new historicism*. Por fim, esses intelectuais em geral recusam a ideia de *cânone* literário e uma hierarquia de importância entre as obras literárias para perceber alguma dimensão do passado. José de Vasconcelos nos diz sobre o *new historicism* que,

“Para os críticos do Novo Historicismo é preciso partir de uma noção de cultura como um todo complexo, repleto de conflitos, contradições, incoerências, negociações etc., tendo em mente que o texto literário emerge no meio disso tudo. Nesse sentido, torna-se necessário que a Crítica Literária esteja aberta a análise de outros tipos de textos, obras ‘menores’, ou mesmo textos que não sejam considerados literários de acordo com os padrões tradicionais, e que, em função disso, até então só eram considerados objetos de interesse dos historiadores<sup>60</sup>”.

Essa intenção de entender o *contexto* histórico quase que substitui a análise documental peculiar ao historiador como uma tarefa adequada ao crítico literário. Há uma tentativa de colocar o crítico literário no lugar tradicionalmente ocupado pelo historiador. Talvez o que incomode Gumbrecht seja um pouco isso. Mas o incômodo vai além,

---

<sup>60</sup> VASCONCELOS, José Antonio. **Quem tem medo de teoria?** São Paulo: FAPESP, 2005. p. 145

“Os Novos Historiadores restringem o campo de sua pesquisa, e o campo daquilo que é possível saber sobre o passado, ao mundo dos discursos. Esta limitação auto-imposta se sobrepõe a uma segunda opção filosófica [...] que afirma que aquilo que normalmente chamamos de ‘realidades’ não é mais que discursos ou estruturas de conhecimento social – e que, portanto, essas realidades precisam ser compreendidas como ‘construções sociais’<sup>61</sup>”.

O *new historicism* é filho do desconstrucionismo. Suas práticas são as mesmas quando se trata da compreensão da linguagem e da narrativa. Mais uma vez Gumbrecht se escandaliza com isso. Mas é interessante que o choque de Gumbrecht se torna muito mais agudo quando se trata da ameaça a narrativa histórica, pelo menos da narrativa histórica mais ortodoxa. “Algumas poucas décadas atrás”, nos diz Gumbrecht, “tudo isso teria provocado um escândalo no campo da História, e, felizmente para o sucesso público dos Novos Historiadores, ainda consegue escandalizar alguns ‘historiadores convencionais’ contemporâneos”. Não consigo encontrar descrição melhor para esse comentário do que uma quase devoção à ortodoxia. Gumbrecht está alarmado em seu texto e se inflama sobre as práticas do *new historicism*,

“Escrever História = inventar realidade histórica; inventar realidade histórica = fazer realidade histórica. Deve ser por isso que as discussões sobre a ‘política’ de determinados discursos acadêmicos são frequentemente conduzidas com uma paixão e uma seriedade que fariam um observador neutro pensar que o destino de nações inteiras e classes sociais está em jogo, e que na verdade a questão não é mais como se pode aprender com a História, mas como os historiadores podem tornar a História real<sup>62</sup>!”

É nesse clima que a narrativa de Gumbrecht se manifesta. É a partir deste livro, *Em 1926* que Gumbrecht irá começar a avançar no debate sobre a narrativa histórica e acabará por se tornar um crítico literário mais aguerrido na defesa da história como um campo específico do que a maioria dos historiadores de seu tempo. Parece-me

---

<sup>61</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Em 1926**: vivendo no limite do tempo. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 464

<sup>62</sup> Ibidem, p. 465

uma clara *raiz* alemã essa opção teórica pela ortodoxia historiográfica, ainda que vestida com roupas diferentes.

Outro símbolo deste momento intelectual de Gumbrecht é a sua posição severa contra o marxismo. Anteriormente como já dito no início do texto, Gumbrecht revelou algum indicio de origem marxista e se via como um *fruto* desse modelo de pensamento quase trinta anos antes de *Em 1926*. Agora Gumbrecht não revela a mesma simpatia.

“Quando o comunismo europeu entrou em colapso após 1989, este experimento – que era único, meramente em função de suas proporções – demonstrou mais uma vez a sua unicidade ao se tornar o mais caro fracasso de todos os experimentos intelectuais já levados a cabo<sup>63</sup>”

Essa qualificação como *experimento intelectual fracassado*, me parece uma avaliação que encontra a ortodoxia que apontei anteriormente. Ainda que essa ortodoxia não seja exatamente em função da política. O ataque ao marxismo aqui é para acertar o *new historicism*, corrente amplamente preenchida de simpatizantes ao marxismo. O *new historicism* no debate da teoria literária estadunidense é uma prática que se preocupa com a inserção na metodologia de análise literária do *contexto* em oposição à restrição metodológica advogada pelos seus inimigos, esses sim ortodoxos, adeptos da metodologia do *new criticism* que abominava qualquer inserção de contexto a análise literária. “O marxismo não é mais que uma lembrança nostálgica ou embaraçosa, especialmente nas suas ressurreições e reencarnações mais recentes (boas intenções não consertarão uma epistemologia ultrapassada!)”<sup>64</sup>. Gumbrecht revela não só um afastamento do *new historicism*, mas uma estridência nesse sentido. Vasconcelos nos dá uma pista para compreender o incômodo de Gumbrecht com o *new historicism*:

“Para os novos historicistas há uma relação de dependência recíproca entre a textualidade da História e a historicidade dos textos literários, de modo que, para o crítico, torna-se importante perceber não só como o texto é moldado pelo contexto, mas também como o próprio contexto soe acessível

---

<sup>63</sup> Ibidem, p. 461

<sup>64</sup> Ibidem, p.12

a nós de forma textualizada, e só adquire significado às luz do texto literário ao qual se contrapõe. Este enfoque permite que se substitua uma abordagem mecanicista de causa e efeito, própria do historicismo tradicional, por uma concepção mais aberta e dinâmica da relação texto/contexto<sup>65</sup>”

É essa *dinâmica* de funcionamento textual que incomoda Gumbrecht. O crítico literário estaria sempre refém da textualidade para compreensão do contexto, e o contexto só seria apreensível pelo que é textual. *Em 1926* é uma tentativa de encarar essa compreensão e encontrar uma saída. *A materialidade da comunicação, o campo não-hermenêutico, etc...* parecem não retornar – ao menos diretamente – a forma de pensar de Gumbrecht.

Esse relato biográfico de Gumbrecht foi uma tentativa de *apresentar* o autor que apesar de não ser *novidade*, pode num olhar despreocupado de historiador se tornar um *enigma*. Os historiadores – e principalmente os historiadores brasileiros – não estão habituados a esse debate da crítica literária que – literalmente – deságua já no velho e cansado debate da teoria da história e das relações da narrativa histórica com outros modelos de compreensão narrativa exteriores à disciplina. É bem verdade que Gumbrecht não permanecerá no ponto em que aparentemente encerro este texto, mas percebo que este momento é o decisivo para o autor entrar com mais força no debate historiográfico, ainda que esteja com os argumentos voltados para a crítica literária, suas preocupações são sempre com os efeitos deste debate para a narrativa histórica. Após esse momento de sua carreira essa questão se agrava e talvez por isso os historiadores brasileiros comecem a ter interesse em suas ideias exatamente aqui, quando o autor mergulha mais profundamente na história e sua narrativa.

*Em 1926* é um livro com uma proposta ousada. Desafiar os enunciados pós-modernos sobre a narrativa histórica. Para mim, ambicioso até demais. Gumbrecht não me parece alcançar o que deseja, nem no método que propõe, nem na forma como gostaria que o livro fosse interpretado. Propor uma narrativa histórica em verbetes não pareceu ser um caminho. Nenhum historiador seguiu esse caminho,

---

<sup>65</sup> VASCONCELOS, José Antonio. **Quem tem medo de teoria?** São Paulo: FAPESP, 2005,p.130.

bem como o próprio Gumbrecht não repetiu o experimento. Mas o livro teve seu valor de crítica e de rebelião. Mas talvez o maior mérito deste livro tenha sido indicar os caminhos para o que é o mais original nas ideias de Gumbrecht. A aplicação do conceito de *presença* como alternativa ao modelo amplamente hegemônico e comprometido com a antítese da presença, o *sentido*.

Gumbrecht é este intelectual que tem muitas faces, mas todas voltadas para os mesmos pontos. Está mirando sempre o equilíbrio da narrativa histórica. Essa postura é encarada quase como uma missão. Uma missão ingrata para um intelectual forasteiro nos EUA. No século XXI Gumbrecht segue publicando suas pesquisas e em seu tom contrário ao avanço dos enunciados desconstrucionistas, em defesa de um campo historiográfico autônomo e com características próprias. Essa opção me faz lembrar do tradicional historicismo alemão e sua recusa a filosofia da história no século XIX em função da *especificidade* do conhecimento histórico. Também me remete ao núcleo duro da história social praticada na França no século XX, fechada também ao avanço do estruturalismo e do pós-estruturalismo.

Mas a impressão final sobre sua trajetória acadêmica desde os anos 1970 é de um intelectual que faz um tremendo esforço para consolidar o debate historicista e suas bases no contemporâneo debate filosófico desses nossos tempos. E o faz com afinco. Podemos concordar ou discordar de Gumbrecht, mas não podemos ignorá-lo. Principalmente nos dias atuais quando o debate sobre narrativa histórica retorna com tamanha força. E devemos fazer o mesmo com seus *adversários* intelectuais no campo da crítica literária estadunidense.

## 2. ANTES DE APRENDER COM A HISTÓRIA

O título do capítulo mais importante do livro *Em 1926 é Depois de aprender com a história*<sup>66</sup>. Esse capítulo discute uma mudança do significado da história, que até então assumia um papel pedagógico para com seus estudiosos e leitores. A função da história em sua acepção mais tradicional era primordialmente ser *mestra para a vida*. Em alguma medida esse aspecto se perpetuou na historiografia moderna, apesar de ser uma perpetuação com outro formato. A história moderna tinha que ensinar ao homem como eram as *leis* de seu funcionamento e a partir disso consolidar saberes e experiências que oferecessem meios e ferramentas para a *transformação e aceleração* do ritmo progressivo da história<sup>67</sup>. No momento contemporâneo com todos os enunciados céticos pós-modernos, já não seria possível considerar essas funções para a história e Gumbrecht então propõe *depois de aprender com a história*. E é por esse motivo que resolvi intitular esse texto como *antes de aprender com a história*.

Como sugerido no capítulo anterior, é no livro *Em 1926* e em seu capítulo mais emblemático *Depois de aprender com a história*, publicados originalmente em inglês no ano de 1997 que é possível constatar uma verdadeira guinada do autor em direção aos dilemas da historiografia, ainda que as bases de seus questionamentos tenham uma raiz muito clara e determinável em debates muito próprios da teoria literária e não exatamente da teoria e filosofia da história. Esse capítulo será um esforço em sintetizar as bases epistemológicas desse caminho. O que significavam esses debates e questões da teoria literária para Gumbrecht e por que eles são importantes para sua reflexão historiográfica posterior? É o que me arriscarei a tentar responder. E tentarei fazer principalmente para historiadores não muito familiarizados com esse debate.

A reflexão de Gumbrecht irá se formatar dentro da tradição germânica de crítica literária. No período de sua formação entre 1967 e 1971 começa a se estabelecer o

---

<sup>66</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Em 1926: vivendo no limite do tempo**. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 459

<sup>67</sup> Para um debate mais pormenorizado sobre essa questão ver BENTIVOGLIO, Julio. Nos domínios da cultura histórica. **ArtCutura**. São Paulo, v. 14, nº 25, 2012 e HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2013.

que se convencionou chamar de *estética da recepção*. A *estética da recepção* era uma proposta de reformulação teórica das práticas de análise literária que estavam em voga até então na Alemanha. Para além de uma reformulação, trata-se em maior grau de uma *reação* ao avanço do debate literário estruturalista que vinha da França, propondo novos paradigmas de compreensão da linguagem a partir das concepções linguísticas de Ferdinand de Saussure. Perry Anderson nos esclarece de maneira objetiva a base conceitual legada por Saussure:

"The originating discipline from which structuralism drew virtually all of its distinctive concepts was linguistics. It was here that De Saussure developed the opposition between *langue* and *parole* ('language' and 'speech'), the contrast between synchronic and diachronic orders, and the notion of the sign as a unity of signifier and signified, whose relationship to its referent was essentially arbitrary or unmotivated within any given language<sup>68</sup>"

A ruptura na compreensão da linguística entre fala (*parole*) e linguagem (*langue*) proposta por Saussure abalava a compreensão de linguagem como algo estático e concreto. Ao considerar a linguagem como algo dinâmico e afetado por duas dimensões – a da fala e a da linguagem escrita ou simbólica – o estruturalismo propunha uma *refundação* dos estudos literários e uma reinterpretação dos clássicos aos moldes das determinações estruturalistas. Na Alemanha assumir a crítica de matriz francesa estava fora de cogitação, pois o estruturalismo ameaçava profundamente as bases da compreensão histórica germânica daquele momento. Ainda que a semiologia de Roland Barthes não atacasse diretamente a historiografia alemã, nela estavam contidas as bases da contestação à forma como se produzia a narrativa histórica, algo que colocava em xeque a ferramenta mais importante para a produção do conhecimento histórico na Alemanha, a hermenêutica.

---

<sup>68</sup>“A disciplina de onde o estruturalismo usou praticamente todos os seus conceitos originais era a lingüística. Foi ali que Ferdinand de Saussure desenvolveu a oposição entre *langue* e *parole* ('língua' e 'discurso'), o contraste entre as ordens sincrônica e diacrônica, e à noção de signo como uma unidade do significante e do significado, cuja relação com seu referente era essencialmente arbitrária ou desconexa em qualquer linguagem.” ANDERSON, Perry. **In the Tracks of Historical Materialism**. Chicago: The University of Chicago Press, 1984. p.41



A hermenêutica havia sido em grande parte reapresentada e sistematizada como ferramenta pelo livro *Verdade e método*<sup>69</sup> de Hans-George Gadamer em 1960. O livro *Mitologias* de Barthes havia sido publicado pouco tempo antes, em 1957. Nele eram apresentados os fundamentos da linguística estruturalista. Dois paradigmas linguísticos estavam em conflito naquele momento, a concepção hermenêutica e o estruturalismo francês. É nesse contexto que em 1967 Jauss, aluno de Gadamer e orientador de Gumbrecht faz a defesa de sua tese de doutorado em uma palestra intitulada *A história da literatura como provocação a teoria literária*<sup>70</sup>, e que apresentaria as bases da *estética da recepção*. A *estética da recepção* propunha incluir – para além da análise linguística na interpretação dos textos canônicos da literatura – também a forma como foram recebidas essas obras, determinadas pelos leitores no processo de absorção dos textos. Luiz Costa Lima explica em que termos Jauss acreditava determinar a recepção do leitor através da proposta de estética da recepção:

“A desconsideração do leitor era proposta a partir de duas perspectivas: da clássica e da moderna. Do ponto de vista clássico, não o levar em conta era romper frontalmente com o pacto normativo; do ponto de vista moderno, não se sujeitar ao que, a partir de agora, será cada vez mais intensamente o pacto comercial. Ora, à medida que a automização da literatura em fins, do século XVIII, supunha a presença cada vez maior do livro, isto é, de um bem negociável, a estética da produção, centrada na qualidade estética do produto, parecia a orientação propícia à autonomia da arte. O descaso do leitor se fazia em nome da importância estética da obra. Por conseguinte, a (re)descoberta do leitor por Jauss propunha noutros termos a questão da autonomia. Desde o século XVIII, a estética normativa perdera seu lugar. Voltar a tratar do leitor, no século XX, não mais ameaçava a autonomia do discurso literário. A questão importante consistia em articular a qualidade estética com a presença do leitor, fora as injunções comerciais. A questão porém exigia mais que astúcia política<sup>71</sup>”

---

<sup>69</sup> GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

<sup>70</sup> JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação a teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

<sup>71</sup> COSTA LIMA, Luiz. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.16

Reabilitar o leitor era uma tarefa difícil naquele momento. As tradições em voga eram fechadas a esse respeito. Mas a reformulação teórica sugerida por Jauss não parava por aí, Castro Rocha detalha o que era exatamente essa proposta:

[...] a estética da recepção apresentou-se como uma tentativa sistemática para fornecer uma resposta ao problema da elaboração de um paradigma capaz de substituir o estruturalismo, cuja deficiência principal, em relação aos estudos literários revelara-se na impossibilidade de incluir, em suas análises, o leitor como elemento histórico.<sup>72</sup>

Este objetivo almejado por Jauss foi motivo de grande expectativa na Alemanha, com a sua possibilidade de incluir o leitor na construção da análise textual - e por isso – um otimismo se estabeleceu naquele momento entre os alunos de Jauss e entre eles, o próprio Gumbrecht. Tal euforia resultou em diversos trabalhos na Universidade de Constança que marcariam toda a trajetória da teoria literária alemã nos próximos trinta anos. O principal expoente e herdeiro dessa tradição é Wolfgang Iser que viria a se tornar o mais bem sucedido teórico formado na tradição da *estética da recepção*. O próprio Gumbrecht relata esta sensação de euforia na introdução de seu livro *Making Sense in Life and Literature* no texto *Até que ponto a construção de sentido faz sentido? Retrospectiva californiana de uma questão alemã* de 1992 e recupera a história de seu início de carreira contando que,

“O ponto de partida dessa trajetória – graças a um posto de *Wissenschaftlicher Assistent* na Universidade de Constança, que ocupei de 1971 a 1974 – foi o otimismo ilimitado que a ‘escola’ da estética da recepção então inspirava à Alemanha Ocidental (com forte eco na República Democrática da Alemanha): essa escola foi aclamada – e superestimada – como uma “mudança de paradigma” nos estudos literários”.<sup>73</sup>

Este otimismo não estava vinculado apenas com um objetivo de reformulação do paradigma reinante na teoria literária alemã, mas também a uma esperança político-institucional da geração mais nova de doutorandos da Universidade de Constança (a

---

<sup>72</sup> CASTRO ROCHA, João Cezar de. Introdução. **Corpo e Forma**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. p.9

<sup>73</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. Até que ponto a construção de sentido faz sentido?: Retrospectiva californiana de uma questão alemã. **Floema**. Vitória da Conquista, ano 1, n.1, p. 89 – 105, 2005.

qual Gumbrecht se diz filiado). Sobre as esperanças teóricas e políticas daquele momento, Gumbrecht revela uma nostalgia política sutil que é recorrente em seus textos. Gumbrecht a detalha relacionado com suas lembranças geracionais:

“[...] as esperanças da geração mais jovem concentravam-se no que era visto como a promessa da estética da recepção de abrir caminhos mais “democráticos” para a pedagogia e a história da literatura. Havia sonhos de uma nova apropriação proletária dos clássicos e, nesse mesmo viés, a ideia de Walter Benjamin de uma historiografia a ser escrita a partir da perspectiva “do derrotado” era compreendida como uma revelação da verdadeira função da história literária”<sup>74</sup>

Essa necessidade institucional pressupunha uma clara intenção política também no próprio escopo teórico da *estética da recepção* que vinha sendo trabalhado pelos intelectuais dessa tradição, como posteriormente o próprio Gumbrecht destaca,

“Naquela época, alguns de seus representantes estavam bastante interessados [...] no “sentido” que suas reconstruções dos atos de constituição de sentido poderiam ter num contexto social mais amplo. Em outras palavras: estavam interessados nas funções (mais ou menos) políticas de seu discurso acadêmico”.<sup>75</sup>

Todo este contexto político-institucional que preenchia as relações intelectuais na Universidade de Constança na Alemanha se refletirá fortemente sobre Gumbrecht, principalmente por ele estar sob orientação acadêmica de Jauss, o grande obelisco da recém-nascida *estética da recepção*. A tese de doutorado de Gumbrecht trataria de tentar colocar em prática a *estética da recepção* no estudo de textos que datavam do período da Idade Média tardia, ele a publica em 1972, sob o título *Funktionswandel und Rezeption: Studien zur Hyperbolik in literarischen Texten des romanischen Mittelalters*<sup>76</sup>. Esta euforia teórica permaneceria durante uma década entre os intelectuais alemães, capitaneados principalmente por Wolfgang Iser e outros herdeiros da tradição da geração de Jauss.

---

<sup>74</sup> Ibidem p.92.

<sup>75</sup> Ibidem p.92.

<sup>76</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Funktionswandel und Rezeption: Studien zur Hyperbolik in literarischen Texten des romanischen Mittelalters**. Munchen: Fink, 1972.

Sobre este primeiro momento da produção de crítica literária apoiada na onda da *estética da recepção* (ainda filiada à proposta original de Jauss), Gumbrecht ressalta o aspecto fundamental de transformação que compunha aquela primeira proposta teórica e analisa que,

“A mudança verdadeiramente importante que a estética da recepção estimulou foi fruto [...] da própria consequência da tematização do leitor: a pluralidade de sentidos atribuídos a cada texto em nome de diferentes leitores [...] alterou profundamente o status do texto em nosso campo de pesquisa e análise.”<sup>77</sup>

A valorização da *estética da recepção* como fundamento teórico está muito mais em sua consequência intelectual, do que em sua própria matriz teórica original apoiada por Jauss, pois posteriormente seriam as insuficiências deste projeto que tornariam possíveis as renovações no campo da teoria literária alemã. É sobre esta importância que Gumbrecht se refere quando ele escreve sobre a alteração posterior na forma de pesquisar e analisar textos.

Logo após, em sua vida profissional, no ano de 1975, já lecionando na Universidade de Bochum, Gumbrecht publicou um artigo muito importante, que se preocupava com o futuro da teoria literária germânica, no qual propunha uma releitura da *estética da recepção* e se afastava de Jauss. Este artigo se caracterizou como uma ruptura parcial com o projeto teórico de Jauss. Em *As consequências da estética da recepção: um início postergado* em um clima de denúncia epistemológica Gumbrecht demonstra uma grande insatisfação com os rumos que a recente proposta da Estética da Recepção ia tomando ou em suas próprias palavras “no ensaio [...] tentei baixar o tom desses projetos pretensiosos”<sup>78</sup>. Um grande problema para ele era a ausência de um estudo das realidades históricas no qual os leitores se formavam nos trabalhos teóricos produzidos sob apoio da *estética da recepção*. Na maioria das vezes os críticos literários se concentravam num leitor *ideal*, que tinha o hábito de ler muito próximo do modelo de leitura tradicionalmente existente

---

<sup>77</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. Até que ponto a construção de sentido faz sentido?: Retrospectiva californiana de uma questão alemã. **Floema**. Vitória da Conquista, ano 1, n.1, p. 89 – 105, 2005.

<sup>78</sup> *Ibidem*, p.93

na modernidade, a leitura solitária e silenciosa, própria e específica da modernidade. Havia uma necessidade para Gumbrecht de se ultrapassar os limites da própria literatura. Já no início de seu texto ele anuncia de maneira substancial sua insatisfação com essa construção teórica do leitor,

“A questão [...] é que a discussão crítica não pode mais ser considerada como um processo motivado por uma ideia de perfectibilidade, em que o leitor ideal, convergisse para o significado correto, mas sim um esforço reconstrutivo cujo propósito é compreender as condições sob as quais vários significados de um determinado texto são gerados por leitores cujas disposições receptivas possuem diferentes mediações históricas e sociais. O fato de que sugestões metodologicamente elaboradas para resolver esta tarefa através de “histórias funcionais” ou “histórias literárias do leitor” sejam sempre proclamadas, embora raramente executadas, pode ser considerado como um sintoma de estagnação”.<sup>79</sup>

Essa obsessão com as condições históricas da recepção do leitor se revelará muitas vezes em sua obra e é o ponto central da crítica aos intelectuais que estavam produzindo estudos com base na proposta teórica de Jauss. O papel do leitor na interpretação do texto é visto por Gumbrecht como necessidade vital para compreender o sentido em sua totalidade. E essa importância do leitor é proposta por Gumbrecht, alertando que,

“[...] qualquer tentativa de estabelecer constantes sistemáticas para todos os significados de um texto, através de métodos linguísticos, teria que levar em consideração o âmbito total deste texto, e frente a frente com fenômenos perfeitamente comuns do cotidiano – por exemplo, ‘ler rapidamente, ou simplesmente fechar o livro -, teria que incluir, como exigência mínima para um modelo normativo de recepção, o postulado de uma recepção que fosse constantemente atenta ao texto como uma totalidade”.<sup>80</sup>

A totalidade do texto aqui é proposta não como conhecimento da composição textual e sim como a totalidade de sua interpretação, basicamente nenhum texto poderia

---

<sup>79</sup>GUMBRECHT, Hans-Ulrich. As consequências da estética da recepção: um início postergado. In: CASTRO ROCHA, João Cezar de(Org.). **Corpo e Forma**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1998. p.24

<sup>80</sup>Ibidem, p.26.

ser interpretado sem que se desse conta dos aspectos de compreensão e recepção dos leitores em lugares históricos determinados. De forma que só seria possível entender a recepção de um texto medieval por exemplo, se fosse levado em conta os modos de leitura habituais do período medieval, pois os textos daquela época eram escritos para serem lidos de uma forma específica que é diversa da moderna.

Gumbrecht nesse artigo, não se limita a problematizar a *estética da recepção*, ele vai além e propõe *soluções* possíveis para as insuficiências que ele percebe no paradigma de compreensão textual e assim sugere que a *estética da recepção*,

“[...] deve estudar os propósitos aos quais a leitura enquanto ação cognitiva foi submetida – reconstrução da “motivação-para” (*in-order-motivation*) do leitor – e explicar a geração desses projetos a partir da situação histórica e social do leitor – reconstrução da “motivação porque” (*because motivation*) do leitor”.<sup>81</sup>

Gradualmente, Gumbrecht vai se aproximando da necessidade de se debruçar sobre a história para encontrar saídas epistemológicas razoáveis para a *estética da recepção* e dispara,

“Se a questão sobre a ‘motivação-para’ da produção textual dirigiu nossa atenção a atos comunicativos subordinados à ação social, então a investigação de sua ‘motivação-porque’ leva-nos ao nível de estruturas sociais históricas”.<sup>82</sup>

Essa ânsia por uma reconstrução social e histórica da recepção começa a ultrapassar os próprios limites da *estética da recepção*, para Gumbrecht a teoria literária como um todo deve se concentrar numa nova agenda de reconstrução da recepção textual através da história. O livro *As funções da retórica parlamentar na Revolução Francesa* vai nessa direção ao colocar a dimensão pragmática da expressão como uma parte importante da pesquisa.

---

<sup>81</sup> Ibidem, p.31.

<sup>82</sup> Ibidem p.35.

Talvez, em alguma medida possamos considerar que Gumbrecht começa a propor uma historicização dos processos de leitura que pudesse substituir o paradigma tradicional da teoria literária. Ou como o próprio autor tenta expressar “[...] em outras palavras, o estudo da história de seu interesse literário”<sup>83</sup>, ou seja, uma história do interesse literário dos sujeitos históricos. Por isso Gumbrecht enfatiza, “[...] a crítica literária deve intensificar seus esforços para descobrir evidência extratextual de ações cognitivas no passado”.<sup>84</sup> Essa concepção da historicização da leitura não estava ainda completamente formada, mas aqui já há sinais de que o caminho para esse processo já se apresentava como uma alternativa as problemáticas da análise textual.

Entretanto, algo mais chama a atenção neste artigo de Gumbrecht, depois de exaustivamente ele tentar construir soluções para a *estética da recepção*, curiosamente um ceticismo prematuro já o assombra e ele deixa isso revelado também neste artigo. Assim, a solução revela que tem seus limites e isso fica evidente quando Gumbrecht tenta penetrar no campo de estudo da história e afirma de forma desalentadora “[...] sempre haverá algo problemático quanto a reunir os resultados de estudos individuais numa *história da recepção* mais geral porque tais estudos individuais normalmente não fornecem continuidade histórica”<sup>85</sup>. Aqui é possível observar a cautela de Gumbrecht ao lidar com reconstruções históricas no plano da percepção dos sentidos, não sem motivos a sua escrita parece mostrar certo grau de frustração com as possibilidades oferecidas pela história. Entretanto, o autor se justifica e também justifica seu trabalho; “[...] não deveríamos perder o rumo por causa de problemas epistemológicos”<sup>86</sup>. Este trecho é revelador de algum grau de insegurança quanto à historicização da recepção. O problema epistemológico a qual Gumbrecht se refere é a limitação imposta pela história ao avanço da teoria literária, curiosamente ele não apresenta uma solução clara para este problema, apenas propõe uma insistência nos estudos a partir de sua nova problemática.

---

<sup>83</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. As consequências da estética da recepção: um início postergado. In: CASTRO ROCHA, João Cezar de(Org.). **Corpo e Forma**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1998. p.36.

<sup>84</sup> Ibidem p.39.

<sup>85</sup> Ibidem p.39.

<sup>86</sup> Ibidem p.40.

O que se pode depreender por fim deste debate sobre a *estética da recepção*, é a tentativa de Gumbrecht, se não de salvar a *estética da recepção*, pelo menos um grande esforço de aproximar a literatura da história. E fica clara sua intenção de tentar essa aproximação quando ele afirma,

“[...] a literatura tem um impacto na história quando quer que sua recepção modifique o conhecimento relevante para a motivação, o que por sua vez altera a ação social de um número suficiente de leitores de forma que esta mudança torna-se um incentivo para uma mudança nas estruturas sociais”.<sup>87</sup>

Eu não poderia deixar de registrar, ainda tratando deste artigo, que ele tem uma importância fundamental para Gumbrecht depois se dedicar a história da forma como o fez, perceber um grau de melancolia teórica já nas suas conclusões em relação à *estética da recepção*. E Gumbrecht pontua de forma quase resignada:

“Se não podemos chegar à conexão entre as experiências que indivíduos ou grupos adquirem pela recepção de textos literários, por um lado, e as mudanças em seus atos, por outro, falta-nos então um estágio indispensável para a reconstrução positiva da “influência da literatura sobre a história”.<sup>88</sup>

A falência da possibilidade da reconstrução da relação entre literatura e história foi mais tarde melhor exemplificada. Já passada quase duas décadas das conclusões do ensaio de 1975, em 1992 Gumbrecht definiu o impasse teórico que ele se deparou na reconstrução desta relação sensível que tentava amalgamar:

“A experiência literária nunca pode ser mais do que um dos muitos elementos de experiência previamente adquiridos, que estão congregados em “motivações” para ações subsequentes, e não é possível, portanto, sobrecarregar sua importância em relação a outras motivações. Esse dilema reduziu a esperança de se avaliar empiricamente a função da literatura”.<sup>89</sup>

---

<sup>87</sup> Ibidem p.42.

<sup>88</sup> Ibidem p.44.

<sup>89</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. Até que ponto a construção de sentido faz sentido?: Retrospectiva californiana de uma questão alemã. **Floema**. Vitória da Conquista, ano 1, n.1, p. 89 – 105, 2005.



Nota-se aqui, uma frustração com o próprio lugar em que a literatura vinha ocupando na construção ou escrita da história, e será essa motivação fundamental que move o pensamento de Gumbrecht numa busca permanente por um papel mais seguro e justificável das ferramentas teóricas desenvolvidas pela teoria literária e sua importância para a teoria do conhecimento contemporânea. E é também neste texto que quase vinte anos depois, Gumbrecht se mostrou capaz de reconhecer que apesar de todo o pessimismo já presente nesta sua tentativa de repensar a *estética da recepção*, somente através dos novos problemas, colocados por essa nova abordagem foi possível construir algo novo na teoria literária germânica. Assim, ele escreveu em 1992,

“[...] a nova atenção dispensada à constituição do sentido pelo leitor contribuía com a suposição de que era possível demonstrar com detalhes o quanto a recepção literária de fato influenciava momentos e conjunturas cruciais da história ocidental”.<sup>90</sup>

Após este exame da proposta de Gumbrecht para a *estética da recepção* em 1975, não se deve perder de vista o projeto do autor de aplicar todas suas considerações no estudo sobre as *Funções da Retórica Parlamentar na Revolução Francesa*<sup>91</sup> e publicar um livro nesse sentido em 1978.

Logo no início de seu livro, Gumbrecht anuncia que este projeto faz parte dessa tentativa de construir a proposta da Estética da Recepção. Apesar de que a forma como ele trata a aplicação disso nos mostre alguma distância de sua intenção em *As consequências da estética da recepção: um início postergado*. Ou talvez uma continuação da tentativa de aperfeiçoamento epistemológico tentado em 1975. Gumbrecht então sugere um novo objetivo para a *estética da recepção*, e já se coloca muito mais distante da proposta inicial de Jauss, e anuncia sua ambição relatando sua nova percepção do problema da *estética da recepção*:

---

<sup>90</sup> Ibidem, p. 92.

<sup>91</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **As funções da retórica parlamentar na Revolução Francesa: Estudos preliminares para uma pragmática histórica do texto**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

“Percebeu-se que seu caráter inovador na história das teorias não repousava simplesmente na tematização do leitor, mas – mais especificamente – no esforço de *evidenciar as condições de formações de sentidos distintos aos respectivos textos [...] por parte dos distintos leitores e grupo de leitores*. Enquanto correntes anteriores da Teoria Literária tinham proposto como objetivo principal de sua prática exatamente a redução da pluralidade de formação de sentidos existentes e propostas para um texto, a Estética da Recepção transforma essa multiplicidade dos sentidos no seu assunto principal”.<sup>92</sup>

A nova problemática da *estética da recepção* é desta forma apresentada como uma renovação epistemológica na forma do que era problematizado antes o leitor e no que seria o problema atual a pluralidade de sentidos. Duas perspectivas diferentes dentro de uma mesma proposta teórica. No entanto, o autor novamente alerta para os limites desta nova e mais elaborada proposta de pesquisa textual ao definir *sentido*:

“[...] o “sentido” é o *resultado da eliminação das ambiguidades (da ‘redução de lacunas’) intencionada pelo autor e realizada pelo leitor nos planos semântico, sintático e programático no ato da produção do texto e no da sua recepção*. Evidentemente, a pluralidade de sentidos possíveis é restrita respectivamente pela constituição do texto e pelas coordenadas situacionais”.<sup>93</sup>

Este limite dos sentidos a partir da *constituição do texto* e das *coordenadas situacionais* recupera o que vinha sendo proposto nas pesquisas anteriores, mas aponta em uma direção onde poderia ser encontrado no texto a tão cobiçada ligação entre autor e leitor através da mediação de relações históricas.

Apesar de toda a arquitetura teórica para se encontrar no texto aquele sentido fundamental para a extração da relação entre autor e leitor em situações históricas, um permanente ceticismo insiste em se manifestar no texto de Gumbrecht e isso se revela na lembrança de que nem sempre será possível com os elementos

---

<sup>92</sup> Ibidem, p.14.

<sup>93</sup> Ibidem, p.15.

disponíveis para o pesquisador encontrar o alcance *histórico* e todo efeito causado nos receptores do passado. Gumbrecht então nos lembra que,

“Quando as expectativas dos produtores e dos receptores do texto coincidem com os segmentos de saber atualizados pelo outro, o sentido *intencionado* pelo produtor e o realizado acabam sendo convergentes. Evidentemente, não se pode derivar disso necessariamente [...] que a *função* intencionada foi alcançada”.<sup>94</sup>

E aqui, é necessário dizer que como *função* do texto, Gumbrecht entende “o efeito da sua recepção nas ações e no comportamento dos receptores”<sup>95</sup> o que cada vez mais o aproxima de uma necessidade de investigação histórica. O crítico literário aos poucos é colocado na função de historiador por Gumbrecht. Ironicamente, ao término de sua proposta teórica para a investigação a partir da estética da recepção, uma conclusão em alguma medida decepcionada já antecipa a impossibilidade de realizar toda a ambição de sua proposta teórica e evidencia o quanto Gumbrecht parecia caminhar em direção a um sentido epistemologicamente bloqueado pelos limites da história:

“Não há como saber se e de que maneira a recepção causa algum impacto nas ações e no comportamento subsequentes a ela, mesmo no caso ideal de uma pesquisa empírica sobre receptores contemporâneos – através de entrevistas, por exemplo -, porque a constituição dos agregados de saberes relevantes para a motivação ocorre apenas em grau menor sob controle consciente do autor”.<sup>96</sup>

O distanciamento gradual de Gumbrecht dos objetivos do movimento intelectual da estética da recepção ganha contornos curiosos, mas não menos importantes do que ele mesmo considera nos anos posteriores, o que havia sido verdadeiramente essa intenção de se refundar a teoria literária. De forma enfática, ele considera que “apesar dos esforços de alguns dos fundadores do movimento para [...] limitar o

---

<sup>94</sup>Ibidem p.16.

<sup>95</sup>Ibidem p.17.

<sup>96</sup>Ibidem p.19.

leque de leituras legítimas”<sup>97</sup>, ou seja, frear o que alguns, como o próprio Gumbrecht desejavam, “foi possível perceber com o tempo que o termo *estética da recepção*, que coloca tanta ênfase no leitor, pode agora de algum modo ser visto como um embuste”<sup>98</sup>. Aqui, um ar de teoria conspiratória ronda sua fala, apesar de estes agentes mais conservadores serem depois revelados pelo autor.

Sobre este *abandono* da *estética da recepção* como ferramenta teórica, Gumbrecht se manifestou certa vez, em uma entrevista, na qual ele revela um ponto de vista também curioso, mas revelador de sua própria trajetória acadêmica e o movimento intelectual ao qual ele participava naquele momento inicial de carreira:

“Eu acreditei de maneira ingênua que esse movimento deveria implicar formas não-canônicas de experiência estética. Demorou alguns anos para eu atinar que esta, para não dizer coisa pior, não havia sido a intenção central de seus fundadores. Mas, independentemente dos planos daqueles fundadores, o movimento já me havia encorajado a trazer à tona alguns impulsos iniciais de uma carreira acadêmica que estava em seu começo”.<sup>99</sup>

A conclusão de Gumbrecht não parece solitária. A insuficiência da *estética da recepção* proposta por Jauss como uma nova teoria ou refundação da hermenêutica foi também salientada por Regina Zilberman:

“Como se vê, os elementos necessários para medir a recepção do texto encontram-se no interior do sistema literário. Em vez de lidar com o leitor real, indivíduo com suas idiossincrasias e particularidades, Jauss busca determinar seu virtual “saber prévio”. Para tanto, ele não interroga as pessoas, que só poderiam fornecer poucas informações, se questionadas hoje, menos ainda em épocas anteriores. Sua consulta é dirigida às próprias obras; pois, na medida em que participam de um processo de comunicação e precisam ser compreendidas, elas apropriam-se de elementos do código vigente. Por mais renovadora que seja, cada obra “não se apresenta como

---

<sup>97</sup>GUMBRECHT, Hans-Ulrich. Até que ponto a construção de sentido faz sentido?: Retrospectiva californiana de uma questão alemã. **Floema**. Vitória da Conquista, ano 1, n.1, p. 89 – 105, 2005.

<sup>98</sup> Ibidem p.90.

<sup>99</sup>GUMBRECHT, Hans-Ulrich. Questões para Hans-Ulrich Gumbrecht. **Floema**, Vitória da Conquista, ano 1, n.1, p.13 – 42, 2005. Entrevista concedida a João Cezar de Castro Rocha, Kathrin Rosenfield, Marília Librandi Rocha e Ricardo Barbosa.

novidade absoluta num vazio informativo”, se não que “predispõe seu público por meio de indicações, sinais evidentes ou indiretos, marcas conhecidas ou avisos implícitos”. Dados retirados da poética do gênero são também sintomas seguros dos modos como ela espera se relacionar com o público. Logo, a obra predetermina a recepção, oferecendo orientações a seu destinatário. Segundo Jauss, ela evoca o “horizonte de expectativas e as regras do jogo” familiares ao leitor, “que são imediatamente alteradas, corrigidas, transformadas ou também apenas reproduzidas”<sup>100</sup>

Ou seja, a *estética da recepção* para Zilberman está completamente concentrada na investigação da obra que determinará em seus termos e possibilidades a compreensão e dinâmica de um leitor *ideal*. Esse talvez seja o *freio* do qual Gumbrecht fala, usado pelo fundador, para impedir o avanço epistemológico em direção à investigação do leitor. Mas há um aspecto do debate que se deve ressaltar que é a recuperação da historicidade da literatura. Se por um lado, a Estética da Recepção fracassou em seu objetivo primordial, por outro ela conseguiu recolocar a história como problema para a teoria literária. Regina Zilberman foi feliz quando percebe e destaca esse aspecto,

“O papel dessas ideias, por sua vez, transcende o grupo e o local onde apareceram. Sua contribuição para a história da literatura pode ser avaliada a partir das revisões dos autores do passado. Além disso, parece concretizar o objetivo a que se propõe, reabilitando a historicidade da literatura”.<sup>101</sup>

Luiz Costa Lima também tem observações ao pouco alcance que a *estética da recepção* pôde alcançar sob as determinações inaugurais de Jauss. Mas não credita o fracasso exatamente a insuficiência teórica, mas ao simplismo de Jauss.

“Extremamente meritório como era o esforço de Jauss, seja em ultrapassar sua proposta inicial, seja em, rompendo com os limites acadêmicos das

---

<sup>100</sup>ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 2004. p.34.

<sup>101</sup>Ibidem p. 109.

disciplinas, pensar um fundamento para a teorização da literatura, ele, entretanto, ainda é simplista... por otimismo<sup>102</sup>»

Gumbrecht está entre os autores que perceberam que apesar do naufrágio do projeto da *estética da recepção*, seu legado ao debate sobre a historicidade da literatura era algo que não poderia regredir e, portanto, enquanto *problema* epistemológico estava concretamente estabelecido. A literatura germânica havia chegado a um ponto de onde não havia mais volta em termos teóricos, restava a seus estudiosos propor soluções e buscar novos caminhos para os problemas que se colocavam, sobretudo, em relação à tradição hermenêutica.

Neste ponto eu recupero a relação com Jauss, relatada por Gumbrecht em entrevistas, e não posso deixar de associar em alguma medida, a ruptura teórica com a *estética da recepção* e a relação pessoal e política que Gumbrecht tinha com Jauss. Eu não poderia fazer tal associação como se ela fosse plena de verdade histórica, no entanto não posso deixar de relatá-la e por isso mesmo, na impossibilidade de incorrer no erro de uma afirmação categórica, deixo para o meu leitor o juízo de entender até onde a vida pessoal de Gumbrecht o influenciou neste ponto em sua vida intelectual.

Após este esforço intenso sobre os desdobramentos teóricos sobre a *estética da recepção*, o processo de ruptura gradual que estava em curso naquele momento da trajetória intelectual de Gumbrecht parece finalmente se concluir. Isto começa a ficar claro com a guinada de seu trabalho no livro *Grundriss der Romanischen Literaturen der Mittelalters*<sup>103</sup> em 1980. Foi quando o intelectual, seguindo o problema proposto por Paul Zumthor em relação à impossibilidade de uma pesquisa literária precisa, sem que se fosse feita uma historicização das formas de produção e recepção de leitura, organiza sua obra se dedicando a relação entre literatura e sociedade no período medieval mais tardio.

---

<sup>102</sup> COSTA LIMA, Luiz. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.22

<sup>103</sup>GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Grundriss der Romanischen Literaturen des Mittelalters**. Heidelberg: Carl Winter Universitätsverlag, 1980.

Esta nova busca para Gumbrecht revelou algo bem diferente de seus objetivos iniciais na *estética da recepção*. Agora, havia “o desafio de desenvolver algo como um modelo meta-histórico de historiografia como uma base para a identificação de algumas características específicas da historiografia medieval”<sup>104</sup>. E assim começava os anos 1980 para Gumbrecht, com um novo problema nascido da insuficiência da Estética da Recepção, ao pressupor formas idênticas de produção, leitura e ação em decorrência dos textos históricos e assim dar conta da totalidade textual a partir da Literatura. O novo problema era a descoberta de diferentes formas históricas e temporais de se lidar com a leitura de textos. Essas formas, no entanto, haveriam de ter coisas em comum – assim se pensava – que permitissem uma compreensão meta-histórica do processo historiográfico, ou seja, determinados processos que regessem a forma como se produzia, lia e se agia em relação a variados textos e como isso influenciava a narrativa histórica ainda que estes textos tivessem o componente histórico que os fazia sempre em alguma medida regidos por processos diferentes.

Para Gumbrecht, essa parecia ser a luz sobre o ponto exato onde a literatura poderia de fato influenciar a história, isso muito o agradava, em decorrência de toda sua frustração com a *estética da recepção*, como ele mesmo relata “a tarefa parecia ser a mais recompensadora, pois trabalhar em um modelo meta-histórico de historiografia implicava a possibilidade de repensar algumas das pressuposições da nossa própria tradição acadêmica de historiografia”<sup>105</sup>.

Com todo o debate sobre os rumos da teoria literária e seus desdobramentos, ficava cada vez mais formatada a ideia de que havia uma crise no seio das humanidades, pois, em outras áreas também haviam lacunas que apareciam na mesma época – tão intransponíveis quanto as percebidas na literatura – para a construção de conhecimentos.

Em 1981, Gumbrecht se prontificou a organizar um colóquio para debater com intelectuais de todo o mundo e de todas as áreas o futuro das Humanidades no

---

<sup>104</sup>GUMBRECHT, Hans-Ulrich. Até que ponto a construção de sentido faz sentido?: Retrospectiva californiana de uma questão alemã. **Floema**. Vitória da Conquista, ano 1, n.1, p. 89 – 105, 2005.

<sup>105</sup>Ibidem, p.95.

cenário obscuro que aos poucos se anunciava face à atmosfera de crise e transformação que se colocava, ao lado das tensões vividas na chamada Guerra Fria.

Era uma produção teórica engajada, com um recheio político-institucional marcante que o levou a organizar vários colóquios internacionais e interdisciplinares que viriam a resultar na curva definitiva no campo de suas ideias. Cinco colóquios deste tipo foram organizados no decorrer da década e seus resultados alcançaram muito mais do que era esperado no contexto intelectual contemporâneo. Esses eventos haveriam de trazer à tona respostas às angústias intelectuais surgidas no pensamento de Gumbrecht, um resultado de alguma maneira inesperado naquele momento.

A primeira etapa deste processo foi sintetizada em 2004, no livro *Produção de presença* e Gumbrecht anuncia de cara o primeiro pressuposto do qual partiram os intelectuais que participavam dos eventos descrevendo que “os primeiros três (de cinco) encontros assentavam no mesmo princípio trivial e pouco controverso: o princípio de que era possível aprender com o passado e que isso era ainda mais verdadeiro no caso da história das disciplinas acadêmicas”<sup>106</sup>. Essa consideração sobre o passado ainda era dominante e pouco questionada, levando-os a situações não muito agradáveis como o próprio Gumbrecht relata:

“[...] se nos sentíamos encorajados – quer pela experiência da naturalidade com que alguns intensos debates aconteciam entre as várias disciplinas representadas, quer por um ritmo de avanço frenético, talvez típico da ‘geração mais’ nova em qualquer profissão -, os resultados das nossas investigações continuavam francamente decepcionantes”.<sup>107</sup>

No entanto, Gumbrecht enfatiza também que a decepção após três colóquios era compensada pela persistência e escreve num lapso de otimismo “sentíamo-nos, por mais paradoxal que pareça, ao mesmo tempo desiludidos e suficientemente entusiasmados para procurar uma orientação radicalmente diferente às nossas

---

<sup>106</sup>GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Produção de presença**: O que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010. p.25.

<sup>107</sup> Ibidem p.25.



discussões”<sup>108</sup>. E foi desse entusiasmo que viria acontecer ao mesmo tempo o abandono da busca pela noção meta-histórica da literatura e o avanço em direção ao que viria ser chamado de *materialidade da comunicação*. Assim, sobre os colóquios João Cezar de Castro Rocha escreve “foi lá que Gumbrecht começou a reformular de maneira radical a ideia de uma historiografia meta-histórica e, por isso mesmo, principiou a desenvolver uma abordagem própria”<sup>109</sup> e complementa, “abandonada à pretensão de elaborar instrumentos críticos meta-históricos, Gumbrecht não considera mais a comunicação literária como sendo o modo mais eficaz de aproximação a contextos históricos determinados.”<sup>110</sup>, ou seja, as conclusões teóricas dos colóquios os levaram a uma modificação fundamental da própria concepção da literatura e como ela era estudada até então.

A compreensão de que exista uma dimensão *meta-histórica* nas narrativas já havia sido proposta por Hayden White em seu livro *Meta-história*<sup>111</sup> de 1973. Em seu livro White propõe uma reformulação da análise historiográfica concentrada na análise formal dos textos historiográficos e não mais em suas classificações conceituais tradicionais da historiografia. Para White, o que determinaria o aspecto fundamental de uma obra historiográfica seria o *tropo* narrativo a qual ela se filia. Essa compreensão de *meta-história* diverge do que Gumbrecht e seus colegas de colóquio estavam buscando. Para esses era necessário encontrar o elemento *meta-histórico* da *literatura*. Mas essa busca rapidamente se esvazia quando se percebe que se existia algo *comum* aos textos literários no decorrer da história, esse elemento era a sua *materialidade*, que determinava tanto a forma de leitura e acesso, quanto à forma de produção e divulgação dos textos literários. Ou seja, seria impossível avaliar um texto medieval, produzido para ser lido de uma forma bem específica e, portanto, materializado para esse fim com a lógica de leitura específica da modernidade, quando os textos tem materialidade completamente diversa dos textos de outras épocas.

---

<sup>108</sup> Ibidem p.26.

<sup>109</sup> ROCHA, João Cezar de Castro. Introdução. **Corpo e Forma**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. p.16.

<sup>110</sup> Ibidem p.17.

<sup>111</sup> WHITE, Hayden. **Meta-história: a imaginação histórica do século XIX**. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995

Uma conclusão fundamental foi decisiva para este abandono e a proposta teórica do que seria a vindoura teoria das *materialidades da comunicação*, os estudos apontavam para uma evidência determinante a qual se trata de,

“[...] uma vez que se propõe a equação ‘literatura enquanto processo comunicativo intrinsecamente relacionado ao surgimento dos tipos impressos’, toda definição meta-histórica perde imediatamente a validade – eis a consequência epistemológica mais profunda da historicização do conceito de literatura”.<sup>112</sup>

Foi essa a ideia que sepultou tudo que se havia debatido – pelo menos para os intelectuais que frequentavam os simpósios e entre eles o próprio Gumbrecht – em termos de teoria literária. Ficava claro que se os meios pelos quais a literatura é produzida em determinado contexto histórico influencia não só sua produção, como também causa impacto em sua forma de leitura e, por conseguinte de interpretação. Não fazia mais sentido nenhum tentar encontrar a lógica meta-histórica que determinava o estudo literário a partir da forma como se estabeleceu a produção textual e a leitura no mundo moderno. De uma hora para outra, quase todo estudo literário – sobretudo os relativos a textos anteriores a época moderna – se tornaram anacrônicos e equivocados.

Durante a década de 1980, é necessário assinalar que enquanto eventuais colóquios se organizavam de dois em dois anos, Gumbrecht se transferia da Universidade de Bochum para a Universidade de Siegen em 1983, e foi em Siegen que todo o projeto da materialidade da comunicação tomou forma. Toda a nova concepção do que era a própria literatura e sua pesquisa, estava irreversivelmente transformada a partir dos debates dos colóquios iniciais, a segunda etapa desses colóquios teria a missão de produzir uma proposta, uma teoria que agrupasse todas as conclusões de maneira racional e que pudesse assim, ser apresentada como o resultado de uma nova proposta teórica. Sobre esta nova etapa e a tentativa de defini-la, Gumbrecht escreve,

---

<sup>112</sup>Ibidem p.17.

“A palavra “comunicação” era promissora, pois deixava pra trás aquilo que considerávamos uma atenção demasiado restrita e tradicional dos estudos literários sobre a “literatura” (estávamos, afinal, numa época em que muitos de nós, nos estudos literários, haviam deixado de acreditar que os esforços quase seculares para encontrar uma noção meta-histórica e transculturalmente viável de “literatura” pudessem gerar resultados satisfatórios). Mas, acima de tudo, ambos os conceitos – “materialidades” e “comunicação” – pareciam prometer uma alternativa à perpetuidade da interpretação e da narrativa sempre diferente do passado”.<sup>113</sup>

Foi essa *alternativa à interpretação* que se mostrou o conceito chave do abandono de tudo que havia sido produzido, pois foi essa possibilidade de ver o estudo literário do passado como algo não relativizado e mediado pelas interpretações, como algo quase sempre conflitante. Era também uma maneira de encontrar respostas para toda a *crise* que tanto incomodava Gumbrecht nas humanidades e era a motivação inicial dos colóquios. Isso, no entanto, ainda não estava totalmente visível na cabeça de seus próprios autores, como o próprio Gumbrecht não deixa de assumir,

“Embora não fosse claro que aspecto poderia ter uma alternativa a interpretação, todos desejávamos – talvez por ingenuidade – oferecer alguma resistência ao relativismo intelectual associado (há quem diga, inevitavelmente) à cultura da interpretação. Sem pensarmos muito acerca das razões da nossa fadiga, nem perguntamos se de fato haveria uma alternativa (a força do momento de mudança intelectual está precisamente em não fazer essas perguntas), alguns de nós queriam uma cultura mais despida de descrições complexas, tal como as víamos nas ciências”.<sup>114</sup>

Mas afinal exatamente qual era o limite deste projeto intelectual no seu objeto de estudo, a *materialidade da comunicação*? O que era exatamente esta parte da linguagem que não poderia ser relativizada pela interpretação? Gumbrecht escreve uma frase fundamental para nos responder essas perguntas: “Materialidades da comunicação são todos os fenômenos e condições que contribuem para a produção de sentido<sup>115</sup>”. Seria esse, portanto, o aspecto da linguagem, até então invisível, que

---

<sup>113</sup>GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Produção de presença**: O que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010. p. 27.

<sup>114</sup> Ibidem p.27.

<sup>115</sup> Ibidem, p.28

deveria ser perseguido nos estudos da teoria literária. E é esse objeto – agora modificado – de análise literária já muito distante dos intelectuais que o propuseram. Havia-se a necessidade de se verificar esse modelo teórico.

A coletânea de ensaios e artigos produzidos nos colóquios foi publicada mais tarde em 1994 no livro *Materialities of Communication*. Entre os autores que publicaram textos estão Zumthor, Gumbrecht, Lyotard, entre outros. A abertura do livro escrita por K. Ludwig Pfeiffer esclarece a insatisfação daquele grupo de intelectuais, na maioria deles de formação alemã com a insistência na *imaterialidade* da arte que perdurava por todo o século XX. A cultura em torno da produção de *sentidos* cada vez mais numerosos e diversos em torno das coisas. Pfeiffer define a intenção daqueles autores – que apesar de não terem uma *teoria pronta* e mecânica em torno das materialidades da comunicação – tem uma série de insights em comum sobre a forma de produção de conhecimento naquele momento:

“The point, then, of the present enterprise is not a search for the reality of the material or the materiality of real. We are looking for underlying constraints whose technological, material, procedural, and performative potentials have been all too easily swallowed up by interpretational habits. These habits have been overdeveloped and overprivileged and have, to some extent, veered out of control. Our own options are therefore not unhinged by a correct insistence of the immateriality of the modern art or of an age of electronics in general. The concept or, if you will, the search metaphor of materiality points to a gap that, by and large, has considerably widened in modern times. It is a gap between information overload, interpretational sophistication, and the radical evanescence of semantic stability.”<sup>116</sup>

---

<sup>116</sup>“O ponto, então, da presente iniciativa não é uma busca da realidade material ou da materialidade do real. Estamos à procura de conteúdos subliminares cujas dimensões tecnológica, material, processual e suas potencialidades performativas foram facilmente absorvidas por hábitos de interpretação. Estes hábitos foram amplamente aprofundados e superestimados e tem, em alguma medida, saído do controle. Nossas escolhas, portanto não são exageradas por uma insistência correta na imaterialidade da arte moderna ou em uma era eletrônica de maneira geral. O conceito, ou, se quiserem, a busca metafórica pela materialidade aponta para uma lacuna que, de modo geral, aumentou consideravelmente nos tempos modernos. É uma lacuna entre a sobrecarga de informações, a sofisticação de interpretação, e a efêmeridade radical de estabilidade da semântica.” GUMBRECHT, Hans-Ulrich; PFEIFFER, Karl Ludwig. **Materialities of communication**. Stanford: Stanford University Press, 1994. p.12

Após essa conclusão, pode-se dizer que se encerra a primeira etapa teórica da carreira de Gumbrecht. Nesse momento já não havia mais nenhuma proximidade de seu projeto inicial com o que havia resultado a partir dos colóquios. Até então, sua preocupação, apesar de às vezes recorrer à história, é com a literatura, especificamente com a teoria literária. Posteriormente, mostrarei que Gumbrecht se concentrará sobre a História, que se tornou uma área inevitável a partir do novo projeto da materialidade da comunicação.

### 3. DEPOIS DE APRENDER COM A HISTÓRIA

Depois de intensa reflexão no campo da literatura sobre a dinâmica entre a relação da teoria literária com textos históricos, ou seja, antes de fazer propriamente reflexões historiográficas que são direcionadas a problemática da história, Gumbrecht anuncia em seu livro *Em 1926* a intenção de pensar a narrativa histórica e esse pensamento nunca mais o abandonou. De forma que esse capítulo tratará da continuidade da reflexão teórica que sustenta a reflexão historiográfica de Gumbrecht. Se por um lado, Gumbrecht problematiza a partir de questões que surgiram na teoria literária, suas respostas a essas questões se dão em dois eixos, um filosófico e outro historiográfico. No âmbito filosófico se trata fundamentalmente da concepção de *presença* e seu diálogo com as ideias de Heidegger, enquanto no âmbito historiográfico Gumbrecht pensa a problemática da *temporalidade* em diálogo com Koselleck. É da investigação dessa costura intelectual que pretendo expor o que de melhor, em minha visão, Gumbrecht produziu enquanto reflexão para historiadores.

O desaguar de duas décadas de pesquisa no objeto da *materialidade da comunicação* foi o início da reflexão de Gumbrecht acerca de problemas que afetavam mais diretamente a historiografia. Desde os anos 1960 os historiadores debatiam incessantemente o estatuto epistemológico da história. O que podemos chamar genericamente de *pós-estruturalismo* abalou os pilares da historiografia<sup>117</sup>. A reabilitação da reflexão de Nietzsche no cenário intelectual, após um breve período de ostracismo no pós-guerra – em virtude da associação simplista das ideias deste pensador com o nacional-socialismo – foi o instrumento que levaria primeiro ao questionamento do estatuto científico da disciplina histórica e em seguida serviria de lastro para a crítica que inviabilizava a interpretação objetiva do que se convencionou chamar cada vez mais de *real*. A tempestade que seguiu em todas as humanidades apelidada de *virada linguística* alagou as coisas e a modernidade se

---

<sup>117</sup> Sobre o impacto do pós-estruturalismo na historiografia e as respostas dos historiadores aos novos questionamentos que se colocavam a história ver DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. **Correntes históricas na França**: séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

tornou cada vez mais líquida, abrindo espaço para o debate *pós-moderno* no início dos anos 1990. Como dito nos capítulos anteriores, Gumbrecht de seu lugar intelectual, estabelecido na tradição de crítica literária germânica tentou responder ao seu modo essas questões, o que o levou a essa nova possibilidade chamada de *materialidade da comunicação*.

Perceber que os objetos de estudo das humanidades – particularmente os textos, mas não só eles – tinham uma dimensão até então inédita, caminhava na contramão do agravamento da prática cada vez mais intensa de complexificar a atividade hermenêutica. Essa espécie de cansaço da modernidade acabava por receber uma nova possibilidade que se anunciava como um novo fôlego para Gumbrecht. No entanto, perceber essa dimensão *material* da comunicação se colocava também como um problema, pois havia agora, a necessidade de se tentar encontrar como essa dimensão *material* das coisas se encaixaria nas práticas intelectuais tradicionalmente vinculadas a dimensão hermenêutica.

Gumbrecht inicia sua problematização em relação ao acesso da *materialidade* sistematizando que todo texto teria dois campos. O primeiro e mais comum é o campo hermenêutico. Para Gumbrecht o meio de acesso ao campo hermenêutico é a interpretação. Que é também a maneira mais clássica de lidar com textos tanto entre historiadores, quanto entre críticos literários. Pode-se considerar a atividade da interpretação como o modo fundamental de operar das humanidades na modernidade.

“Num texto hermenêutico, sempre que a palavra expressão é mencionada o que se tem em mente é a premissa do campo hermenêutico segundo a qual o sentido nasce na profundidade da alma, podendo contudo ser expresso numa superfície – a superfície do corpo humano ou a do texto. No entanto, e eis a importância do campo hermenêutico, a expressão, porque limitada à superfície, permanece sempre insuficiente quando comparada ao que se encontra na profundidade da alma. Deste modo, não apenas o corpo é um instrumento secundário de articulação, também a expressão se revela insuficiente. Em virtude desta premissa, no interior do paradigma hermenêutico se impõe a necessidade da interpretação. Interpretação: ou seja: processo que, principiando pela insuficiência de uma superfície

qualquer, dirigi-se à profundidade do que vai na alma de quem se expressa. Como resultado, estabelece-se uma identidade entre o que o sujeito desejava expressar e o entendimento do intérprete. O paradigma hermenêutico demanda, pois, o par expressão/interpretação. Interpretação cuja necessidade nascia da insuficiência intrínseca à toda expressão.”<sup>118</sup>

A interpretação é a operação que media as relações dos intelectuais com seus objetos. É ela que oferece as condições para superar as insuficiências da expressão. A própria modernidade pode ser entendida como o império da interpretação. Se por um lado é dessa maneira clássica que funciona o acesso ao campo hermenêutico, ela não se repete no que Gumbrecht irá classificar como *campo não-hermenêutico*. Esse campo se caracterizaria por todos os elementos que fogem ao conteúdo da expressão das coisas ou dos textos. É ele propriamente o que Gumbrecht entende como *materialidade da comunicação*. Com esse começo de teorização Gumbrecht lança uma nova busca:

“O campo não-hermenêutico seria útil para desenvolver novas respostas à pergunta que havia estado no centro do paradigma das ‘materialidades da comunicação’, ou seja, a questão (talvez ingênua) de como (se é que de algum modo) a mídia e as materialidades de comunicação poderiam ter algum impacto sobre o sentido que transportavam.”<sup>119</sup>

Ao delimitar um objeto claro, o *campo não-hermenêutico*, Gumbrecht começou a sinalizar o que é a tônica de seu pensamento nessa nova etapa intelectual. O livro *Em 1926* é o divisor de águas como já dito anteriormente. É nesse livro que Gumbrecht começa a anunciar sua principal matriz de pensamento e também maior influência. O anúncio da intenção e do objetivo ao escrever aquele livro revela muito:

“Fazer pelo menos alguns leitores esquecerem, durante o processo de leitura, que eles não estão vivendo em 1926. Em outras palavras: evocar alguns dos mundos de 1926, *re-presentá-los*, no sentido de torná-los

---

<sup>118</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. O Campo Não-Hermenêutico ou a materialidade da comunicação. In: CASTRO ROCHA, João Cezar de(Org.). **Corpo e Forma**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1998. p.141.

<sup>119</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Produção de presença**: O que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010. p. 37.



novamente *presentes*. Fazer isso com o maior imediatismo possível ao alcance de um texto historiográfico.”<sup>120</sup>

É esse trecho uma das primeiras menções de Gumbrecht a ideia de *presença*, apesar de ainda, o seu pensamento não estar maduro como apresentado posteriormente no livro *Produção de presença*. Essa ideia – o conceito de *presença* – é uma clara influência heideggeriana no pensamento de Gumbrecht. Heidegger é um filósofo filiado à tradição de pensamento fenomenológica e uma das características importantes da fenomenologia é fazer desaparecer as barreiras que supostamente existem entre o *sujeito* (ser) e os *objetos* (realidade). Flávia Varella ao investigar a relação das ideias de Gumbrecht e a influência de Heidegger nos detalha esse aspecto:

“O aspecto mais importante da fenomenologia para nossa reflexão é a ausência de mediação no contato do ente com as coisas. A coisa não é apenas objeto de inquirição, ela mesma se mostra para o ente e esse mostrar não necessita de um intermediário entre as partes. [...] Entender o significado velado que está soterrado pela conceituação. O partir do conceito para entender algo é, para Heidegger, um velamento do sentido do ente. O desvelamento se dá na busca pelas coisas em si mesmas: pelo método fenomenológico.”<sup>121</sup>

Essa tarefa complexa levada a cabo por Heidegger na esteira da tradição fenomenológica é a grande inspiração de Gumbrecht, que por sua vez tem sua própria leitura de como essa operação de *presentificação* – ou seja de *buscar as coisas em si* – tem de ser executada. Para Gumbrecht, Heidegger é o porta-voz de uma reação aos desdobramentos da conflituosa relação entre sujeito e objeto no pensamento ocidental existente desde o fim do século XIX – quando houve a crise das humanidades na Alemanha e quando também começa a reflexão em torno das *ciências do espírito*.

---

<sup>120</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Em 1926**: vivendo no limite do tempo. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 10, grifo nosso.

<sup>121</sup> VARELLA, Flávia. Verdade, sentido e presença: história e historiografia em Heidegger e Gumbrecht. **Opsis**. Catalão, v.7, n.7, p. 113 – 126, 2007.

“A principal preocupação de Heidegger [...] era, eu acredito, preservar aquelas funções que a distinção clássica sujeito-objeto tinha realizado na filosofia ocidental – e atingir isto com plena consciência de um ambiente epistemológico que excluía a possibilidade de optar seriamente pelo paradigma sujeito-objeto. O elemento-chave deste paradigma, um elemento que normalmente consideramos assegurado em nosso comportamento cotidiano, é a convicção de que, se um sujeito ocupa uma posição exterior, distanciada e ‘excêntrica’, isto acentuará a validade de todos os julgamentos e observações como ‘definitivas’, ‘substantivas’ ou ‘objetivas’, de forma que elas pudessem constituir um solo inquestionável para decisões, ações e atribuições de valor.”<sup>122</sup>

O esforço de Heidegger em *Ser e Tempo*<sup>123</sup> de assegurar as bases do paradigma sujeito-objeto vai além desse objetivo. A possibilidade de relativismo é evitada a todo custo no livro. Esse *retornar à coisa* é o caminho que Gumbrecht parece encontrar para lidar com o *campo não-hermenêutico*. A reflexão heideggeriana sobre *presença* sinaliza o caminho para Gumbrecht. Mas Gumbrecht não ficará com as definições de Heidegger sobre a *presença*, ele irá além e tentará definir o que é para ele e como se manifesta a *presença* nas coisas.

Se por um lado o *campo não-hermenêutico* se manifesta nas coisas e objetos por efeitos de *presença*, o *campo hermenêutico* das coisas se manifesta por efeitos de *sentido*. Todas as coisas, inclusive os textos, são compostas para Gumbrecht de uma existência dupla entre uma parte de *sentido* e uma outra de *presença*. Esse é o entendimento mais objetivo de Gumbrecht sobre exatamente como a *presença* está relacionada com o *sentido*. Essa reflexão é importante, pois é ela a base filosófica da proposta historiográfica de Gumbrecht. Sobre essa relação ele nos alerta:

“É essencial o argumento de que, nessa constelação específica, o sentido não ignorará, não fará desaparecer os efeitos de presença física – não ignorada – das coisas (de um texto, uma voz, uma tela com cores, um drama interpretado por um grupo de teatro), em última análise, não

---

<sup>122</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Em 1926**: vivendo no limite do tempo. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 494

<sup>123</sup> HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 3. ed. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2008.

reprimirá a dimensão de sentido. A relação entre efeitos de presença e efeitos de sentido também não é uma relação de complementaridade, na qual uma função atribuída a cada uma das partes em relação à outra daria à copresença das duas a estabilidade de um padrão estrutural. Ao contrário, podemos dizer que a tensão/oscilação entre efeitos de presença e efeitos de sentido dota o objeto de experiência estética de um componente provocador de instabilidade e desassossego.<sup>124</sup>

Esse alerta de Gumbrecht é esclarecedor. Todos os objetos passíveis de análise estética, ou seja, textos, obras de arte, monumentos, etc., estão compostos de uma carga de *sentido* e outra de *presença*, o que nos sugere que a atividade intelectual não pode e nem deve se bastar pela interpretação, deve incluir também uma tentativa de integrar o componente de *presença* nas coisas.

Não se pode ignorar a insatisfação que levou a Gumbrecht a buscar a *presença* como uma alternativa ao sentido. A insatisfação com o avanço da compreensão linguística da *desconstrução* de Derrida é o seu combustível teórico. Sobre o estado das coisas nas humanidades Gumbrecht nos diz,

“A posição central, institucionalmente incontestada, da interpretação – ou seja, da identificação e da atribuição de sentido – nas Humanidades pode ser comprovada pelo valor positivo que em nossas linguagens atribuímos, mesmo automaticamente, à dimensão ‘profundidade’. Se dizemos que uma observação é ‘profunda’, estamos a elogiá-la, pois oferece um sentido novo, mais complexo e particularmente apropriado a um fenômeno. Ao contrário, se consideramos algo ‘superficial’, isso significa que lhe faltam essas qualidades, pois está implícito que não consegue ir ‘além da’ ou ‘por sob a’ primeira impressão produzida pelo fenômeno em causa (normalmente, não imaginamos que alguma coisa ou alguém não queira ter profundidade). Em ambos os casos, também pressupomos normalmente que a qualidade das observações e das interpretações depende da ‘distância adequada’ que o observador é capaz de manter em relação ao fenômeno que observa. Assim, temos de fazer um esforço intelectual específico para entender o quanto é problemático falar constantemente do ‘mundo’ ou da ‘sociedade’ como se ‘mundo’ e ‘sociedade’ fossem objetos distantes, em relação aos

---

<sup>124</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Produção de presença**: O que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010. p. 137.

quais somos capazes de (ou devemos) ocupar uma posição de afastamento.”<sup>125</sup>

É notório o objetivo final de Gumbrecht e esse objetivo não deve ser ignorado ao tentar se compreender o autor. Ele tem uma posição específica, em um grupo intelectual que está permanentemente atuando contra uma outra proposta de compreensão do mundo, a compreensão da *desconstrução*. Em outro texto Gumbrecht nos revela de maneira mais acurada em direção a quem vai a sua crítica,

“Me cansei dessa via intelectual de mão única, fundamentada e sustentada por uma compreensão limitada, porém totalizante, da hermenêutica. Por muito tempo, vivenciei o absolutismo de todas as variedades de filosofia da virada pós-linguística como uma restrição intelectual, e encontrei pouco consolo naquilo que gosto de caracterizar como o ‘existencialismo linguístico’ da desconstrução, isto é, os constantes lamento e melancolia (em suas infinitas variações) pela suposta incapacidade da linguagem de se referir aos objetos do mundo”<sup>126</sup>

A irritação de Gumbrecht com o império da hermenêutica na modernidade é o núcleo teórico de seu pensamento. É por conta dessa compreensão do projeto de *desconstrução* encarado como a tônica principal de todos os desdobramentos epistemológicos da modernidade que ele sistematiza seu pensamento. José de Vasconcelos nos indica o ponto exato da ideia de Derrida que causa o choque entre Gumbrecht e Derrida.

“Para Derrida, o texto é marcado pela *ausência* de referente, e como toda expressão de linguagem remete-se a uma compreensão primordial da escrita [...] deparamo-nos com o fato de que [o] extra-textual não pode jamais ser alcançado, estará sempre *ausente*”.<sup>127</sup>

Se para Derrida o texto é composto de *ausências*, ele pode ser colocado como uma espécie de inverso intelectual de Gumbrecht que está nos sinalizando à composição

---

<sup>125</sup> Ibidem, p.43

<sup>126</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Graciosidade e estagnação**: ensaios escolhidos. Contraponto: Rio de Janeiro, 2012. p. 62

<sup>127</sup> VASCONCELOS, José Antonio. **Quem tem medo de teoria?** São Paulo: FAPESP, 2005. p.168, grifo nosso.

dos textos de *presenças*. Nesse sentido é que mais uma vez, não se pode pensar em Gumbrecht e suas ideias, bem como sua posição no cenário intelectual contemporâneo, ignorando especificamente o lugar de onde ele fala na tradição intelectual anglo-americana. É por isso que utilizar Gumbrecht como uma referência de reflexão historiográfica passa também por tomar uma posição no debate epistemológico das humanidades.

A partir do momento que compreendemos o exercício epistemológico mais intenso da proposta de Gumbrecht – que é sem dúvida sua reflexão sobre o que é e como se manifesta a *presença* nas coisas do mundo – percebemos que é essa a base filosófica fundamental para a principal reflexão e também a mais interessante para a reflexão historiográfica. É a partir dessa compreensão da lógica de funcionamento da *presença* que Gumbrecht vai sustentar sua compreensão sobre a *temporalidade*. Para entender os motivos de Gumbrecht ter sistematizado uma compreensão bem específica de *temporalidade* é necessário antes entender o motivo de apenas muito recentemente, a dimensão presencial das coisas ter vindo a tona.

No livro *Produção de presença*, Gumbrecht nos explica – ainda em sua reflexão sobre as relações entre *sentido* e *presença* – que na modernidade estaríamos vivendo uma apoteose da hermenêutica, que implicaria fatalmente na ofuscação da dimensão presencial das coisas. Estaríamos sob o efeito prolongado do que ele chama de uma *cultura de sentido*, que se caracterizaria pela não percepção da dimensão presencial das coisas e o constante agravamento – desde o início da modernidade – pela busca incessante do *sentido* das coisas. Dessa forma, concordo com Flávia Varella sobre a dinâmica da *cultura de sentido* no pensamento de Gumbrecht. Ela nos diz que,

“A cultura de sentido é apresentada como a que preponderou na Modernidade devido a sua constante procura pelo significado do mundo. A hermenêutica enquanto método cognitivo que busca, através da interpretação de textos, descobrir o sentido das coisas, é entendida como

uma das fórmulas epistemológicas pelas quais a modernidade respondeu a essa demanda por sentido.”<sup>128</sup>

A *cultura de sentido* predominante na modernidade se dá para Gumbrecht na dinâmica *temporal* moderna. Ela se estabelece como consequência de determinados acontecimentos modernos. Ela é a oposição e reação à *cultura de presença* reinante na *temporalidade* medieval. “Em uma *cultura de presença*, os seres humanos se consideram parte do mundo dos objetos e não são ontologicamente separados dele.”<sup>129</sup> Gumbrecht trabalha com a ideia de que na Idade Média havia uma hegemonia da *cultura de presença*. Era o momento quando o homem se via como *parte do mundo* e não como *excêntrico* a ele.

A *cultura de sentido* moderna é propriamente o tempo e o espaço em que irá se desenvolver toda a epistemologia que temos atualmente. A lógica que parte nosso acesso ao mundo em uma duplicidade, o nós (sujeitos) e o mundo (as coisas) é uma consequência de desdobramentos da modernidade. Gumbrecht não desenvolveu de maneira solitária suas ideias epistemológicas e as consequentes relações com o modelo de *temporalidade* moderno. Ele se apoiou em basicamente outros três intelectuais, que seguidos de Heidegger, são as suas influências mais importantes. Estes são Niklas Luhmann, Reinhart Koselleck e Michel Foucault. É notório que o pensamento de Gumbrecht deságue ao fim e ao cabo na problemática – muito própria dos historiadores – da *temporalidade*. Nesse sentido detalharei a reflexão de Gumbrecht sobre a *temporalidade* e a transformação epistemológica que acompanha o caminhar da história, tendo em vista já ter detalhado sua base filosófica, agora tentarei fazê-lo em sua reflexão historiográfica.

Antes de entrar na concepção de modernidade epistemológica em Gumbrecht, é necessário demonstrar sua compreensão da epistemologia medieval.<sup>130</sup> A Idade Média tem uma singularidade temporal diversa da modernidade, e essa

---

<sup>128</sup> VARELLA, Flávia. Verdade, sentido e presença: história e historiografia em Heidegger e Gumbrecht. **Opsis**. Catalão, v.7, n.7, p. 113 – 126, 2007.

<sup>129</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Graciosidade e estagnação**: ensaios escolhidos. Contraponto: Rio de Janeiro, 2012. p. 65

<sup>130</sup> Talvez esse não seja o melhor conceito para descrever as relações entre sujeitos e objetos, ou a ausência disso na idade média, mas em virtude da falta de outra nomenclatura, utilizarei o termo *epistemologia* para tratar do assunto.

singularidade é insistentemente salientada por medievalistas, de forma que Gumbrecht, sendo um especialista em literatura medieval – como já dito no capítulo anterior – não está disposto a abrir mão desses pormenores, o que em minha visão sofisticada a análise sobre o objetivo final que é a *temporalidade* moderna e sua epistemologia. Gumbrecht então detalha como funcionava a relação do homem medieval com conhecimento:

“Durante os séculos medievais, [...] a humanidade nunca fora entendida como produtora ativa do conhecimento. Pensava-se que o conhecimento dos pormenores e de todas as características da Criação só estaria disponível por revelação divina (ou então julgava-se que estaria retido por Deus, longe do entendimento humano), a qual, é claro, não dependia de qualquer desejo ou necessidade humana. Talvez isso explique por que, na cultura medieval, vivia-se tão obsessivamente a ameaça e o receio de perder o conhecimento. Talvez não seja exagero afirmar que a luta contra essa ameaça foi a razão mais forte de todas as que motivaram a cultura da Idade Média.”<sup>131</sup>

Essa relação bem própria do homem medieval com o conhecimento é a expressão da característica que o difere fundamentalmente do homem moderno. O homem medieval está enquanto sujeito integrado completamente ao mundo. O mundo é o lugar onde ele habita e é continuação, ele não se propõe a ver o mundo como algo excêntrico a ele mesmo, sendo impossível, portanto, se estudar e analisar o mundo como um objeto. Se o conhecimento não pode ser produzido – apenas revelado – ele também não pode ser manipulado.

“É significativo, nesse sentido, que a cultura medieval só tenha reconhecido a distinção elementar entre verdade e mentira; nunca chegou a desenvolver conceitos correspondentes ao que entendemos como ‘ficção’ ou ‘fingimento’”<sup>132</sup>

São elementos e características medievais que Gumbrecht nos apresenta em função de sua formação de pesquisador da literatura medieval. Essas conclusões nos

---

<sup>131</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Produção de presença**: O que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010. p. 48

<sup>132</sup> Ibidem, p.49

ajudam a entender as rupturas epistemológicas engendradas pela modernidade. Gumbrecht então vai propor o que ele chama de *corte epistemológico*, que ocorre no início da modernidade. Esse corte epistemológico é perceptível no campo literário, especificamente na transformação da literatura medieval, ainda vinculada à dimensão teológica para a literatura moderna que se modifica e se desgruda da concepção religiosa. Gumbrecht nos explica que,

“Durante a Idade Média, [...] a auto-imagem predominante do homem o teria apresentado como parte de uma Criação divina, cuja verdade ou estava além da compreensão humana, ou, no melhor dos casos, era dada a conhecer pela revelação de Deus. Mais do que produzir conhecimento novo, a tarefa da sabedoria humana era proteger do esquecimento todo saber que tivesse sido revelado – e tornar presente esta verdade revelada pela pregação e, sobretudo, pela celebração dos sacramentos. O deslocamento central rumo à modernidade, por conseguinte, está no fato de o homem ver a si mesmo ocupando o papel de sujeito da produção de saber (o qual, no contexto da teologia protestante, muda o *status* dos sacramentos para o de meros atos de comemoração). Em vez de ser uma parte do mundo, o sujeito moderno vê a si mesmo como excêntrico a ele, e, em vez de se definir como uma unidade de espírito e corpo, o sujeito – ao menos o sujeito como observador excêntrico e como produtor de saber – pretende ser puramente espiritual e do gênero neutro. Esse eixo sujeito/objeto (horizontal), o confronto entre o sujeito espiritual e um mundo de objetos (que inclui o corpo do sujeito), é a primeira condição estrutural do Início da Modernidade.”<sup>133</sup>

Trata-se de um *corte epistemológico* que ocorre no século XVI, no começo da modernidade e que muda completamente a forma como se dá o curso do pensamento da história. A partir desse momento é que se inicia o processo de estruturação do pensamento científico e que também acontecem os desdobramentos do protestantismo, bem como alterações na forma de se produzir a arte. Não é estranho que é neste momento histórico que também se comece a sistematizar a prática da interpretação que se consolidaria com o nome de hermenêutica.

---

<sup>133</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Modernização dos sentidos**. São Paulo: Editora 34, 1998. p.12



“De modo muito esquemático, essa nova visão moderna, em que a cultura ocidental começa, ao longo de séculos, a redefinir a relação entre a humanidade e o mundo pode ser descrita como uma interseção de dois eixos. Um eixo horizontal coloca em oposição o sujeito, observador excêntrico e incorpóreo, e o mundo, um conjunto de objetos puramente materiais, que inclui o corpo humano. O eixo vertical será, portanto, o ato de interpretar o mundo, por meio do qual o sujeito penetra na superfície do mundo para extrair dele conhecimento e verdade, um sentido subjacente. Proponho que essa visão de mundo seja chamada de ‘campo hermenêutico’. Bem sei que só séculos mais tarde ‘hermenêutica’ passou a ser o nome do subcampo filosófico que se concentra nas técnicas e nas condições da interpretação. Porém, muito antes da emergência dessa subdisciplina acadêmica, a ‘interpretação’ (e com ela a ‘expressão’) já se tornara o paradigma predominante – e, pouco depois, exclusivo – que a cultura ocidental disponibilizava para quem quisesse pensar a relação dos seres humanos com o mundo.”<sup>134</sup>

Ao compreender esse momento epistemológico do começo da modernidade, Gumbrecht nos propõe que já não estamos mais sob a égide desse modelo. Com o avanço da modernidade ocorre um *segundo* corte epistemológico, que remodela a epistemologia. Isso ocorre em meados do século XIX. Até então, tínhamos em voga o que Gumbrecht nomeia de *observador de primeira ordem*, fruto basicamente deste modelo do início da modernidade. Esse observador de primeira ordem está seguro de seu afastamento do mundo e de sua possibilidade de produção de conhecimento. Entretanto novamente ocorre um corte epistemológico o qual Gumbrecht nos descreve:

“O papel do observador, surgido no início da era moderna como elemento-chave do campo hermenêutico, era apenas encontrar a distância apropriada em relação aos objetos, mas o observador de segunda ordem, que haveria de dar forma à epistemologia do século XIX, era um observador condenado – mais do que privilegiado – a observar a si mesmo no ato da observação. A emergência desse nó autorreflexivo, sob a forma do observador de segunda ordem, teve duas consequências importantes. Em primeiro lugar, o

---

<sup>134</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Produção de presença**: O que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010. p. 50

observador de segunda ordem percebeu que cada elemento do conhecimento e cada representação que ele pudesse produzir dependeriam sempre, necessariamente, do ângulo específico de observação. Assim, começou a ver que existia uma infinidade de descrições para cada objeto potencial de referência – e essa proliferação, em última análise, destruía a crença na estabilidade dos objetos de referência. Ao mesmo tempo, o observador de segunda ordem acabaria não só por problematizar a suposta neutralidade de gênero do incorpóreo observador de primeira ordem [...]; acima de tudo, levaria também a questionar a possível compatibilidade entre uma apropriação do mundo pelos conceitos (a que chamarei ‘experiência’) e uma observação do mundo pelos sentidos (a que chamarei ‘percepção’).”<sup>135</sup>

É a Foucault que Gumbrecht recorre para detalhar esse momento, o qual é descrito como crise da representatividade. Mas Foucault não parece responder exatamente como e por que essa ruptura acontece, embora a esse respeito possamos ler em *As palavras e as coisas*<sup>136</sup>:

“Foi realmente necessário um acontecimento fundamental – um dos mais radicais, sem dúvida, que ocorreram na cultura ocidental, para que se desfizesse a positividade do saber clássico e se constituísse uma positividade de que, por certo, não saímos inteiramente. [...] Esse acontecimento sem dúvida porque estamos ainda presos na sua abertura, nos escapa em grande parte. Sua amplitude, as camadas profundas que atingiu, todas as positivities que ele pode subverter e recompor, a potência soberana que lhe permitiu atravessar, em alguns anos apenas, o espaço inteiro de nossa cultura, tudo isso só poderia ser estimado e medido ao termo de uma inquirição quase infinita que só concerniria, nem mais nem menos, ao ser mesmo de nossa modernidade. A constituição de tantas ciências positivas, o aparecimento da literatura, a volta da filosofia sob seu próprio devir, a emergência da história ao mesmo tempo como saber e como modo de ser da empiricidade, não são mais que sinais de uma ruptura profunda.”<sup>137</sup>

---

<sup>135</sup> Ibidem, p.62

<sup>136</sup> FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 8 Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

<sup>137</sup> Ibidem, p. 302

Não está claro, nem detalhado exatamente o que motivou a emergência do *observador de segunda ordem*. Só parece claro que a ruptura aconteceu. Gumbrecht arrisca uma explicação, não tão intensa e complexa como a explicação para a emergência do *observador de primeira ordem*, pautada na transformação da concepção teológica de conhecimento e observável na transformação da literatura medieval em moderna. Ele nos diz:

“Durante a segunda década do século XIX, quando as sociedades europeias emergiram de quase trinta anos de revoluções e reformas que tinham começado com a esperança de tornar verdadeiro o que o Iluminismo lhes prometera – ou seja, uma nova ordem de vida, coletivamente feliz, fundada na perfeição do conhecimento humano -, pelo menos uma coisa ficou clara para todos os grupos oponentes nos campos político e intelectual: o mundo estava – ou, no mínimo, o mundo ainda estava – longe das generosas expectativas propagadas pela geração dos ‘filósofos’”<sup>138</sup>

A contextualização de Gumbrecht nos remete ao otimismo iluminista do século XVIII e possivelmente também aos acontecimentos que se sucederam a Revolução Francesa seguida das restaurações monárquicas e golpes de Estado. O diálogo de Gumbrecht sobre essas rupturas epistemológicas modernas também são influenciados pelas ideias de Niklas Luhmann. Originalmente a divisão epistemológica entre *observadores de primeira* e *de segunda ordem* é uma teoria criada por Niklas Luhmann com o objetivo de compreender os sistemas que organizam a teoria sociológica da arte. Ao estudar como se dão as transformações no campo da teoria da arte, Luhmann propõe a teoria dos *observadores de primeira* e *segunda ordem*. Luhmann está incomodado com os debates filosóficos sobre a teoria da arte que naturalizam a relação epistemológica muito própria entre sujeito e objeto no campo artístico e a expandem como um guarda-chuva explicativo para toda a constelação das humanidades sem se discutir adequadamente esses desdobramentos no interior dos debates intelectuais sobre arte. Para Luhmann a emergência do *observador de segunda ordem* se dá quando se multiplicam os *observadores* e então cada um é capaz de observar os outros *observadores*. Ele nos detalha essa hipótese ao discutir sobre a possibilidade de se avaliar a qualidade da

---

<sup>138</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Produção de presença**: O que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010. p. 61

obra de arte baseada num *bom gosto*, uma possibilidade que se mostrou problemática na virada do século XVIII para o século XIX e permitiu a emergência do *observador de segunda ordem*.

“The notion of good/bad taste was a first attempt to introduce the recipient or consumer into the theory of art and to problematize, on this basis, the criteria according to which the fine arts ought to be judged. This gave rise to the trend (which did not yield results until the mid-eighteenth century) of subsuming all the arts under a unified concept. This solution may have worked at first, but it begged the question of how taste is acquired to begin with, and how one can recognize its lack when it is not yet fully developed. Staring at the work of art for a prolonged period of time is of no help in this matter. Rather, the observer must assume the presence of qualitative differences that can be mastered in principle, even if they are now beyond his reach. A temporal horizon of further observations is projected into the work – the possibility for observing with more precision, for using further distinctions, for dissolving identities in dissimilarities – in short, the possibility for learning. Since the future is unknown, the evidence for such prospects relies on observing observers; one must observe that, and in what ways, others arrive at cultivated judgments. This temporal dimension refers to the social dimension, not necessarily to the artist but to a generalized observational competence that can be activated in the encounter with art. [...] These considerations suggest that a differentiating awareness of quality emerges, along with a fully differentiated art system, at the level of second-order observation.”<sup>139</sup>

---

<sup>139</sup> “A noção de bom/mau gosto foi uma primeira tentativa de introduzir o destinatário ou consumidor na teoria da arte e problematizar, neste sentido, os critérios segundo os quais as artes plásticas devem ser julgadas. Isso deu origem à tendência (que não deu resultados até meados do século XVIII) de subsumir todas as artes sob um conceito único. Esta solução pode ter funcionado no início, mas ela levou a questão de como o gosto é adquirido, para começar, e como se pode reconhecer a sua falta quando ele ainda não está totalmente desenvolvido. Olhar para a obra de arte por um período prolongado de tempo não ajuda neste sentido. Ao invés disso, o observador reconhece a presença de diferenças qualitativas que podem ser percebidas num primeiro momento, mesmo que elas estejam fora de seu alcance. Um horizonte temporal de mais observações é projetado sob a obra - a possibilidade de observar com mais precisão, para utilizar de outras percepções, para dissolver identificações em diferenças - em suma, a possibilidade de se aprender. Uma vez que o futuro é desconhecido, a evidência para tais perspectivas se baseia em observações de outros observadores; na observação de alguém daquilo, e de qual maneira, outros chegarão a julgamentos similares. Esta dimensão temporal refere-se à dimensão social, não necessariamente a do artista, mas a uma competência de observação genérica que é ativada no encontro com a arte. [...] Estas considerações sugerem que uma percepção diferenciada da qualidade emerge, juntamente com um sistema de arte totalmente diferenciado, com o nível do observador de segunda ordem.” LUHMANN, Niklas. **Art as a social system**. Califórnia: Stanford University Press, 2000. p.80

Nesse sentido, para Luhmann, a emergência do *observador de segunda ordem* está associada à tentativa ainda no século XVIII de se encontrar uma definição conceitual da arte que permitisse a possibilidade de qualificar como boa ou ruim determinada obra de arte a partir de uma educação voltada para a avaliação artística. Essa possibilidade rapidamente se mostrou ilusória com a percepção que a qualificação ou o julgamento de obras de arte dependiam muito mais dos olhos do observador do que sua suposta capacidade técnica de julgamento artístico. Esse contexto se integra bem com a proposta de leitura que Gumbrecht faz da teoria dos *observadores de primeira e segunda ordem*. As propostas teóricas de Gumbrecht complementam as de Luhmann.

As consequências da emergência epistemológica do *observador de segunda ordem* foram obviamente às tentativas de resolver a *crise de representatividade* que se estabelecera. Gumbrecht nos propõe que não nos apressemos a subestimar – devido a nosso nível de complexidade epistemológica – o problema monumental que essas novas configurações representam para a forma de pensar dos intelectuais no século XIX:

“Em vez de avaliar essa crise como um novo nível de complexidade epistemológica ou de adequação referencial, podemos ver no gesto do século XIX – e no nosso – de descrever os fenômenos por suas evoluções ou por suas histórias uma estratégia de chegar a um acordo com a infinidade agora potencial de suas representações. Toda representação nova pode assim ser integrada em modelos cada vez mais complexos de evolução ou em relatos historiográficos. Sob essa perspectiva, a historicização e a narrativização aparecerão antes como meios de manipular um problema primordialmente perturbador da percepção do mundo e da experiência do que como ‘relações evolutivas.’”<sup>140</sup>

Para além de não subestimarmos o alcance da crise da representação em virtude de nossa já acostuada e plenamente segura relação epistemológica moderna fruto desse próprio momento, Gumbrecht considera que uma das alternativas e consequências do momento foi o estabelecimento epistemológico do modelo narrativo típico da historiografia oitocentista – caracterizado tradicionalmente pelo

---

<sup>140</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Modernização dos sentidos**. São Paulo: Editora 34, 1998. p.14

estabelecimento de sequencialidades de fatos – como solução possível naquele quadro de crise da representação.

“Como a estrutura discursiva da narração poderia transformar-se numa solução para a crise da representação, problema iniciado pela proliferação de possíveis representações para cada fenômeno de referência? A resposta aparece na ideia de que os discursos narrativos abrem um espaço no qual a multiplicidade de representações pode ser integrada e ganhar a forma de uma sequência. Juntamente com a filosofia da história e o evolucionismo, o ‘realismo’ literário do século XIX foi outro discurso que produziu uma pletera de reações aos desafios do novo multiperspectivismo na visão do mundo.”<sup>141</sup>

Mais uma vez a conclusão de Gumbrecht vai ao encontro da proposta de compreensão epistemológica da modernidade de Foucault. É interessante observar que há uma leitura do lugar da história no século XIX, lugar esse visto como privilegiado para entender a dinâmica epistemológica da modernidade. A mecânica da história no século XIX é colocada tanto por Gumbrecht quanto por Foucault como *central* para se compreender o movimento epistemológico dos oitocentos no ocidente. Foucault nos fala mais claramente sobre isso:

“A História não deve ser aqui entendida como a coleta das sucessões de fatos, tais como se constituíram; ela é o modo de ser das *empiricidades*, aquilo a partir do que elas são afirmadas, postas, dispostas e repartidas no espaço do saber para eventuais conhecimentos e para as ciências *possíveis*. [...] a História, a partir do século XIX, define o lugar do nascimento do que é empírico, lugar onde, aquém de toda cronologia estabelecida, ele assume o ser que lhe é *próprio*. É por isso certamente que tão cedo a História se dividiu, segundo um equívoco que sem dúvida não é possível vencer, entre uma ciência empírica dos acontecimentos e esse modo de ser radical que prescreve seu destino a todos os seres empíricos e as estes seres singulares que somos nós. A História, como se sabe, é efetivamente a região mais erudita, mais desperta, mais atravancada talvez de nossa memória; mas é igualmente a base a partir da qual todos os seres ganham existência e chegam a cintilação precária. Modo de ser de tudo que

---

<sup>141</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Produção de presença**: O que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010. p. 63

nos é dado na experiência, a História tornou-se assim o *incontornável* do nosso pensamento [...]”<sup>142</sup>

Por fim, ante a conclusão de que as práticas historiográficas oitocentistas estão como sintoma e reação diante do colapso do primeiro momento epistemológico – ou seja, o momento da emergência do *observador de primeira ordem* – Gumbrecht encontrará o que é para ele a raiz epistemológica que motiva a percepção da *temporalidade* moderna como acelerada, tal qual proposta por Koselleck, que em seu livro *Futuro Passado*<sup>143</sup> nos apresenta sobre suas conclusões com aquela pesquisa,

“Nos estudos que se seguem, evidencia-se como um resultado constante o fato de que, à medida que o homem experimentava o tempo como um tempo sempre inédito, como um "novo tempo" moderno, o futuro lhe parecia cada vez mais desafiador. É por isso que nossa investigação incide particularmente sobre um determinado tempo presente e sobre o tempo que se lhe apresentava então como o futuro, ora para nós já decorrido. E, se no cômputo da experiência subjetiva, o futuro parece pesar aos contemporâneos por ele afetados, é porque um mundo técnica e industrialmente formatado concede ao homem períodos de tempo cada vez mais breves para que ele possa assimilar novas experiências, adaptando-se assim a alterações que se dão de maneira cada vez mais rápida.”<sup>144</sup>

A tese de Koselleck se assenta sobre as características contextuais da modernidade. A forma dos homens pensarem o tempo numa época que lidava rapidamente com as transformações econômicas e tecnológicas causava a impressão de aceleração e isso influenciava o debate em torno das filosofias da história que descreviam processos metanarrativos – compostos de um passado e um futuro expandidos em oposição a um presente sempre breve, a beira da mudança – para explicar a história. Gumbrecht buscará entender esse processo de aceleração temporal a partir das características epistemológicas que ele encontra na

---

<sup>142</sup> FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 8 Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.300, grifos nossos.

<sup>143</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição a semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

<sup>144</sup> Ibidem, p. 16

modernidade. Essas características já foram amplamente detalhadas acima. Gumbrecht descreve sua compreensão acerca da sua leitura de *temporalidade*:

“A temporalização é motivada por uma crise de representatividade que, por sua vez, recua até a emergência do observador de segunda ordem implica, como consequência, que aquilo que chamamos de ‘tempo histórico’ é ele mesmo um cronótopo historicamente específico – e, neste sentido, um cronótopo bastante recente. Ora, o que exatamente é específico acerca do ‘tempo histórico’? Estamos tão acostumados com esse padrão complexo de experiência que é possível que uma resposta não apareça imediatamente. Parece seguro dizer, contudo, que somente desde o início do século XIX atribuiu-se ao tempo a função de ser um agente absoluto de mudança. No interior do tempo histórico, não se pode imaginar que quaisquer fenômenos estão livres de mudança – e isso leva a aceitação geral da premissa de que períodos históricos diferentes não podem ser comparados por quaisquer padrões de qualidade meta-histórica. Simultaneamente, o tempo como um agente absoluto de mudança dá a inovação o rigor de uma lei compulsória.”<sup>145</sup>

Toda essa dinâmica temporal do cronótopo *tempo histórico* é fruto de uma característica epistemológica do contexto moderno entendido como hegemonicamente preenchido de uma *cultura de sentido*, como explicado anteriormente. Mas para Gumbrecht, há um desdobramento ainda maior e mais significativo de pensar a temporalidade moderna. Se como afirmado no primeiro capítulo, Gumbrecht é um credor da ideia de que estamos inseridos na *pós-modernidade*, significa que o cronótopo moderno do *tempo histórico* está acabado ou está em vias de desaparecer. Estamos retornando gradualmente a uma *cultura de presença* que desordenou a *temporalidade* moderna.

“Outro modo de entender [...]a velha discussão que tanta excitação intelectual gerou há uns dez anos, sobre se o nosso presente (ainda) é ‘moderno’ ou (já) é ‘pós-moderno’ [é perceber que] hoje começamos a entender que essas discussões eram um sintoma de que o cronótopo do ‘tempo histórico’ estava chegando ao fim e que, chamemos ‘moderno’ ou

---

<sup>145</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Modernização dos sentidos**. São Paulo: Editora 34, 1998. p.15



‘pós-moderno’ ao nosso presente, esse processo de sair do tempo histórico parece que já ficou pra trás.”<sup>146</sup>

A *pós-modernidade* que estamos inseridos não está mais acompanhando a lógica de uma *cultura de sentido*. Estamos em um momento de retorno a *cultura de presença*. Mas exatamente qual seria o motivo de toda essa alteração repentina na breve temporalidade moderna?

“Continua sendo difícil afirmar, com respeito ao cronótopo que emergiu recentemente, qualquer coisa senão que ele ‘já não é moderno’. Seu futuro perdeu o apelo de um horizonte aberto que podemos modelar e escolher em cada presente. Ele aparece, antes, como ocupado e predeterminado (negativamente) pelas consequências – na maior parte não desejadas e inesperadas – de ações e eventos situados no passado. Se, de um lado, nos mostramos relutantes em cruzar o limiar entre nosso presente e um futuro que se anuncia como desagradável (para dizer o mínimo), de outro, perdemos também a ambição de abandonar, superar o passado e de nos distanciar dele.”<sup>147</sup>

O futuro, em decorrência de nossa situação terrível no presente é hoje interpretado como um lugar de ameaça, seja essa ameaça a catástrofe ambiental, o holocausto atômico, a crise econômica permanente ou mesmo mais pesado de todos, a ausência de utopias. O fim da metanarrativa – que possibilitava uma visão otimista do futuro, quando os fins da história eram promessas agradáveis e otimistas – alterou a própria concepção de temporalidade histórica necessária para avaliar o passado.<sup>148</sup> É essa a construção historiográfica mais profunda de Gumbrecht sustentada – como explicada no início deste capítulo – numa concepção filosófica herdeira de fenomenologia. Podemos interpretar que Gumbrecht é um intelectual que conseguiu encontrar numa mesma reflexão um expoente da tradição filosófica germânica (Heidegger) e outro expoente da historiografia alemã (Koselleck). Ele

---

<sup>146</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Produção de presença**: O que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010. p. 149

<sup>147</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Modernização dos sentidos**. São Paulo: Editora 34, 1998. p.22

<sup>148</sup> Em seu livro mais recente *After 1945* (p.152 – 159) Gumbrecht detalha como exatamente foi à emergência de um novo cronótopo que ele ainda não conseguiu nomear. Nesse livro Gumbrecht propõe que a atmosfera de *latência* que emergiu no pós-guerra é um elemento que denuncia que o novo cronótopo estava latente e mascarado pela insistência nas temporalidades mais familiares as filosofias e visões de mundo capitalistas e socialistas.

propõe uma alternativa bem coesa de como compreender a dinâmica historiográfica com uma base filosófica, agregando aos conteúdos da filosofia da história e ao mesmo tempo um olhar filosófico sobre o problema historiográfico da *temporalidade*.

Chegamos ao ponto onde tentarei suprir finalmente o objetivo final desta pesquisa. Após a compreensão do percurso formativo de Gumbrecht, seguida de suas reflexões intelectuais mais primárias na teoria literária e por fim destrinchando o que podemos dizer serem suas originalidades filosóficas e historiográficas, tentarei sublinhar alguns desdobramentos importantes da obra deste autor para se enriquecer o debate historiográfico atual.

Existem basicamente dois pontos no pensamento de Gumbrecht que podem ser interpretados e em minha visão aproveitados como ensinamento, ou sugestões para os historiadores. Apesar de em meu juízo os dois aspectos que vou evidenciar não terem comparativamente entre eles a mesma relevância ou as mesmas utilidades para a pesquisa histórica.

O primeiro aspecto sugestivo do pensamento de Gumbrecht para prática historiográfica é o modelo narrativo anunciado e levado a cabo no livro *Em 1926*. Este livro para além de ser o primeiro esforço real de Gumbrecht frente os desafios dos debates historiográficos, tem outros pontos fundamentais. Basicamente existem dois argumentos centrais no livro. O primeiro deles é a ideia de que a história em função da falência das metanarrativas (como explicado no primeiro capítulo) e do colapso do cronótopo *tempo histórico* (como detalhado neste capítulo) perdeu sua função pedagógica de propor ensinamentos sobre o passado com o objetivo de propor soluções ou transformações no futuro. Esse é o auto-desafio proposto por Gumbrecht:

“O que podemos fazer com nosso conhecimento sobre o passado quando abandonamos a esperança de ‘aprender com a História’, independente de meios e custos? Esta – hoje perdida – função didática da História (pelo

menos um certo conceito desta função didática) parece estar intimamente ligada ao hábito de pensar e representar a História como uma narrativa.”<sup>149</sup>

Na busca por uma alternativa a esse modelo tradicional de narrativa que se pretende pedagógica, Gumbrecht proporrá uma maneira heterodoxa de narrar seu experimento. Essa tentativa passará claramente pelo abandono da narrativa clássica adotada desde o século XIX, ou seja, uma narrativa que serializa eventos. A solução foi naquele momento escrever o livro em verbetes num formato enciclopédico. Como observei anteriormente no primeiro capítulo a tentativa me pareceu frustrada no resultado. O próprio Gumbrecht parece reconhecer isso:

“Permanece sem resposta a questão de saber que forma discursiva promoveria com mais sucesso a ilusão de estar-num-mundo-passado. Eu optei pela estrutura enciclopédica de múltiplas entradas, usando a palavra ‘verbetes’ para me referir aos textos individuais que constituem uma enciclopédia ou um dicionário, mas também como uma forma de enfatizar que os mundos cotidianos não possuem nem simetria nem centro e, portanto, podem ser abordados por muitos caminhos diferentes.”<sup>150</sup>

Como se vê o teórico não está seguro de sua tarefa. E apesar de não estar claro que essa *fórmula* adotada seria um modelo novo, Gumbrecht está seriamente problematizando um dos pilares historiográficos e nesse sentido, essa proposta pode sim e deve ser considerada por historiadores, ainda que seja para recusá-la, pois apesar de não haver solução clara para o problema da perda da função didática da história no livro, o problema desta perda permanece diante dos historiadores. De forma que, anteriormente detalhei ainda no primeiro capítulo a irritação que Gumbrecht demonstra neste livro com as circunstâncias historiográficas sob quais ele escreve. Não é apenas irritação que o livro revela, ele revela também um tom melancólico pela sensação de frustração que Gumbrecht não esconde:

“A ironia que sublinha o meu livro, em contrapartida, talvez pudesse ser mais bem caracterizada como a ironia de um projeto que tenta re-presentar a realidade de um mundo passado apesar da (ou por causa da) sua

---

<sup>149</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Em 1926**: vivendo no limite do tempo. Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 11

<sup>150</sup> Ibidem, p.484

consciência fundamental de que esta representação é impossível. Conhecendo a impossibilidade de sua realização, o desejo de imediação não deveria degenerar-se na ilusão da imediação.”

É observando *Em 1926* entre a irritação e a melancolia que concluo não ser o livro mais feliz de Gumbrecht, ao menos para historiadores ansiosos por caminhos e soluções para as insuficiências teóricas bem conhecidas do campo da história. Os caminhos apresentados ali são bem improváveis, o próprio Gumbrecht não repetiu seu experimento e silenciou sobre o livro. A princípio nenhum trabalho historiográfico seguiu o modelo, o que me leva a crer na insuficiência historiográfica do livro. Para além disso, considero bem prejudicada a tentativa de repetir o modelo proposto por Gumbrecht. O livro certamente tem outras virtudes – como o debate que propõe sobre a narrativa histórica – para além do projeto historiográfico que ali encontramos.

De uma segunda observação do trabalho de Gumbrecht nos surge outro modelo interessante a ser seguido por historiadores, este sim bem mais estruturado e convincente – ainda que a ponte entre essa proposta e a investigação historiográfica não esteja totalmente revelada em seu texto. Refiro-me a proposta teórica detalhada no livro *Atmosphere, mood, Stimmung*. Neste livro existem importantes contribuições que podem ser ricamente aproveitadas por historiadores. O livro trata de um conceito de tradução problemática do alemão: *Stimmung*. O significado deste seria as sensações físicas e corporais similares as que temos quando nos deparamos com uma alteração climática, no caso da chuva, por exemplo, o seu cheiro e as mudanças da intensidade dos ventos, tudo isso nos faz experimentar sensações corporais. Mas especificamente a ideia se remete as sensações corporais e sensitivas que temos quando ouvimos uma música, assistimos uma dança ou uma peça de teatro, ouvimos um poema recitado ou mesmo quando lemos um texto. *Stimmung* seria então o nome para esses efeitos e sensações que temos em experiências estéticas. O importante é que essa definição de *Stimmung* é uma consequência da reflexão sobre o conceito de *presença*. Os elementos presenciais nas coisas causariam *efeitos de presença* nas pessoas, estes efeitos são na verdade o que Gumbrecht chama de *Stimmung*.

“[...] some good friends have remarked that it is fitting to indicate the associative connection between my advocacy of *Stimmung* and the larger, more or less philosophical, aim of making effects of ‘presence’ the object of humanistic inquiry. In the relationship we entertain with things-in-the-world (and this is a consequence of the process of modernization), we consider interpretation – the ascription of meaning – to be of paramount importance. In addition, I would like to emphasize that things always already – and simultaneously with our unreflective habitus of positing significations they are supposed to hold – stand in a necessary relationship to our bodies. I call this relationship ‘presence’. We may touch us (or not), and they may be experienced either as imposing or inconsequential. As described here, atmospheres and moods include the physical dimension of phenomena; unmistakably, their forms of articulation belong to the sphere of aesthetic experience. They undoubtedly belong to the presence-related part of existence, and their articulations count as forms of aesthetic experience. Of course, this does not mean that every articulation of presence that qualifies as ‘aesthetic’ also counts as an atmosphere or mood.”<sup>151</sup>

Como observado por Gumbrecht, a *stimmung* ou atmosfera é a manifestação dos efeitos de presença, ainda que nem toda *presença* manifeste essas sensações que ocorre quando temos experiências estéticas. Outra observação importante sobre as características da *stimmung* é a compreensão que ela não é uma experiência individualizada. De forma que as sensações atmosféricas que determinada música causa numa coletividade social ou cultural são comuns aos seus indivíduos. Essa característica da *stimmung* começa a nos apontar algo importante. É possível identificar experiências estéticas coletivas. É sobre essa sugestão de Gumbrecht

---

<sup>151</sup> “[...] alguns bons amigos observaram que é apropriado indicar a conexão associativa entre a minha defesa da *Stimmung* e um cada vez maior, mais ou menos filosófico, objetivo de tornar os efeitos de “presença” um objeto de investigação nas humanidades. Em nossa relação de se entreter com as coisas-no-mundo (e isso é uma consequência do processo de modernização), consideramos a interpretação - a atribuição de significado – como sendo de suma importância. Além disso, eu gostaria de enfatizar que as coisas sempre já estão - ao mesmo tempo que com o habito impensado de gerar postulados de significações que devem sempre se sustentar - também em uma relação necessária com o nosso corpo. Eu chamo esse relacionamento de ‘presença’. Podemos nós (ou não) tocar, e podemos experimentar tanto de maneira impositiva ou sem consequência. Como descrito aqui, atmosferas e estados de espírito incluem a dimensão física dos fenômenos; inequivocamente, as suas formas de articulação pertencem à esfera da experiência estética. Elas, sem dúvida, pertencem à parte relacionada com a presença de existência, e suas articulações contam como formas de experiência estética. É claro que isto não significa que cada articulação de presença que se qualifica como ‘estética’ também conta como uma atmosfera ou um humor.” *Ibidem*, p.6

com a qual historiadores devem se debruçar. É claro que quando Gumbrecht está sugerindo a possibilidade de um *novo objeto* (ainda que ele recuse a possibilidade de lidar com a *stimmung* por caminhos metodológicos tradicionais), ele está pensando em uma investigação a partir de textos literários. Como já observado antes por mim, Gumbrecht não faz diferença entre textos históricos e literários, para ele os textos estão no mesmo plano. Isso não é estranho para os historiadores, já foi superada a discussão sobre o que seriam objetos historiográficos aceitáveis ou não, e os textos literários certamente são um desses objetos.

Não estão elencados por Gumbrecht exatamente quais são os mecanismos que levam determinada coisa (texto, música, filme, entre outras formas de expressão) revelarem uma *stimmung*. “*Paintings, songs, conventions of design, and symphonies can all absorb atmospheres and moods and later offer them up for experience in a new present*”<sup>152</sup> nos diz Gumbrecht. Mas a possibilidade de que essas coisas existam e absorvam atmosferas de determinados presentes já bastam para legitimar investigações sobre elas. Sob a lógica de pensamento de Gumbrecht é natural que a percepção da *stimmung* venha à tona, ela é uma consequência do colapso do cronótopo *tempo histórico* e da nova dinâmica dos sujeitos em relação às coisas do mundo na pós-modernidade. Em seu último livro Gumbrecht nos explica que “*a Stimmung, as argued above, combines certain configurations of knowledge with the sensation that we are both involved in, and influenced by, the material world that surrounds us*”<sup>153</sup>. A *stimmung* é o encontro entre o que é razão e sensação nas coisas que estão a nossa volta e, portanto, podem perfeitamente se tornarem objetos de reflexão, exatamente como Gumbrecht faz em *After 1945* com o que ele chama de *latência* que é uma forma bem específica de experiência estética que Gumbrecht aponta no pós-guerra em todo ocidente.

Por fim entendo que determinadas experiências estéticas que se revelam comuns entre coletividades culturais ou sociais em diferentes lugares e temporalidades

---

<sup>152</sup>“Pinturas, músicas, convenções de moda, e sinfonias podem absorver atmosferas e estados de espírito e depois oferecê-los para a experiência em um novo presente.” Ibidem, p.16

<sup>153</sup>“Uma *Stimmung*, como argumentado anteriormente, combina certas configurações de conhecimento com a sensação de que estamos ambos envolvidos e influenciados por um mundo material que nos rodeia.” GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **After 1945: Latency as origin of the present.** Stanford: Stanford Press, 2013. p.34

podem e devem ser estudadas como experiências estéticas de determinadas épocas. Trata-se de consolidar a estética como uma dimensão dos objetos históricos, não pelo caminho tradicional de tentar deduzir realidades históricas materiais por trás dos objetos, mas perceber as experiências estéticas que se acumulam em determinados objetos e tentar se aproximar delas. Essa é talvez a grande contribuição da reflexão de Gumbrecht para a historiografia. Trata-se de uma tentativa de legitimar uma atividade historiográfica através de reflexões heterodoxas e não familiares aos historiadores, já bem estabelecidas nos estudos literários e filosóficos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problematização em torno de um autor e suas construções é sempre um desafio. O pesquisador medita sobre os escritos de seu *objeto*, que é basicamente um outro intelectual, com posições filosóficas que vão além da mera reflexão teórica. No estudo se encontra de tudo, desde confissões biográficas até ataques contra outros intelectuais. Essa dimensão mais privada do intelectual, muitas vezes está velada nas entrelinhas e não é apreendida de maneira sistemática. No caso de Gumbrecht essa dimensão é bem presente. Gumbrecht não nos poupa de suas confissões. Ele é de uma sinceridade intelectual invejável. Não se furta a revelar seus engasgos acadêmicos. Essa dimensão não deve ser ignorada, ao menos para mim. É ela que nos revelará a posição de onde o intelectual está falando e em direção a quem está falando. Não se debruçar sobre esses detalhes contextuais não impede alguém de entender as ideias do autor, mas tampouco permite uma compreensão mais pormenorizada de sua dinâmica de pensamento. Foi com isso em mente que decidi problematizar essa questão e sublinhá-la nas considerações finais de meu texto, ainda que em alguma medida eu tenha mencionado ela no corpo da pesquisa. Quando eu fiz isso, foi apenas a fim de esclarecer o meu leitor não familiarizado com os cenários intelectuais que Gumbrecht atuava.

Para entender esse *lugar* de Gumbrecht nas humanidades eu me concentrei em três aspectos da relação dele com o contexto intelectual que habita. A primeira observação a ser entendida sobre Gumbrecht e seu contexto intelectual é a já levantada por mim sobre suas relações teóricas no campo da teoria literária. Esse que é talvez o conflito mais claramente anunciado pelo autor. Sua insatisfação com a *desconstrução* é um pedaço bem importante de suas motivações teóricas. Mas talvez tenha ficado a impressão no leitor desta dissertação que Gumbrecht tem um verdadeiro ódio passional contra a *desconstrução* e seus porta-vozes. Essa é uma impressão equivocada, ainda que exista de fato uma insatisfação teórica. Com o amadurecimento intelectual, Gumbrecht adotou uma posição mais conciliatória com o projeto intelectual a qual ele destinou toda sua crítica.



Em primeiro lugar é necessário entender que Gumbrecht não esteve solitário em sua insatisfação epistemológica. Sua vinculação ao grupo que ele mesmo tratou de ser um dos organizadores – me refiro aos participantes dos tão comemorados colóquios de Dubrovnik nos anos 1980 – é um sinal de que existiu um projeto não tão institucionalmente coerente e organizado como o seu *adversário* na crítica literária, quanto era a *desconstrução*, mas ainda sim um projeto intelectual que tinha alguma coerência interna de ideais. Gumbrecht se refere certa vez a este grupo de uma maneira que nos diz muito:

“Sem dúvida, o primeiro dos três colóquios de Dubrovnik [...] pode ser explicado, em retrospectiva, como uma tentativa de explorar uma prática neo-histórica em sentido lato. Provavelmente, o domínio (pelo menos numérico) de acadêmicos alemães entre os participantes nesses encontros fez com que a abordagem desconstrucionista tenha ficado relativamente à margem. Acima de tudo, porém, a escolha do tópico ‘materialidades da comunicação’ para o quarto colóquio ainda assinalou o desejo de um estilo intelectual ‘mais duro’ e, nesse caso específico, de um grupo de tópicos ‘mais duros’.”<sup>154</sup>

Certamente ainda está para ser sistematizada a interpretação de que há um grupo relativamente organizado em torno da *materialidade da comunicação* e que ele está fazendo frente ao projeto intelectual da *desconstrução*. Essa perspectiva é revelada pelo próprio Gumbrecht quando compõe esse grupo de uma tonalidade germânica em oposição a uma outra francesa, bem como quando menciona o centro que esses intelectuais orbitam, *as materialidades da comunicação*. Este é um ponto chave para compreender Gumbrecht, ele está se filiando a um grupo, ainda que este grupo não seja completamente compreendido como um grupo unitário por comentadores filosóficos. Entre esse grupo de intelectuais podemos citar alguns nomes mais conhecidos tais como Niklas Luhmann, Friedrich Kittler, Paul Zumthor, Wlad Godzich e Karl Pfeiffer.

As considerações teóricas em torno da *materialidade da comunicação* vão contra as premissas epistemológicas sobre as quais a *desconstrução* se estabeleceu. É assim

---

<sup>154</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Produção de presença**: O que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010. p. 149

que sugiro como podemos posicionar Gumbrecht nas humanidades, a partir desta sua tomada de posição teórica clara. Sobre o enfrentamento teórico propriamente dito, é necessário dizer que após a morte de Derrida, Gumbrecht escreveu um artigo chamado *Desconstrucionismo na América: uma história de contornos marcantes*<sup>155</sup> no qual ele faz um balanço sobre a hegemonia que a *desconstrução* teve institucionalmente nas universidades americanas durante quase três décadas e como essa hegemonia começava a dar sinais de cansaço na década de 2000. Para Gumbrecht é como uma espécie de *vitória* filosófica. Mas como eu disse anteriormente, em termos teóricos Gumbrecht se preocupou em não agir com radicalismos e sim adotar uma postura mais conciliadora. Ele nos diz:

“Eu não tenho nada contra interpretar, nem tampouco contra as Ciências Humanas se concentrarem em parte sobre institucionalização da interpretação, que com certeza é importante. Eu não seria maluco, por exemplo, para ir contra a *análise de discurso*, eu acho isso importante. Mas vou repetir uma coisa, o problema para mim é assim: eu acho que aquele sonho de referencialidade produz a energia de nossas culturas de passado, nossas culturas de história e se você abandona isto completamente, eu tenho o temor que então você vai acabar basicamente, por produzir uma infinidade de variações de certos temas, uma música ruim sempre tocando a mesma coisa, vai perdendo aquele fascínio.”<sup>156</sup>

Não é a primeira vez que Gumbrecht revela essa postura de uma possibilidade de coexistência teórica entre seu projeto e as tradicionais práticas hermenêuticas. No livro *Produção de presença*, ele também fala da perfeitamente aceitável possibilidade da harmonia entre as duas práticas. O que incomoda Gumbrecht, eu diria, é o radicalismo oposto de negar por completo a racionalidade de um discurso que por ventura arrisque esforços para demonstrar a referencialidade textual. Num gesto de elegância Gumbrecht demonstrou admiração por Derrida, o que endossa essa minha leitura de uma atitude de tolerância teórica.

---

<sup>155</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. *Desconstrucionismo na América; uma história de contorno marcantes*. **Floema**. Vitória da Conquista, ano 1, n.1, p. 55 – 62, 2005.

<sup>156</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. Entrevista de Hans-Ulrich Gumbrecht. **Dimensões**, Vitória, vol.30, jan/jun 2013. Entrevista concedida a Julio Bentivoglio e Thiago Brito. p. 3-16.

“Apesar de admitir e insistir que eu e Jacques Derrida, no que se refere à ressonância e à reputação, simplesmente não “jogamos (nem hoje, nem ontem) no mesmo time” (como popularmente se diz); e apesar de minhas ambições intelectuais serem ilimitadas, eu sempre tive a impressão de que não há, na realidade, tensão (sem falar contradição) entre “ausência”, como leitmotiv na filosofia de Derrida, e minha própria inclinação pela “presença”. Eu tive muita sorte de ter a oportunidade de discutir justamente essa questão pessoalmente com Jacques Derrida, na ocasião de suas duas visitas a Stanford, poucos anos antes de sua morte. Assim, quero aproveitar esta oportunidade para agradecer-lo postumamente por sua gentil (e intelectualmente muito comovente) compreensão. A insistência de Derrida sobre a “ausência” parece concernir originalmente àquilo que ele vê como a impossibilidade da alegação de Husserl de que a consciência humana, em uma situação de auto-reflexividade e autocompreensão, pode estar no pleno controle daquilo que podemos denominar de totalidade dos “conteúdos de consciência”. Este, creio eu, é o lugar do conceito de “différance”, ou seja, esta plenitude de compreensão auto-reflexiva precisa ser sempre e incessantemente “diferida”. Mais tarde, os textos de Derrida demonstraram uma tendência para transformar o tema (motif) em um lamento pela impossibilidade de apreender o mundo dos objetos..”<sup>157</sup>

Não acredito que toda uma vida intelectual de alegação teórica contra um paradigma epistemológico possa ser anunciada como uma espécie de mal entendido. Apesar de que é de fato possível entender a *ausência* e a *presença* como complementaridades. Esse conflito latente na postura intelectual de Gumbrecht tem um último capítulo que creio poder ser utilizado como o término de minha especulação. No livro *Atmosphere, mood, Stimmung* Gumbrecht irá nos dizer precisamente o que espera de sua teoria e exatamente qual o lugar que ela deve ocupar.

“I believe that literary studies, as a site where intellectual forces combine, risk stagnation for as long as it remains stuck between these two positions, whose contrasts and tensions can cancel each other out. To overcome such dangers – which have already materialized in part – we need ‘third

---

<sup>157</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. Questões para Hans-Ulrich Gumbrecht. **Floema**, Vitória da Conquista, ano 1, n.1, p.13 – 42, 2005. Entrevista concedida a João Cezar de Castro Rocha, Kathrin Rosenfield, Marília Librandi Rocha e Ricardo Barbosa

positions'. The German word *Stimmung* (which is very difficult to translate) gives form to the 'third position' I would like to advocate."<sup>158</sup>

Gumbrecht está falando sobre duas posições específicas na teoria literária ocidental. De um lado a *desconstrução* e suas *ausências*, e de outro os *estudos culturais* que é uma corrente teórica da literatura quase nunca lembrada por Gumbrecht e que tem ainda em sua composição intelectual uma base de pensamento marxista muito clara e compromissada. A prática de percepção da *stimmung* estaria então como uma terceira via para a crítica literária, e acima de tudo uma opção de matriz de produção de conhecimento literário.

Dito isso, é necessário perceber que Gumbrecht, como me referi anteriormente, com o passar dos anos adotou uma postura conciliatória com a *desconstrução*, tanto no campo teórico quanto no campo institucional. É notável que ele tenha feito isso sem cair na tentação filosófica de menosprezar seus opositores. Isso certamente o engrandece. Ainda que ele tenha a crença bem sedimentada de que em alguma medida o paradigma epistemológico adotado e radicalizado pela *desconstrução* está em crise e dando lugar a outras formas epistemológicas. Portanto é possível compreender o papel de Gumbrecht e suas propostas teóricas posicionadas no campo de disputas epistemológicas correntes na teoria literária. Esse é um primeiro passo para entender Gumbrecht e suas relações teóricas nas humanidades.

O segundo ponto de minha tentativa de contextualização no plano das humanidades é, após entender a posição de Gumbrecht no campo de teoria literária, compreender então sua posição no cenário pós-moderno. Eu estou de pleno acordo com Gumbrecht quando ele mesmo afirma que estamos num momento radicalmente diferente do momento *moderno*. Isso fica evidente principalmente na sua reflexão sobre a dinâmica *da temporalidade*. Esse assunto que discuti anteriormente é a chave para entender como Gumbrecht vê o debate pós-moderno. Nesse sentido, eu irei além de Gumbrecht e provo, ao considerar que a própria lógica de

---

<sup>158</sup> "Eu acredito que os estudos literários, são um local onde forças intelectuais se combinam, há o risco de estagnação enquanto ele permanece preso entre essas duas posições, cujos contrastes e tensões podem se anular mutuamente. Para superar tais perigos - que já se concretizaram em parte - precisamos de 'terceiras posições'. A palavra alemã *Stimmung* (que é muito difícil de traduzir) dá forma a 'terceira posição' que eu gostaria de defender." GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Atmosphere, mood, stimmung**: on a hidden potential of literature. Califórnia: Stanford University Press, 2012. p.3

pensamento de Gumbrecht é um sintoma da pós-modernidade. Afirmando isso em virtude do que os intelectuais que pensaram as características da pós-modernidade entendem como sendo o seu principal elemento. Tentarei detalhar a seguir o modo como a pós-modernidade pode ser entendida a partir de algumas interpretações correntes como o tempo onde as coisas (e o próprio conhecimento) tendem a uma estetização.

O debate em torno da pós-modernidade no calor do momento *pós-moderno* nos apontou uma característica bem peculiar da pós-modernidade. Essa característica é a tendência de estetizar as coisas. Ou seja, ao debater os problemas filosóficos e até os do cotidiano, somos inclinados a fazê-lo pela dimensão estética. A título de exemplo corroboro e cito o argumento de Gianni Vattimo sobre a dimensão epistemológica do momento que vivemos, o filósofo italiano e expoente do debate sobre pós-modernidade que nos diz:

“Se tudo isso, como me parece, pode ser verdadeiramente indicado como a afirmação, na epistemologia contemporânea, de um modelo estético da historicidade diante do desenvolvimento cumulativo, fundamentalmente teórico e cognoscitivo, o que daí resulta é também o reconhecimento de uma ‘responsabilidade’ peculiar do estético. Não tanto e não só da estética como disciplina filosófica, mas do estético como esfera da experiência, como dimensão da existência, que assume, assim, um valor emblemático, de modelo precisamente, para pensar a historicidade em geral”<sup>159</sup>

É neste sentido que entendo uma das principais dinâmicas da pós-modernidade. Uma epistemologia que funciona no modelo estético da historicidade. Ou seja, a dimensão estética como valor central dos conhecimentos e conteúdos na pós-modernidade. Uma estetização da historicidade é ao fim e ao cabo, uma estetização do próprio conhecimento histórico. E aqui chegamos a Gumbrecht. Para Gumbrecht, há um processo de estetização da história em curso. E isso deve ser encarado com naturalidade.

---

<sup>159</sup> VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade: Nihilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p.91

“O que mais me interessa no campo da história, a *presentificação* de mundos passados – ou seja, as técnicas que produzem a sensação (ou melhor, a ilusão) de que os mundos do passado podem tornar-se de novo tangíveis – é uma atividade sem qualquer capacidade de explicar os valores relativos das diferentes formas de experiência estética (desde que tais explicações sejam aquilo que estávamos habituados a pensar como função do conhecimento histórico em relação à estética). Mas, como a nova concepção do campo da história partilha com o campo da estética o componente distintivo de presença, e como não pretende oferecer nenhuma orientação ética imediata ou mesmo “política”, o programa de presentificação presta-se à acusação tradicional de estar promovendo uma ‘estetização da história’. Minha primeira linha de defesa seria simplesmente devolver a pergunta sobre o que estaria errado com tal estetização”.<sup>160</sup>

A convicção de Gumbrecht é impactante. Sua aceitação rasgada da estética como principal dimensão do conhecimento histórico é até exagerada – para o ponto de vista mais conservador – sobre o significado da história. Mas é por isso que lanço a seguinte hipótese: dadas condições que formatam o que estamos nos referindo como *pós-modernidade* – ou seja, a ideia de um avanço da estética como campo de problematização que teria ficado ofuscado durante boa parte da modernidade – é legítimo entender Gumbrecht e suas ideias como uma consequência quase natural de uma *atmosfera* pós-moderna que perpassa todo o Ocidente desde meados dos anos 1980. Esta é precisamente a segunda observação que tenho a fazer sobre a contextualização intelectual de Gumbrecht.

Por fim, menciono a possível posição de Gumbrecht no contexto historiográfico (ou uma parte deste contexto) do mundo anglo-americano. A historiografia anglo-americana é multifacetada e tão ou mais complexa do que a teoria literária deste mesmo ambiente. É certamente possível arriscar um *mapa* para descrevê-la. É possível localizar em termos historiográficos um grupo que orbita as posições de Hayden White e suas propostas de compreensão meta-histórica. Podemos nos referir a esse grupo como os historiadores *narrativistas*.<sup>161</sup> Não me adentrarei nos

---

<sup>160</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010. p.123.

<sup>161</sup> Para uma introdução ao problema da narrativa no contexto intelectual anglo-americano ver OITI, Carlos. **A história, a retórica e a crise dos paradigmas**. Goiânia: CegrafUFG, 2012 e também VASCONCELOS, José Antonio. **Quem tem medo de teoria?** São Paulo: FAPESP, 2005.

detalhes desse contexto historiográfico corrente nos Estados Unidos, mas posso dizer que Gumbrecht foi pouco recebido por esse grupo. Parece-me que há certa indiferença em relação à Gumbrecht na historiografia norte-americana e houve pouca recepção de seus debates. Por outro lado, não podemos dizer o mesmo da historiografia inglesa. Na Inglaterra há indícios de uma pequena recepção da dimensão historiográfica do trabalho de Gumbrecht.

Recentemente emergiu na historiografia inglesa a figura do historiador Alun Munslow, que é ainda praticamente um desconhecido no Brasil. A proposta teórica de Alun Munslow se refere a um *desconstrucionismo* na história. Essa teoria chegou ao Brasil recentemente no livro *Desconstruindo a História*.<sup>162</sup> Munslow tem uma proposta inovadora para compreender a historiografia. Apesar do nome *desconstrucionismo* como título da prática teórica proposta por Munslow, sua teoria tem pouca ligação com as práticas do filósofo Derrida. Em seu livro ele aponta como suas principais influências o filósofo Michel Foucault e o historiador Hayden White. Estes seriam os *pais* da teoria *desconstrucionista* na historiografia.

Em sua proposta teórica Munslow adota uma nova divisão para se compreender a historiografia ocidental. Ao considerar sem nenhum pudor a história como um gênero literário filiado as práticas do realismo literário, Munslow aponta três modelos básicos da narrativa historiográfica. Esses são os modelos *reconstrucionista*, *construcionista* e o *desconstrucionista*. Cada um destes modelos tem sua própria dinâmica narrativa.

O que nos importa neste processo é que em seu livro organizado em parceria com o historiador Keith Jenkins, chamado *The nature of history reader*<sup>163</sup>, Munslow e Jenkins classificam o trabalho de Gumbrecht, a partir de seu livro *Em 1926*, como um exemplo do que eles chamam de narrativa desconstrucionista. A definição de historiadores que trabalham com essa proposta de compreensão de *narrativa desconstrucionista* são definidos por Munslow:

---

<sup>162</sup> MUNSLOW, Alun. **Desconstruindo a História**. Petrópolis: Vozes, 2009.

<sup>163</sup> MUNSLOW, Alun. **The nature of history reader**. New York: Routledge, 2004.

“From a perspective that assumes that history is much a narrative-linguistic aesthetic as it is an empirical-analytical activity, deconstructionist historians tackle and go beyond what they believe to be the limited possibilities of reconstructionism and constructionism. Among the assumptions of epistemology they question are: the epistemological principle of empiricism whereby content (the past) must always determine its narrative shape (form); the existence of a discoverable plotment (that the story exists in the action/intentions of historical agents), and that the ontological separation of knower (historian/being) and know (the past/history) leads to objectivity. Deconstructionist also critique correspondence and coherence theories of knowledge (referentiality); the notion of inference and truthful statement (explanation to the best fit); the clear distinction between fact and fiction; the subject-object division (objectivity); representationalism (accurate representation), and the idea that the appropriate use of social theory (concept and argument) can generate truth-statements.”<sup>164</sup>

De fato – da maneira como Munslow define a prática *desconstrucionista* – Gumbrecht não parece acreditar em nenhuma das crenças dos historiadores acerca da possibilidade concreta de reconstrução ou construção do passado, mas acredito que tampouco o agradaria ser classificado como autor de uma narrativa *desconstrucionista* (ainda que não seja o desconstrucionismo proposto por Derrida). Gumbrecht possivelmente corre por fora dessas definições levantadas por Munslow. Na introdução sobre os textos que compõem exemplo de narrativas desconstrucionista do mesmo livro Munslow define os critérios para fazer a seleção:

“Texts in the genre of deconstruction are texts which undercut the Idea of the narrator as nobody and stress the author’s creative role. Dispensing with

---

<sup>164</sup> “A partir de uma perspectiva que assume que a história é muito mais uma estética linguístico-narrativa, pois é uma atividade empírico-analítica, os historiadores desconstrucionistas enfrentam e vão além do que eles acreditam serem as possibilidades limitadas do reconstructionismo e do constructionismo. A partir de premissas epistemológicas suas questões são: o princípio epistemológico do conteúdo empírico (o passado) sempre deve determinar o seu formato narrativo (forma); a existência de um roteiro perceptível (que a história existe na ação / intenções dos agentes históricos), e que a separação ontológica da conhecedor (historiador / ser) e conhecimento (o passado / história) leva a objetividade. O desconstrucionista também critica a correspondência e a coerência das teorias do conhecimento (referencialidade); a noção de inferência e de argumento verídico (explicação da melhor maneira); a clara distinção entre fato e ficção; a divisão sujeito-objeto (objetividade); representacionalismo (representação precisa), e a idéia de que o uso adequado da teoria social (conceito e argumento) pode gerar declarações verdadeiras.” Ibidem, p.12



linear narratives in favour of multi-voiced, multi-perspectival, multi-levelled, fragmented arrangements, such writing plays with the possibility of creating new ways of representing and figuring 'the before now'. This writing is thus often experimental and stylistically innovative, the negative aspects of deconstruction opening up the possibility of positive re-articulations often positions informed by overtly expressed."<sup>165</sup>

Tomando por base o modelo narrativo (ou anti-narrativo) e historiográfico proposto no livro *Em 1926* podemos em alguma medida ter características elencadas por Munslow em seus critérios de definição, mas é uma opção difícil de ser sustentada quando olhamos para as ideias de Gumbrecht em sua totalidade. Em primeiro lugar, como eu sugeri no terceiro capítulo, Gumbrecht não avançou com o modelo narrativo existente no livro em outras ocasiões. Seu projeto intelectual parece ter caminhado em uma direção muito diferente daquele experimento, com um retorno a crítica literária e a produção do conceito de *stimmung*.

Essas três considerações são sugestões para tentar compreender o lugar de destaque que Gumbrecht ocupa nas humanidades. É talvez irrelevante esse tipo de pensamento para intelectuais americanos. A tradição anglo-americana abandonou em alguma medida as divisões entre disciplinas e metodologias, mas para o contexto brasileiro é necessário ainda fazer esse tipo de esforço. E é ainda mais necessário pelo relativo desconhecimento de Gumbrecht entre historiadores no Brasil. Os pesquisadores distantes das áreas de filosofia da história e historiografia possivelmente ainda não entraram em contato com as ideias de Gumbrecht.

A necessidade de um *posicionamento* foi o que moveu esse texto final. Acredito ser possível pensar em Gumbrecht a partir dos três parâmetros que sugeri. Eles não estão completamente encerrados, nem são uma sentença final sobre a leitura de Gumbrecht, são apenas possibilidades. Possibilidades que deixo para aqueles

---

<sup>165</sup> "Textos no gênero de desconstrução são textos que minam a idéia do narrador ausente e estressam o papel criativo do autor. Dispensando narrativas lineares em favor de múltiplas vozes, múltiplas perspectivas, múltiplos níveis, arranjos fragmentados, tal escrita convive com a possibilidade de criação de novas formas de representação e de desvendar 'o antes do agora'. Esta escrita é, portanto, muitas vezes experimental e estilisticamente inovadora, os aspectos negativos da desconstrução abrem possibilidades de re-articulações positivas de posições já formadas e abertamente conhecidas e expressas." Ibidem, p.115

interessados em usufruir das reflexões deste autor em suas pesquisas, que espero sejam múltiplas, dados os novos caminhos epistemológicos que se projetam e criam esperanças no horizonte da historiografia brasileira.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Obras de Hans-Ulrich Gumbrecht

GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **After 1945: Latency as origin of the present.** Stanford: Stanford University Press, 2013.

GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **As funções da retórica parlamentar na revolução francesa:** Estudos preliminares para uma pragmática histórica do texto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Atmosphere, Mood, Stimmung:** On a hidden potential of literature. Stanford: Stanford University Press, 2012.

GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Corpo e forma:** Ensaio para uma crítica não-hermeneutica. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1998.

GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Elogio da beleza atlética.** São Paulo: Companhia das letras, 2007.

GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Em 1926:** Vivendo no limite do tempo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Graciosidade e estagnação:** ensaios escolhidos. Contraponto: Rio de Janeiro, 2012.

GUMBRECHT, Hans-Ulrich. PFEIFFER, Karl Ludwig. **Materialities of Communication.** Stanford: Stanford University Press, 1994.

GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Modernização dos sentidos.** São Paulo: Editora 34, 1998.

GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Produção de presença**: O que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

### **Demais obras:**

ADORNO, Theodor W. et al. **Aesthetics and politics**. London; New York: Verso, 2007.

ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura I**. São Paulo: Ed. 34, 2003.

ADORNO, Theodor W. **Teoria estética**. Lisboa: Edições 70, 1993.

ANDERSON, Perry. **In the Tracks of Historical Materialism**. Chicago: The University of Chicago Press, 1984.

ANKERSMIT, F. R. **Historical representation**. Stanford, Calif.: Stanford University Press, 2001.

ANKERSMIT, F. R.; KELLNER, Hans (Ed.). **A New philosophy of history**. Chicago, Ill.: University of Chicago Press, 1995.

ANKERSMIT, F. R.; DOMANSKA, Ewa; KELLNER, Hans (Ed.). **Re-figuring Hayden White**. Stanford, Calif.: Stanford University Press, 2009.

AUERBACH, Erich. **Figura**. São Paulo: Ática, 1997.

AUERBACH, Erich. **Introdução aos estudos literários**. São Paulo: Cultrix, 1970.

AUERBACH, Erich. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1994.

BAKHTIN, M. M. **The dialogic imagination**. Austin: University of Texas Press, 1981.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato responsável**. 2. ed. São Carlos, SP: Pedro & João Ed., 2012.

BAKHTIN, M. M. **Questões de literatura e de estética**: (a teoria do romance). 3. ed. - São Paulo: UNESP: Hucitec, 1993.

BARTHES, Roland; ECO, Umberto; TODOROV, Tzvetan. **Análise estrutural da narrativa**: pesquisas semiológicas. 4. ed. - Petrópolis: Vozes, 1976.

BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. 9. ed São Paulo: Cultrix, 1988.

BARTHES, Roland. **Escrever... para que? para quem?** -. Lisboa: Edições 70, 1975.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Legislators and interpreters**: on modernity, post-modernity and intellectuals. Cambridge: Polity press, 1987.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos**. 2. ed. - Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

BENJAMIN, Walter. **Sobre arte, técnica, linguagem e política**. Lisboa, Portugal: Relógio D'Água, 1992.

BURKE, Peter. **A Escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

BURKE, Peter; PORTER, Roy. **História social da linguagem**. São Paulo: UNESP, 1997.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2002.

CHARTIER, Roger,. **Formas e sentido**: cultura escrita: entre distinção e apropriação.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre praticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa [Portugal]: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CHARTIER, Roger (Org., dir.). **Práticas da leitura**. 4. ed. rev. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

COSTA LIMA, Luiz. **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. **Correntes históricas na França**: séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: FGV, 2012.

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DERRIDA, Jacques. **Margens da filosofia**. Campinas: Papyrus, 1991.

DERRIDA, Jacques. **Torres de Babel**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

DOCHERTY, Thomas (Org.). **Postmodernism: a reader**. New York: Columbia University Press, 1993.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2007.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Edições 70, 2005.

FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica**. São Paulo: Cultrix, 1973.

FRYE, Northrop. **O caminho crítico: um ensaio sobre o contexto social da crítica literária**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

GADAMER, Hans-Georg. **Estética y hermenéutica**. 3. ed. Madrid: Tecnos, 2006.

GADAMER, Hans-Georg. **Hermenêutica em retrospectiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

GADAMER, Hans-Georg. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **O problema da consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 1998.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista: Universitária São Francisco, 2007.

GINZBURG, Carlo. **Relações de força**: história, retórica, prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HABERMAS, Jürgen. **Agir comunicativo e razão destrancendentalizada**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

HABERMAS, Jürgen. **Dialética e hermenêutica**. Porto Alegre: LPM, 1987.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**: doze lições. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade**: presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2013.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich,. **Cursos de estética**. 2. ed. - São Paulo: EDUSP, 2001.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich; HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **A fenomenologia do espírito**: introdução a história da filosofia. 4. ed. - São Paulo: Nova Cultural, 1989.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. 2. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2004.

HEIDEGGER, Martin. **Os conceitos fundamentais da metafísica**: mundo, finitude, solidão. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2006.

HEIDEGGER, Martin. **A origem da obra de arte**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1992.



HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. 3. ed. Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2008.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. São Paulo: Ed. 34, c1999.

ISER, Wolfgang.; JAUSS, Hans Robert. **A Literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. 2. ed. rev. e ampl. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. 2.ed. São Paulo: Ática, 2006.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação a teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

JENKINS, Keith (Org).. **The postmodern history reader**. New York: Routledge, 1997.

JENKINS, Keith. **A história repensada**. 3. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2007.

LUHMANN, Niklas. **Art as a social system**. Califórnia: Stanford University Press, 2000.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 11. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2009.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

MARCUSE, Herbert. **A dimensão estética**. São Paulo: M. Fontes, 1977.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Escritos sobre história**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2005.

OITI, Carlos. **A história, a retórica e a crise dos paradigmas**. Goiânia: CegrafUFG, 2012.

MUNSLOW, Alun. **Desconstruindo a História**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MUNSLOW, Alun. **The nature of history reader**. New York: Routledge, 2004.

RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações**: ensaios de hermenêutica. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

RICOEUR, Paul; THOMPSON, John B. **Hermeneutics and the human sciences**: essays on language, action and interpretation. Cambridge: Cambridge University Press; Paris: Maison des Sciences de l'Homme, [1981].

RICOUER, Paul. **História e verdade**. Rio de Janeiro: Forense, 1968.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2010.

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação**: o discurso e o excesso de significação. Lisboa: Edições 70, c1976.

SARTRE, Jean Paul. **Que e a literatura?**. São Paulo: Ática, 1989.

SAUSSURE, Ferdinand de; BALLY, Charles; RIEDLINGER, Albert.; SECHEHAYE, Albert. **Curso de linguística geral**. 20. ed. - São Paulo: Cultrix, 1997.

VASCONCELOS, José Antonio. **Quem tem medo de teoria?** São Paulo: FAPESP, 2005.

VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade**: Niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. 4. ed. - Brasília: UNB, 1998.

WHITE, Hayden V. **The content of the form:** narrative discourse and historical representation. Baltimore, Md.; London: Johns Hopkins University Press, 1990.

WHITE, Hayden V. **The fiction of narrative:** essays on history, literature, and theory, 1957-2007. Baltimore, Md.: Johns Hopkins University Press, 2010.

WHITE, Hayden V. **Figural realism:** studies in the mimesis effect. Baltimore, Md.: John Hopkins University Press, 2000.

WHITE, Hayden V. **Meta-história:** a imaginação histórica do século XIX. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1995.

WHITE, Hayden V. **Trópicos do discurso:** ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: EDUSP, 1994.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura.** São Paulo: Ática, 2004.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz:** a 'literatura' medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura.** [2.ed. rev. e ampl.]. São Paulo: Cosac Naify, 2007.